



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**NA FRONTEIRA ENTRE O PSICODRAMA E A GESTALT-TERAPIA: AS  
DINÂMICAS ENTRE A SUBJETIVIDADE DO TERAPEUTA, AS COMUNIDADES  
CIENTÍFICAS E A ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA**

ÉRICO DOUGLAS VIEIRA

Goiânia 2015

**NA FRONTEIRA ENTRE O PSICODRAMA E A GESTALT-TERAPIA: AS  
DINÂMICAS ENTRE A SUBJETIVIDADE DO TERAPEUTA, AS COMUNIDADES  
CIENTÍFICAS E A ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA**

**Doutorando: Érico Douglas Vieira**

**Orientador: Prof. Dr. Luc Vandenberghe**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para a defesa como requisito parcial para a obtenção do título de doutor.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luc Vandenberghe – Presidente

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian Erichsen Nassif - Membro Convidado Externo

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilúcia Pereira do Lago – Membro Convidado Externo

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kátia Barbosa Macêdo – Membro Convidado Interno

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriana Bernardes – Membro Convidado Interno

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Sacramento Zanini – Membro Suplente Interno

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helenides Mendonça – Membro Suplente Interno

Goiânia  
PUC Goiás  
2015

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

Vieira, Érico Douglas.

V658f Na fronteira entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia [manuscrito] : as dinâmicas entre a subjetividade do terapeuta, as comunidades científicas e a articulação teoria e prática / Érico Douglas Vieira. – Goiânia, 2015.  
222 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Psicologia, 2015.

“Orientador: Prof. Dr. Luc Vandenberghe”.

Bibliografia.

1. Psicodrama. 2. Gestalt-terapia. 3. Subjetividade. I. Título.

CDU 159.964.28(043)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha esposa Grazi por ser a pessoa mais importante da minha vida. Obrigado pela nossa parceria de amor, companheirismo, cumplicidade, dedicação e pela alegria que você me proporciona. A sua presença me dá força, sossego e vontade de ir adiante.

Agradeço às minhas filhas Letícia e Isabela que preenchem de significado a minha vida.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Luc Vandenberghe pela dedicação e compromisso. Sem este apoio não teria chegado até o final da tese. Fico muito grato por ter dividido os momentos da orientação com um profissional tão inteligente e competente.

À minha família de origem, meus pais Baião e Imaculada e meus irmãos Bruno e Pablo, pelo amor que sempre recebi.

Aos profissionais do Psicodrama e a da Gestalt-terapia que entrevistei para a pesquisa. Seus exemplos como pioneiros e líderes inspiram muitos psicodramatistas e gestalt-terapeutas. Permanece comigo a imensa admiração pela trajetória de cada um.

Agradeço às professoras Kátia Barbosa Macedo e Marilúcia Pereira do Lago pela participação nas minhas bancas de qualificação e defesa. As sugestões recebidas na qualificação foram extremamente úteis para o desenvolvimento final da tese.

Agradeço à Adriana Bernardes e à Lilian Erichsen Nassif pela disponibilidade em compor a banca de defesa da minha tese.

Agradeço aos professores Lauro Nalini e Cristiano Coelho, ex-coordenador e coordenador atual do programa, respectivamente, pelo importante apoio que recebi.

Agradeço à funcionária Martha Diniz pela gentileza e profissionalismos sempre presentes.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - pela bolsa de doutorado concedida. Desejo que continue apoiando os pesquisadores brasileiros.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 O Movimento de Integração em Psicoterapia .....	12
1.2 O Psicodrama .....	18
1.3 A Gestalt-terapia .....	22
1.4 Gestalt-terapia e Psicodrama como candidatos à integração .....	25
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>29</b>
2.1 Objetivo geral .....	29
2.2 Objetivos específicos .....	29
<b>3 MÉTODO .....</b>	<b>30</b>
3.1 Tipo de estudo .....	31
3.2 Participantes .....	33
3.3 Procedimentos .....	39
<b>4 PUBLICAÇÕES .....</b>	<b>45</b>
4.1 Artigo 01 - A percepção de psicodramatistas e gestalt-terapeutas sobre os fatores facilitadores de integração entre as suas abordagens .....	46
4.2 Artigo 02 - Possibilidades de diálogos entre abordagens humanistas: escutando vivências de psicodramatistas e gestalt-terapeutas .....	69
4.3 Artigo 03 - Obstacles to the integration between humanist approaches: a brazilian perspective.....	95
4.4 Artigo 04 - Caminhos e benefícios da intradisciplinaridade em Psicoterapia: diálogos entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia .....	114
4.5 Artigo 05 - Entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia: encontros, obstáculos e perspectivas.....	139
<b>5 DISCUSSÃO .....</b>	<b>157</b>
5.1 A questão central de pesquisa e a tese desenvolvida.....	158

5.2	Fatores que aproximam o Psicodrama e a Gestalt-terapia.....	171
5.3	Obstáculos à integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia.....	177
5.4	Obstáculos para a integração: competição e cooperação entre abordagens.....	181
5.5	Fronteira produtiva: intercâmbios entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia.....	185
5.6	Significados da integração na literatura e nos dados da pesquisa.....	191
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>199</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>207</b>
	<b>ANEXO – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa .....</b>	<b>214</b>
	<b>APÊNDICES</b>	
	Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	215
	Apêndice B – Roteiro de Entrevista .....	217
	Apêndice C - Tabela completa com categorias, subcategorias e códigos .....	219

## RESUMO

O campo das psicoterapias oferece uma profusão de saberes e práticas que inclui diversos pressupostos epistemológicos e ontológicos sobre o ser humano e a natureza da mudança. A possibilidade de integração entre as abordagens é assunto controverso. Até mesmo o diálogo entre elas é difícil. O movimento de integração em psicoterapia busca mudar nesse quadro. Superar o isolamento intelectual de uma única abordagem pode ajudar o psicoterapeuta a ampliar sua ação e ajudar as abordagens a refinarem e afinarem seus ensinamentos. Os detratores invocam uma potencial desorganização intelectual como consequência de tais tentativas. O objetivo da presente pesquisa foi investigar como gestalt-terapeutas e psicodramatistas percebem e vivem, na prática, as possibilidades de integração entre suas abordagens. Através de entrevistas individuais narrativas de 22 profissionais foram colhidas, 11 de cada abordagem. A Teoria Fundamentada nos Dados foi adotada como método para construir um modelo teórico que explica como os terapeutas percebem e vivem as possibilidades de integração. A intenção, ao escolher esse método, era de contribuir com novas perspectivas, não baseadas em teorias já formuladas, mas na realidade viva dos terapeutas. As categorias que emergiram da análise das entrevistas dão voz a quem se encontra na realidade da prática profissional. O modelo construído a partir dessas categorias retrata a fronteira entre o Psicodrama e a Gestalt terapia como ela é vivenciada pelos participantes. A partir das narrativas dos profissionais foram mapeadas forças que aproximam e afastam as duas abordagens. Três eixos dominam a dinâmica dessas forças: a articulação entre teoria e prática, as comunidades científicas e a subjetividade do psicoterapeuta. Assim, a tese central sustentada pelo presente trabalho é a de que as dinâmicas de integração e as atitudes dos psicólogos frente ao diálogo entre abordagens não podem ser compreendidas a partir de argumentos racionais relativos à articulação científica. As dinâmicas e atitudes são resultado da interação entre processos subjetivos, sociais e institucionais. Assim, o profissional que se interessa por um diálogo com a outra abordagem transita na interface entre articulações teóricas que possuem sentidos subjetivos decorrentes da história do profissional e implicações sociais impostas pelas relações institucionais. Tal interface é governada pelas dinâmicas entre as comunidades e as instituições profissionais envolvidas. A subjetividade do psicoterapeuta se desvela nas necessidades de pertencimento grupal, nos efeitos da sua trajetória passada na abordagem de filiação e nas suas experiências prévias em relação com as demais teorias. Por outro lado, nas dinâmicas entre as comunidades e instituições, a competição por recursos simbólicos e materiais é uma força importante que afasta o diálogo e a integração. A articulação entre teoria e prática está relacionada com as tentativas constantes de cada abordagem para responder aos desafios de conceituar a práxis em psicoterapia. A constituição e evolução das abordagens são viabilizadas pela circulação e incorporação de conceitos. Assim, a intradisciplinaridade em psicoterapia contribui para a vitalidade do campo, ajuda a desobstruir as disciplinas e amplia as possibilidades de ação e compreensão do psicoterapeuta. Existe, nesse sentido, uma prática de trocas entre as abordagens. Mas esta é eclipsada pela desqualificação da “outra” abordagem no discurso acadêmico e institucional. Um processo de fusão da identidade profissional com conceitos e ideias da comunidade à qual o profissional pertence enseja forte laço de lealdade com a abordagem. Estudos sobre diálogos entre abordagens dificilmente podem compreender os processos envolvidos quando deixam de incluir estes diferentes eixos de interação. Tais estudos deveriam levar em consideração não somente as implicações clínicas e epistemológicas, mas também questões subjetivas, sociais e institucionais.

**Palavras-chave:** Psicodrama; Gestalt-terapia; Integração; Epistemologia; Subjetividade do terapeuta.

# **ON THE FRONTIER BETWEEN PSYCHODRAMA AND GESTALT THERAPY: THE DYNAMICS BETWEEN THERAPIST SUBJECTIVITY, SCIENTIFIC COMMUNITIES AND THE ARTICULATION OF THEORY AND PRACTICE**

## **ABSTRACT**

The field of psychotherapies offers a diverse wealth of knowledge and practices that includes a variety of epistemological and ontological assumptions about the human condition and the nature of change. The possibility of integration among approaches is controversial. Even dialogue among them is difficult. The psychotherapy integration movement strives to change this picture. Overcoming the intellectual isolation of a single approach can help the therapist to broaden his activities and help each approach hone and polish its teachings. Detractors depict a potential intellectual disorganization as a result of such attempts. The aim of this research was to investigate how Gestalt therapists and psychodramatists see and experience, in practice, the possibilities of integration between their approaches. Narratives were collected through individual interviews, with 22 professionals, 11 of each approach. Grounded theory analysis was adopted as a method to build a theoretical model that explains how therapists see and experience the possibilities of integration. The intention, in choosing this method, was to contribute new perspectives, not based on theories already formulated, but on the therapists' lived reality. The categories that emerged from the analysis of the interviews give voice to those who find themselves in the reality of the professional practice. The model constructed from these categories depicts the frontier between psychodrama and Gestalt therapy as it is experienced by the participants. From the professional's narratives, the forces were mapped that approach and distance the two approaches. Three axes dominate the dynamics of these forces: the articulation between theory and practice, the scientific communities and the psychotherapist's subjectivity. Thus, the central thesis sustained by this work is that the dynamics of integration and the psychologists' attitudes, with respect to the dialogue between the approaches, cannot be understood from rational examination of scientific argument. Instead, the relevant dynamics and attitudes are the result of the interaction among subjective, social and institutional processes. Thus, the professional who is interested in a dialogue with the other approach needs to navigate the interface between theoretical articulations that have subjective meaning arising from his or her professional history and social implications imposed by institutional relations. This interface is governed by the dynamics between the professional communities and institutions involved. In this navigation, the psychotherapist's subjectivity is revealed in his or her need to belong to a group, the effects of his or her past trajectory as a member of a school or community and his or her previous experiences with respect to other theories and communities. On the other hand, in the dynamics between the communities and the institutions, competition for symbolic and material resources is an important force that hinders dialogue and integration. The articulation of theory and practice is related to continuous attempts of each approach to meet the challenges of conceptualizing practice in psychotherapy. Construction and development of approaches are enabled by the flow and absorption of concepts. Thus, intradisciplinary in psychotherapy contributes to the field's vitality, helps unclog disciplinary thinking and expands the therapist's possibilities for understanding and action. Accordingly, the practice

of exchange does exist among the approaches. However, this practice is overshadowed by the customary disqualification of the "other" approach in academic and institutional discourse. Professional identity tends to merge with concepts and ideas of the community the professional belongs to, entailing strong loyalty to the approach. Studies on dialogue among approaches can hardly make sense of the processes involved when they fail to include these different axes of interaction. It is necessary to consider, not only the clinical and epistemological issues involved, but also the subjective, social and institutional dynamics that rule the process.

Keywords: Psychodrama; Gestalt therapy; integration; epistemology; Therapist's subjectivity

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como objetivo a investigação das possibilidades de integração entre conceitos, técnicas e práticas do Psicodrama e da Gestalt-Terapia, a partir da experiência dos profissionais que atuam nestas abordagens. Esta questão foi suscitada na prática docente do presente pesquisador, com a percepção de que estas abordagens possuíam certa compatibilidade de conceitos e pressupostos filosóficos.

O autor é psicólogo, com formação em Psicodrama. Desde o ingresso na Universidade Federal de Goiás - Campus Jataí em 2009, leciona as disciplinas “Epistemologia e Sistemas em Psicologia III: abordagens fenomenológicas” e Teorias e Técnicas Psicoterápicas II”. As ementas destas disciplinas foram elaboradas com conteúdos teórico-práticos do Psicodrama e da Gestalt-terapia, além dos seus pressupostos filosóficos tais como, o Existencialismo, a Fenomenologia e o Movimento Humanista em Psicologia.

No decorrer do processo de reflexão com os alunos sobre as bases filosóficas destas abordagens, emergiu fortemente uma sensação de unidade entre elas. Apesar das afinidades percebidas, foi constatada a omissão da literatura científica em tratar das possíveis semelhanças e divergências entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia. A unidade percebida suscitou a vontade de refinar o olhar para a fronteira entre as duas abordagens e investigar as contribuições específicas de cada escola, verificando se havia entre elas pontos de distanciamento e convergência. Além da motivação do pesquisador, percebe-se que estudantes e profissionais de Psicologia constantemente manifestam interesse em saber sobre os pontos de encontro entre as escolas e suas singularidades.

O desejo de pesquisar esta interface e a expectativa de que intercâmbios fecundos pudessem ser mapeados motivaram a realização desta pesquisa. Neste processo, conceitos,

visões, recursos e técnicas da Gestalt-terapia foram gradativamente incorporados na minha prática clínica, enriquecendo-a. Atualmente posso somar as influências gestálticas na minha formação de psicodramatista.

Desta forma, o ponto de partida da pesquisa foi formulado através dos seguintes objetivos: (1) investigar como os profissionais no campo vivenciam semelhanças e aproximações entre aspectos teóricos e filosóficos do Psicodrama e da Gestalt-Terapia; (2) identificar como os profissionais apreciam contradições e dessemelhanças entre as duas abordagens e (3) mapear possíveis complementariedades entre os seus aspectos teóricos e técnicos a partir da vivência dos profissionais. No decorrer da pesquisa, os aspectos que emergiram no exame da fronteira entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia ganharam contornos diferentes dos que foram inicialmente ansiados. As entrevistas realizadas com 22 profissionais, 11 de cada abordagem, permitiram uma ampliação da investigação para além de aspectos teóricos das abordagens. A intenção inicial era desvelar as condições estruturais que regem a integração, a vivência dos participantes, o que apontou para a importância da relação subjetiva do indivíduo com sua trajetória e sua inserção profissional, para o papel das dinâmicas grupais e sociais das comunidades científicas e para as tensões inerentes na articulação da teoria com a prática, frente aos desafios da práxis psicoterápica.

O presente texto, submetido como pré-requisito para obtenção do título de doutor em Psicologia, pretende relatar a pesquisa que levou a esses resultados em forma de tese acadêmica. Primeiramente, ainda na Introdução, será feita uma apresentação do Movimento de Integração em Psicoterapia com seus aspectos históricos e conceitos principais. O Psicodrama e a Gestalt-terapia serão apresentados de forma introdutória e, por fim, será discutida uma proposta de aproximação entre as duas abordagens a partir de seus conceitos principais.

Os objetivos geral e específicos serão anunciados no item 2. No item 3 o percurso metodológico da pesquisa será explicado. O item 4 reúne os cinco artigos elaborados a partir das categorias que foram desenvolvidas no estudo. O item 5 apresenta uma discussão da tese construída, bem como os resultados que responderam às perguntas levantadas pelos objetivos iniciais. Finalmente, nas considerações finais, as principais contribuições do estudo e a agenda para futuras pesquisas são delineadas.

### **1.1 O Movimento de Integração em Psicoterapia**

A história das psicoterapias é marcada pela rivalidade entre as escolas e pelo consequente desinteresse dos membros de cada abordagem nas teorizações e intervenções alheias (Norcross, 2005). Em virtude da divisão e segregação das teorias e métodos, os membros de cada escola tomam conhecimento do trabalho das outras com atitudes de desprezo e hostilidade (Gold & Stricker, 2006). Além disso, a comercialização de métodos e a busca por espaço no mercado estimulam a reivindicação de singularidade epistemológica, fomentando ainda mais a separação. É mais fácil vender o que é novo ou diferente (Paris, 2013).

Apesar da permanência das forças acima descritas, existe uma nova perspectiva emergente através do crescente interesse pelas aproximações entre abordagens. No início dos anos 1990, o Movimento de Integração em Psicoterapia foi constituído pela reunião de profissionais e pesquisadores interessados em aumentar a eficácia da psicoterapia através do exame das contribuições que transcendem as fronteiras entre escolas (Norcross, 1997). Diante da complexidade do exercício da atividade clínica e da heterogeneidade da clientela, os psicoterapeutas tendem a utilizar técnicas, atitudes e conceitos de mais de uma abordagem (Eubanks-Carter & Burckel, 2005; Goldfried, 1980; Norcross, 1997). A integração em psicoterapia pode ser con-

ceituada como o processo de abertura para a valorização das riquezas presentes nas várias escolas com a concomitante constatação da insuficiência na utilização de uma única abordagem (Norcross, 1997; Norcross, 2005). Há uma preocupação pragmática em ampliar a efetividade das intervenções clínicas. Outro princípio norteador é a adequação às necessidades dos clientes<sup>1</sup> através da expansão do repertório de habilidades do terapeuta (Eubanks-Carter & Burckel, 2005).

A proliferação de abordagens de psicoterapia tem sido um motivo para a busca da integração. Qual, dentre os mais de 400 sistemas, deve ser ensinado ou estudado? Se há tantas abordagens, torna-se difícil justificar a prevalência de uma escola em detrimento de outras (Goldfried, 1982; Norcross, 2005). Outra razão é a crescente tomada de consciência por parte de psicoterapeutas e pesquisadores de que um único sistema não é capaz de responder a toda a complexidade dos problemas psicológicos (Hawkins & Nestoros, 1997). Pesquisas não demonstraram uma maior eficácia consistente de uma escola sobre outra. A eficácia da psicoterapia se deve mais aos fatores que as abordagens têm em comum do que aos fatores que são específicos a uma escola teórica. Somente 10 a 15% dos resultados se devem às técnicas específicas das abordagens (Norcross, 2005). Além da influência destes achados, a concepção pós-moderna de pluralismo, de que há várias teorias corretas ou perspectivas pelas quais se podem compreender um fenômeno, insere no campo algumas incertezas que podem provocar uma maior abertura (Safran & Messer, 1997).

A partir dessas considerações, examinar além das fronteiras da própria abordagem pode representar uma experiência de expansão das possibilidades de entendimento e intervenção, ao

---

<sup>1</sup>Na experiência do autor, o termo cliente geralmente é utilizado pelos psicodramatistas e gestalt-terapeutas para designar a pessoa que compõe a díade terapêutica juntamente com o psicoterapeuta. O termo paciente é utilizado com menos frequência nessas comunidades. Por isso, o termo cliente será adotado no texto.

invés de uma conversão (Watchel, 2010). Além disso, o trabalho com cada cliente é uma tarefa em andamento que exige flexibilidade do terapeuta em estar aberto às necessidades do cliente, ao invés de tentar adaptá-lo a uma determinada abordagem (Stricker, 2010).

Do ponto de vista institucional, foram criados periódicos e organizações científicas para estimular e veicular os estudos sobre integração. Em 1983, foi criada a SEPI – *Society for Exploration of Psychotherapy Integration* -, organização internacional e interdisciplinar que se propõe a estimular o desenvolvimento de psicoterapeutas integrativos. Apesar de ser uma organização com membros de diversos países, sua sede é nos EUA. Criada em 1991 e veiculada até o presente momento, a revista *Journal of Psychotherapy Integration*, organizada pela SEPI, destaca-se como importante canal de apresentação de resultados de pesquisas. Na Europa, a organização EAIP - *European Association for Integrative Psychotherapy* - foi estabelecida em 1993 com o objetivo de fomentar o diálogo de psicoterapeutas de diversas orientações. A integração em psicoterapia é um tema ainda presente predominantemente em publicações de língua inglesa. No caso brasileiro, não existe um movimento de integração em psicoterapia. Podem-se questionar ainda as consequências para os psicoterapeutas brasileiros da falta de espaços institucionais como periódicos especializados, congressos e grupos de pesquisa para a construção de diálogos entre as abordagens.

Os adeptos da integração podem escolher entre algumas maneiras sistematizadas para as comunicações entre escolas. Esta escolha é importante porque estes caminhos consideram diferentemente os aspectos teóricos e pragmáticos das abordagens e os aspectos da formação do terapeuta. Atualmente, há quatro modalidades de integração: o ecletismo técnico, os fatores em comum, a integração teórica e a integração assimilativa.

O ecletismo técnico tem como foco as necessidades do cliente na busca por selecionar o melhor tratamento para determinado indivíduo e desordem específica. Nesse sentido, os pesquisadores e psicoterapeutas podem recorrer a diversas fontes, sem o compromisso com suas raízes teóricas (Norcross, 1997). O ecletismo técnico representa, pois, uma forma disciplinada e coerente, calcada em achados de pesquisas e conhecimentos clínicos, de escolha de técnicas para atender de forma mais eficaz as necessidades do cliente (Gold & Stricker, 2006). Dada à conotação negativa que o termo eclético adquiriu em alguns meios, é preciso distinguir ecletismo de sincretismo. O último é caracterizado por combinações acríticas e assistemáticas, enquanto que o ecletismo se propõe como um exercício disciplinado (Norcross, 1997).

O estudo dos fatores em comum em psicoterapia representa outra via de pesquisa dos integracionistas. Há décadas, os pesquisadores buscam identificar os principais ingredientes que diferentes abordagens possuem em comum com o objetivo de elaborar tratamentos mais eficazes baseados nas semelhanças (Norcross, 2005). Se não há uma definição consensual de quais são os fatores partilhados pelas abordagens, há uma forte consideração de que eles podem ser responsáveis pelo sucesso da psicoterapia (Norcross, 1995). Sugerem-se como indicadores de uma psicoterapia eficaz, por exemplo: a recuperação da esperança, da moral e da sensação de controle do cliente para combater seu estado de desmoralização no início da psicoterapia; o envolvimento e a colaboração do cliente na exploração de sua estrutura pessoal de referência; a aquisição e prática de novos comportamentos; a oportunidade de catarse (Lemmens, Ridder & Lieshout, 1994). O terapeuta, independente da abordagem, geralmente guia o cliente para novas perspectivas, possui genuíno compromisso em querer ajudar o cliente, expresso no calor pessoal e no acolhimento (Stiles, Shapiro & Elliott, 1986; Stricker e Gold, 2005).

Enquanto isso, um consenso cresce de que existe uma equivalência de efetividade nas diferentes terapias (Gold & Stricker, 2006; Norcross & Halgin, 2005; Stiles, Shapiro & Elliott,

1986). Essa observação pode abrir mais espaço para os diálogos entre as escolas (Goldfried, 1980; Norcross, 1995; Stricker & Gold, 1996). Além disso, um paradoxo pode ser apontado: a falta de diferença na efetividade convive com a diversidade técnica (Stiles, Shapiro & Elliott, 1986). É intrigante perceber que psicoterapeutas que trabalham a partir de aparatos teóricos e metodológicos muito divergentes obtenham resultados semelhantes. Este paradoxo desafia as concepções sobre o que realmente promove uma psicoterapia bem sucedida.

A terceira modalidade a ser considerada é a integração teórica. Nesta, o pesquisador seleciona algumas abordagens para integrá-las na expectativa de sintetizar seus melhores elementos. Representa, assim, um caminho mais ambicioso do que o ecletismo técnico, por exemplo, pois envolve um compromisso conceitual que pretende transcender a combinação de técnicas. Desta forma, busca-se a emergência de uma nova teoria resultante da síntese das partes (Stricker & Gold, 2006). Norcross (2005) define o movimento de integração tomando o ecletismo técnico como prática e a integração teórica como aspiração.

Neste ponto, uma observação se faz necessária. Os pesquisadores do movimento de integração pretendem realizar integrações de forma sistematizada. Na integração teórica, pretende-se sintetizar os melhores elementos das abordagens com a necessidade de se respeitar as contradições básicas entre teorias. Para a realização de movimentos de aproximação entre abordagens é necessário o cuidado em se considerar as especificidades de cada sistema, assim como a consideração de questões de divergências epistemológicas (Marquis & Wilber, 2008). Assim, contradições básicas sobre pressupostos filosóficos que compreendam a natureza humana, o desenvolvimento da personalidade, os determinantes de psicopatologias podem representar obstáculos intransponíveis (Norcross, 2005).

Enquanto as três formas anteriores são as mais discutidas, a integração assimilativa é um caminho mais recentemente desenvolvido. Neste caso, uma estrutura teórica de referência

é mantida e recursos, práticas, visões e técnicas de outras abordagens são assimilados como apropriados e úteis ao tratamento. O impacto, o significado e a utilidade das técnicas incorporadas se alteram significativamente em função do novo contexto teórico (Stricker e Gold, 1996). Combina o enraizamento em uma teoria coerente e única com múltiplas contribuições de outros sistemas. Este caminho contempla muitas trajetórias profissionais de terapeutas que, geralmente, são treinados em uma escola, mas gradativamente incorporam aspectos de outras abordagens em sua prática (Norcross, 2005). Há estudos sugerindo que os terapeutas se concentram em uma abordagem, mas extraem elementos de outras em menor grau (Hickman, Arkoff, Glass, & Schottenbauer, 2009).

O Movimento de Integração em Psicoterapia tem como proposta a adoção da integração como perspectiva permanente dos clínicos. Para desafiar nossas conceitualizações e expandir o repertório de atuação, faz-se necessária uma maneira de olhar para as teorias em termos de convergência, divergência, síntese, antítese, sinergia, unidade e complementariedade (Eubanks-Carter & Burckel, 2005). O objetivo maior não é o desenvolvimento de novos métodos, mas um esforço permanente para estabelecer contato com mais de uma maneira de pensar. A ênfase está no processo e não no produto (Watchel, 2010).

O campo das psicoterapias vivencia uma contradição de forças entre os adeptos de uma maior abertura para a comunicação entre abordagens e o cenário de divisão e competição entre escolas. Esta contradição, manifestada nos movimentos de aproximação e afastamento entre abordagens, merece ser examinada. De que maneira os psicoterapeutas podem se beneficiar da diversidade de conhecimentos produzidos sem se sentirem sobrecarregados pela riqueza do campo (Lemmens, Ridder & Lieshout, 1994)?

## 1.2 O Psicodrama

O Psicodrama é um método de intervenção que faz parte de um corpo de teorias, métodos e técnicas denominado Socionomia – ciência das leis sociais e relações interpessoais com foco na interseção entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo e social (Costa, 1999). De acordo com Contro (2011), a Socionomia é uma psicossociologia que tem como foco a micropolítica das relações primando pela interface entre o individual e o coletivo. O nome Psicodrama refere-se a uma parte de um todo que é a Socionomia.

Como a divulgação do trabalho de Moreno se deu com o Psicodrama, este termo tornou-se consagrado e o todo acabou ficando conhecido pelo nome de uma parte. O Psicodrama é um método de inspiração existencialista, cujo foco é a representação de conflitos, compreendendo as etapas de aquecimento, dramatização, compartilhamento e o uso de instrumentos oriundos do teatro tais como, diretor, protagonista, plateia e palco (Costa, 1999). Trata-se de um método de pesquisa e intervenção nas relações interpessoais e nos grupos criado por Jacob Levy Moreno (1889-1974), psiquiatra romeno que viveu em Viena no início do século XX e depois emigrou para os Estados Unidos em 1925.

Drama vem de uma tradução do grego e significa ação. Moreno (1975, p. 17) define o Psicodrama como “a ciência que explora a ‘verdade’ por métodos dramáticos”. Sua ferramenta metodológica mais conhecida é a dramatização. Mediante a ação, estados subjetivos e realidades relacionais se exteriorizam e se concretizam no palco. A objetivação de elementos latentes incrementa as possibilidades de ponderações racionais e a liberdade dada ao corpo estimula a emergência de respostas criativas (Vieira, 2009). O campo de abrangência do Psicodrama transcende o uso de uma ferramenta ou técnica. Seus conceitos e métodos foram construídos visando à transformação de ordens sociais aprisionadoras e objetivando a descrystalização de normas e regras que cerceiam indivíduos e grupos (Contro, 2011).

A noção de espontaneidade representa o principal fundamento filosófico da proposta sacionômica. A definição mais consagrada do termo é a capacidade de responder de forma adequada a situações novas ou de responder com novas respostas a situações antigas (Moreno, 1975). Moreno defende a ideia de um universo aberto, com certa dose de imprevisibilidade dos acontecimentos. É justamente a novidade das situações que demanda respostas criativas. A espontaneidade é o catalisador que evoca níveis de expressão organizados em situações novas, conectadas com o aqui e agora. Somente a inteligência e a memória – que na visão moreniana são excessivamente valorizadas pela sociedade - não seriam capazes de produzir os estados espontâneos.

O ser humano deve tomar um lugar ativo e criativo para sobreviver em um universo em constante devir, como se pode entrever em outra definição de Moreno (1975, p. 144) sobre a espontaneidade: “é uma aptidão plástica de adaptação, mobilidade e flexibilidade do eu, indispensável a um organismo em rápido crescimento num meio em rápida mudança”.

Os estados espontâneos representam uma relação de compromisso entre o sujeito e seu mundo circundante, um esforço para recuperar e manter uma presença atuante e integrante das situações (Naffah-Neto, 1997). Portanto, subjaz uma noção de sujeito com uma posição ativa e imersa a um contexto com ênfase na criatividade. A espontaneidade facilita o surgimento de respostas criativas que culminam nas conservas culturais que são produtos acabados da cultura, valores, tradições e ordens estabelecidas (Contro, 2011). As conservas culturais existem em função da espontaneidade, ou seja, os produtos acabados surgem graças à espontaneidade e criatividade. As conservas culturais são os valores e formas de participação na vida social que se encontram cristalizados e que culminam em comportamentos estereotipados (Moreno, 1975). A espontaneidade introduz nas conservas culturais a flexibilidade e a fluidez descrystalizando-as. O fluxo espontaneidade-criatividade-conserva cultural é permanente e

circular. A Socionomia enfatiza a descricalização das conservas culturais que aprisionam e cerceiam a liberdade humana.

O aspecto vincular e relacional é também um aspecto basilar da visão de homem moreniana. Moreno desenvolveu a categoria existencial do encontro como uma possibilidade de diminuição das fronteiras entre duas individualidades e como caminho para se experienciar a realidade do outro (Almeida, 2012). Para desenvolver teoricamente a noção de encontro e para se utilizar esta noção no trabalho com os grupos, elaborou o conceito de tele – fenômeno que ocorre no nível interrelacional responsável pela possibilidade de co-criação, espécie de espontaneidade grupal (Almeida, 2012; Costa, 1996).

A teoria dos papéis também foi elaborada de modo a facilitar a investigação da interrelação indivíduo-sociedade pretendida por Moreno. São os aspectos tangíveis do eu, fusão de elementos coletivos e particulares e compostos de duas partes: seus denominadores coletivos e os diferenciadores individuais (Moreno, 1975). A definição moreniana mais consagrada para este termo é “a forma que o eu adota quando reage a uma situação específica, em um momento específico, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (Moreno, 1975, p. 206). Para Moreno, os papéis são os embriões ou precursores do eu. O eu é formado pela reunião dos diversos conjuntos de papéis e só pode ser revelado pelo desempenho de papéis. O papel é uma unidade de conduta interrelacional observável resultante de elementos constituintes da singularidade do agente e de sua inserção na vida social. Revela uma concepção de homem em situação, imerso no contexto social através da ação (Rubini, 1995).

O Brasil é reconhecido internacionalmente como a maior comunidade psicodramática organizada do mundo, de acordo com Motta (2008). Se antes a área clínica era a área preferida de atuação entre os psicodramatistas, mais recentemente eles se inseriram nas instituições e

comunidades, além de buscarem desenvolver trabalhos de cunho científico como forma de demonstrar a consistência da abordagem (Motta, 2008).

### 1.3 A Gestalt-terapia

O ano de 1951 é considerado o marco do surgimento da Gestalt-terapia com a publicação do livro *Gestalt therapy: excitement and growth in the human personality*, escrito por Frederick Salomon Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline. O livro foi traduzido para o português em 1997, com o nome *Gestalt-terapia* (Frazão & Fukumitsu, 2013). O principal criador da abordagem é Fritz Perls, psiquiatra que primeiro se estabeleceu como psicanalista. Muitos gestalt-terapeutas entendem que não houve um único fundador, mas um grupo de fundadores - o “Grupo dos Sete” constituído por Fritz Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Isadore Fromm, Paul Weisz, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman. Este grupo criou em 1952 o *Gestalt Institute of New York* (D’Acri, Lima & Orgler, 2007).

O surgimento da Gestalt-terapia se deu como uma nova síntese de teorias já existentes (Wulf, 1998). Perls revisou muitos aspectos da Psicanálise freudiana e recebeu influências das ideias de Wilhelm Reich e do pensamento oriental, como o Zen-budismo. Para revisar e alterar conceitos psicanalíticos foi fortemente influenciado pelo movimento da Psicologia da Gestalt, compreendido pelos experimentos em laboratório sobre percepção conduzidos por Wertheimer, Koffka e Kohler, pelas pesquisas de Kurt Lewin e pela teoria organísmica de Kurt Goldstein. Fritz Perls trabalhou no laboratório de Kurt Goldstein e Laura Perls foi aluna de doutorado de Wertheimer. Kurt Lewin e Kurt Goldstein foram influenciados pela Psicologia da Gestalt de Wertheimer, Koffka e Kohler. Neste sentido, há um entendimento de que o movimento da Psicologia da Gestalt – que transcende os psicólogos da Gestalt - influenciou a Gestalt-terapia (Frazão & Fukumitsu, 2013; Ribeiro, 1985; Wulf, 1998).

A Psicologia da Gestalt surgiu no início do século XX com Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka, como seus principais expoentes. Na Universidade de Berlim, os estudos em laboratório concentravam-se nos mecanismos fisiológicos e psicológicos da percepção

(Frazão & Fukumitsu, 2013). Uma das descobertas foi que a percepção se dá pelo princípio de figura/fundo: algo se destaca, tornando-se figura e o restante permanece em segundo plano, como fundo. A inter-relação entre a figura e o fundo fornece o sentido do objeto percebido. Posteriormente os estudos foram dirigidos para outras áreas como memória, inteligência e, finalmente, para a personalidade como um todo (Ginger & Ginger, 1995). A formação de totalidades ou *Gestalten* é uma característica primária do funcionamento do organismo assim como o movimento em busca da satisfação/fechamento para o retorno a um estado de equilíbrio (Wulf, 1998). Para Perls, Hefferline e Goodman (1997), a necessidade mais importante torna-se figura, organiza o comportamento do indivíduo até a sua satisfação, recuando para o fundo e dando lugar a outra figura.

Kurt Lewin, psicólogo social de origem alemã, desenvolveu sua Teoria de Campo na década de 1930, nos Estados Unidos. Kurt Lewin trabalhou durante dez anos com Wertheimer, Koffka e Kohler na Universidade de Berlim. Em solo estadunidense, desenvolveu seus trabalhos nas universidades de Stanford, de Cornell e de Harvard. Trouxe os princípios da Psicologia da Gestalt para investigar a relação entre a pessoa e o meio social, formulando uma teoria geral do campo psicológico (Ginger & Ginger, 1995). Lewin propôs como princípio a descrição das situações singulares vividas no presente, ao invés de se prender em um pensamento estatístico histórico. Além disso, focalizou seu trabalho nas forças presentes em determinado campo que podem interferir no comportamento dos indivíduos em determinado momento e lugar. Este trabalho resultou na elaboração do conceito de espaço vital psicológico que indica a totalidade de fatos que determinam o comportamento de um indivíduo em um determinado momento (Rodrigues, 2013).

Fritz Perls trabalhou como assistente de Kurt Goldstein, criador da Teoria Organísmica. Goldstein, assim como Lewin, também foi influenciado pela Psicologia da Gestalt. Goldstein

estudou pessoas atingidas por lesões cerebrais ou afasias, embasado por algumas noções da Psicologia da Gestalt. Com suas observações concluiu que o organismo funciona como uma totalidade sempre diferente do que a mera soma das partes (Lima, 2013). O pensamento orgânico, também fundamentado no holismo de Jan Smuts, apregoa que todos os organismos buscam se equilibrar ou se atualizar por um princípio autorregulador. Esta ideia é desenvolvida na Gestalt-terapia. Perls (1977) argumenta que, nas sociedades modernas, as expectativas neuróticas de perfeição levam os indivíduos a adotarem comportamentos e pensamentos distantes das suas reais necessidades. Através da relação terapêutica, o cliente é apoiado na construção de um autossuporte que possibilita o resgate do processo de autorregulação.

Perls transpôs os princípios da Psicologia da Gestalt, da Teoria de Campo e da Teoria Organísmica para a Psicoterapia. A adesão ao novo paradigma presente nestes aportes colocou Perls em atrito com as bases da Psicanálise, o que posteriormente provocou sua ruptura com a teoria freudiana e a construção de uma nova abordagem (Lima, 2013). Abandonou, assim, a exploração do passado e a interpretação do inconsciente para o trabalho com a experiência presente do cliente (Perls, Hefferline & Goodman, 1997). Na visão de homem da Gestalt-terapia, há a compreensão do ser humano como um todo, movido por um processo autorregulador, buscando o fechamento de situações inacabadas, inserido em um campo organismo/ambiente. A Gestalt-terapia trabalha clinicamente com o ser-no-mundo, adotando uma atitude descritiva das forças que operam o encontro no aqui e agora. Há uma concepção do sujeito com uma posição ativa, imerso em um contexto com ênfase no crescimento do organismo, através da assimilação do ambiente, do que é interessante e nutritivo (Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

A Gestalt-terapia é um produto coerente de uma integração bem sucedida, é uma nova gestalt. Como ferramenta metodológica trabalha com a presentificação da experiência,

investigando a própria experiência através de um olhar ingênuo que prescindir de conhecimentos prévios. A atitude descritiva voltada para o aqui e agora busca a ampliação da conscientização sobre a maneira do cliente de estar no mundo (Rodrigues, 2000).

A Gestalt-terapia pode ser compreendida como inserida na corrente de abordagens humanistas, existenciais e fenomenológicas. Sua face humanista advém da ideia do ser humano como centro, como ente autônomo, capaz de se autorregular; da sua ênfase nas forças e potencialidades do indivíduo e da sua inserção nos movimentos de contracultura da década de 1960 (Ribeiro, 1985; Malaguth, 2013). A Gestalt-terapia é uma abordagem existencial porque busca auxiliar a pessoa a ampliar sua consciência de si e a fazer escolhas responsáveis e autênticas. Para isto, o psicoterapeuta cultiva um profundo interesse em compreender como o cliente experiencia a si mesmo (Cardoso, 2013). A influência fenomenológica se revela na tentativa de retorno às coisas mesmas, sem a contaminação de qualquer conhecimento prévio dos fenômenos, prescindindo, pois, de uma rede referencial para alcançar uma nova compreensão (Ribeiro, 1985).

A partir da década de 1980, os gestalt-terapeutas brasileiros passaram a absorver as ideias do filósofo existencial Martin Buber e abandonaram o modelo perlsiano de ação sobre o cliente, desenvolvendo uma Gestalt-terapia mais relacional, que é muito praticada pelos profissionais brasileiros atualmente (Frazão & Fukumitsu, 2013). Além disso, há uma busca recente em ampliar o campo de atuação clínica para outros contextos fora do consultório tradicional. Em muitos meios, a Gestalt-terapia passa a ser chamada de Abordagem Gestáltica.

#### **1.4 Gestalt-terapia e Psicodrama como candidatos à integração**

O conceito de espontaneidade do Psicodrama e o de *awareness* da Gestalt-terapia representam tentativas de fortalecer o ser humano em contextos desfavoráveis. A escolha em

analisar a interface entre estes dois conceitos se deu pelo entendimento de que eles são as principais formulações que refletem emblematicamente as visões de mundo das duas abordagens. Outras aproximações fundamentadas nos dados da pesquisa serão apresentadas nos artigos e na discussão.

A espontaneidade, segundo Moreno (1975), é a capacidade de responder de forma inovadora a situações antigas ou a capacidade de responder adequadamente a situações novas. Partindo de uma concepção dinâmica e instável de mundo, que admite a imprevisibilidade dos acontecimentos, Moreno se preocupou com a ideia de resgatar o potencial de prontidão do ser humano para ações criativas perante as experiências que se apresentam (Naffah-Neto, 1997). O sujeito espontâneo consegue resgatar uma presença atuante e integrante da situação, comprometido em criar novas formas e ideias (Moreno, 1975; Naffah-Neto, 1997).

Importante conceito da Gestalt-terapia, a *awareness* é um estado de concentração que capacita o sujeito a focalizar sua atenção às figuras que surgem na sua percepção. A meta da Gestalt-terapia é o crescimento. Na fronteira de contato entre o organismo e o ambiente, a transição renovada entre a rotina e a novidade resulta em assimilação e crescimento (Perls, Hefferline & Goodman, 1997). O ajustamento criativo permite que o organismo assimile do ambiente o que é nutritivo e descarte o que é tóxico ou desnecessário. Uma boa capacidade de estar consciente da própria experiência viabiliza o crescimento, capacitando o organismo a digerir suas experiências psicológicas, absorvendo somente o que é nutritivo.

Portanto, a Gestalt-terapia e o Psicodrama desenvolveram conceitos derivados de pressupostos filosóficos, calcados na expressão autêntica da subjetividade humana e no desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos. Os sujeitos são compreendidos como inseridos em contextos que desafiam sua autonomia, sua criatividade e seu crescimento. Digno de nota é que

as duas abordagens partiram de bases teóricas diferentes, como o uso do pensamento orgânico ou de formulações advindas do teatro, para desembocarem em propostas filosóficas humanistas de valorização do crescimento humano semelhantes. Norcross (1995) salienta o paradoxo das psicoterapias quando se pensa na manifestação de fatores em comum, na aplicação dos fatores específicos. Stilles, Shapiro e Elliott (1986) argumentam que um dos principais fatores em comum presente nas psicoterapias é a habilidade do terapeuta em guiar o cliente para novas perspectivas. Talvez a *awareness* e a espontaneidade sejam os recursos gestáltico e psicodramático para fomentar novas perspectivas.

Além das aproximações, complementações entre os conceitos podem ser sugeridas. A noção de *awareness* e de espontaneidade podem ser combinadas. O neurótico descrito pela Gestalt-terapia perdeu sua capacidade de estar em contato consigo mesmo, bloqueando sensações e sentimentos. O neurótico descrito pelo Psicodrama perdeu sua espontaneidade e criatividade. Pode-se perceber que se o sujeito está em contato com suas sensações e percepções – *aware* –, as condições para o estabelecimento de uma relação de espontaneidade e compromisso com o mundo, os esforços para recriar o eu e um meio adequado para ele (Moreno, 1975), ficam mais concretos. Perls e cols. também mencionam a espontaneidade, mas com um sentido diverso do moreniano: “(...) espontaneidade é apoderar-se, crescer e incandescer com o que é interessante e nutritivo no ambiente (Perls, Hefferline & Goodman, 1997, p. 45)”. A espontaneidade gestáltica é a busca do crescimento, enquanto que a espontaneidade psicodramática é a formulação de novas respostas. Nas duas ideias, percebe-se a importância do resgate da relação de compromisso autêntica entre sujeito e mundo. Portanto, a *awareness* pode ser uma importante ferramenta conceitual que amplia a compreensão da busca de recuperação da espontaneidade.

O Psicodrama e a Gestalt-terapia podem estabelecer outras aproximações, facilitadas pela sinergia de alguns fundamentos epistemológicos, fomentando um fértil processo de integração. Neste intercuro, as singularidades de cada proposta devem ser consideradas, bem como os pontos que não admitem diálogos.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Compreender as possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Abordagem Gestáltica a partir do olhar dos profissionais das abordagens.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Estudar as percepções dos participantes sobre semelhanças e aproximações entre aspectos teóricos e filosóficos do Psicodrama e da Gestal-Terapia;
- Mapear possíveis contradições, dessemelhanças ou pontos de afastamento entre o Psicodrama e a Gestal-Terapia na perspectiva dos entrevistados;
- A partir das reflexões dos participantes, investigar complementariedades e trocas entre os aspectos teóricos e técnicos do Psicodrama e da Gestal-Terapia.

### **3 MÉTODO**

### **3.1 Tipo de estudo**

A Teoria Fundamentada, metodologia de natureza qualitativa, foi utilizada neste estudo. De acordo com Charmaz (2009), esta se constitui de diretrizes que permitem coletar e analisar dados, com o objetivo de construir teorias fundamentadas nos próprios dados. Estes são analisados, portanto, com o intuito de produzir análises teóricas desde o início da coleta. A autora supracitada aponta como componentes determinantes da Teoria Fundamentada:

O envolvimento simultâneo na coleta e análise dos dados; a construção de códigos e categorias analíticas a partir dos dados, e não de hipóteses preconcebidas e logicamente deduzidas; a utilização do método comparativo constante, que compreende a elaboração de comparações durante cada etapa de análise; o avanço no desenvolvimento da teoria em cada passo da coleta e da análise dos dados (Charmaz, 2009, p.19).

As diretrizes metodológicas da Teoria Fundamentada permitem que a investigação qualitativa se desloque para além de estudos meramente descritivos, em direção à produção de compreensões abstratas dos fenômenos analisados (Charmaz, 2009; Glaser & Strauss, 1967). No início os conceitos sensibilizadores fornecem o ponto de partida para a investigação. Representam ferramentas provisórias para o desenvolvimento de ideias e formas de estímulo à formulação de perguntas sobre o tema em questão e funcionam como iniciadores para se pensar questões de entrevistas e analisar os dados iniciais.

Através de níveis sucessivos de análises, adota-se uma comparação entre os dados emergentes e os conceitos sensibilizadores que podem ser abandonados caso demonstrem irrelevantes. Ao mesmo tempo em que esses conceitos ajudam o pesquisador a perceber certos aspectos sobre as questões de pesquisa, eles são objeto constante de monitoramento e

questionamentos. Tanto conceitos disciplinares, quanto vivências pessoais podem sensibilizar o pesquisador para realizar determinadas perguntas e para experimentar certos ângulos interpretativos. Os conceitos sensibilizadores relevantes nessa pesquisa são oriundos da observação dos aspectos comuns entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama feita pelo doutorando. Especialmente a fundamentação filosófica como o Existencialismo e a Fenomenologia foram ideias iniciais esperadas nos dados. Outro aspecto em comum esperado foi a valorização de uma metodologia mais vivencial que tentasse superar ou complementar o material verbal. Além disso, alguns estudos sobre o movimento de integração em psicoterapia nortearam a pesquisa inicialmente (Hawkins & Nestoros, 1997; Goldfried, 1982; Norcross, 2005; Stricker, 1996). As leituras e discussões sobre os tipos de integração -o ecletismo técnico, os fatores em comum e a integração teórica - tiveram relevância sensibilizadora.

O escopo da Teoria Fundamentada é aumentar o conhecimento gerando novas teorias ao invés de se aplicar às teorias já existentes (Heath e Cowley, 2004). O pesquisador trabalha com o registro dos dados juntamente com o registro das ideias, fazendo constantes articulações entre estes domínios como forma de gerar *insights* teóricos. Através dos memorandos o pesquisador registra e organiza *insights*, palpites, hipóteses e pensamentos fomentados pela realidade pesquisada. Nos memorandos, o pesquisador deve descrever suas impressões para além dos dados brutos, exercendo, desse modo, análises abstratas dos fenômenos observados. A chave para o desenvolvimento da teoria é a elaboração de memorandos teóricos. Na presente pesquisa, os memorandos foram revisados, melhorados e tratados como dados, juntamente com as entrevistas transcritas. Os conceitos emergentes desta integração entre ideias e dados são comparados com os novos dados, de modo a buscar um refinamento cada vez maior dos conceitos (Lyn & Morsem, 2013). Há um processo de comparação contínua entre os dados e as categorias emergentes. Para isto é necessária uma postura de abertura e de constante

questionamento do pesquisador em relação ao dinamismo da realidade emergente. O pesquisador deve ter uma postura inquieta buscando causas, consequências, características, condições do objeto de estudo, como modo de produzir uma teoria integrada (Lyn & Morsem, 2013).

A partir da perspectiva da Teoria Fundamentada, é necessário sublinhar que o pesquisador não se aproxima dos dados como uma tábula rasa, ou seja, ele traz uma bagagem teórica proveniente dos saberes disciplinares que pode auxiliá-lo a refinar suas questões de pesquisa e tentar avançar no conhecimento já existente. Como forma de lidar com a conceituação já existente, Pidgeon e Henwood (2004) propõem a utilização da estratégia do agnosticismo teórico, que é o reconhecimento de que o pesquisador entra na investigação com conhecimentos disciplinares sem o apego excessivo a estes conceitos. Não ficar preso aos estudos clássicos e aos conceitos teóricos estabelecidos permite o engajamento do pesquisador no processo de perceber a realidade a partir de novos ângulos e perspectivas, evitando, assim, a mera reprodução de saberes já consagrados e levando a pesquisa para direções potencialmente mais produtivas.

### **3.2 Participantes**

Como participantes da pesquisa, buscou-se sujeitos que atendessem basicamente a dois critérios: a disponibilidade em participar da entrevista e a capacidade de dar informações. Os primeiros respondentes foram buscados a partir da rede de relacionamentos do pesquisador. A partir das primeiras entrevistas, outros informantes foram indicados pelos próprios entrevistados. Esse procedimento de amostragem é chamado de *snowballing*. Foram entrevistados profissionais que possuem relevância na abordagem no cenário nacional, sendo alguns membros pioneiros e outros com um percurso de atuação reconhecidamente importante.

Esse percurso indica que eles têm uma reflexão apurada sobre a própria abordagem. Seis profissionais que tiveram papel de pioneirismo no âmbito nacional de cada abordagem foram entrevistados. Eles desempenharam papéis de precursores, abrindo caminho em grandes centros para a disseminação e consolidação da abordagem. Além de ter sido observado o papel de pioneirismo nos relatos das entrevistas, esses profissionais são reconhecidos desta forma pelos colegas de abordagens. Muitos profissionais são professores de curso de formação na própria abordagem, o que indica a possibilidade de que os participantes tenham contato constante com os conceitos e pressupostos filosóficos básicos da sua abordagem. A atuação prática relevante foi também um critério observado em todos os sujeitos.

Foram entrevistados onze profissionais de cada abordagem, totalizando vinte e dois entrevistados. Foram entrevistadas 14 mulheres, sendo 06 psicodramatistas e 08 gestaltistas; e 08 homens, 05 psicodramatistas e 03 gestaltistas. 10 eram diretores/fundadores de institutos de formação, sendo 04 psicodramatistas e 06 gestaltistas. A maioria era professor em cursos de formação sobre a abordagem com 16 sujeitos, 09 psicodramatistas e 07 gestaltistas. 13 eram professores universitários que lecionavam conteúdos relacionados à abordagem, 07 de Gestalt-terapia e 06 de Psicodrama. 10 eram autores de livros na abordagem, 03 gestalt-terapeutas e 07 psicodramatistas. Dos 22 entrevistados, 20 exerciam a atividade de supervisão – dez de cada abordagem - orientando alunos em cursos de formação, cursos de graduação ou em atividades práticas em instituições. As participantes P1 e G4 tinham somente atuação prática clínica.

Essa variação das características da amostra possibilita o teste de saturação, ou seja, na medida em que diferem dos demais por não possuírem papel político em suas comunidades, foi possível investigar se apareciam em seus relatos elementos dissonantes em relação aos demais entrevistados. Não foram encontrados aspectos divergentes nestas duas entrevistas. Isto significa que as perspectivas dos líderes, professores e formadores não são marcadamente

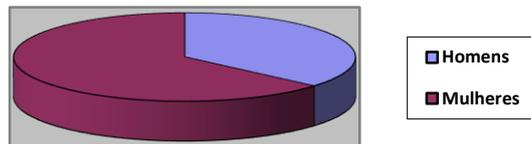
diferentes dos pontos de vista dos clínicos comuns. Os participantes G2, G6, P9 e G22 tiveram papel de pioneirismo em âmbito regional, nos seus estados. Os participantes G6, P17, G19 e G22 não tinham livros publicados, mas escreveram artigos e capítulos de livros importantes na abordagem. Pode-se perceber que a amostra foi constituída por profissionais altamente engajados com a abordagem de filiação do ponto de vista teórico e institucional, pois havia um número significativo de pioneiros e donos de institutos de formação. A coleta de dados com os profissionais clínicos sem papel de liderança foi importante para constatarmos que o material obtido não era divergente em relação às percepções dos participantes com perfil de liderança. Esta variação da amostra permite verificar se os dados são enviesados em função da perspectiva de um grupo específico. Um teste de saturação recorrendo a uma seleção de participantes com características diferentes é um procedimento frequentemente usado para garantir que tal viés não seja incorporado de forma despercebida no trabalho. Na tabela 01 (abaixo) estes dados profissionais são demonstrados, somados aos dados biográficos como idade e sexo. Observou-se que as variações da amostra não trouxeram novos conteúdos, indicando que as perspectivas dos participantes sem função de liderança ou ensino não era diferente das perspectivas dos outros. O encerramento da busca de novos participantes se deu pelo entendimento de que a pergunta de pesquisa foi respondida.

**Tabela 01. Dados biográficos e profissionais**

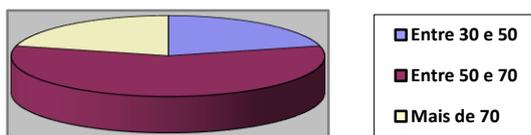
Participantes	Idade	Sexo	Professor em universidade	Professor/treinador em instituto de formação	Supervisor	Diretor/dono de instituto	Autor de livro	Pioneirismo no âmbito nacional
P1	43	F						
G2	59	F	X	X	X	X		
G3	81	M	X	X	X	X	X	X
G4	44	F						
G5	52	F		X	X	X		
G6	69	F	X	X	X	X		X
G7	57	M		X	X		X	
G8	88	M		X	X	X	X	X
P9	56	F	X	X	X	X	X	
P10	53	M	X	X	X		X	
P11	64	M	X		X		X	X
P12	52	M		X	X	X	X	
P13	64	F		X	X		X	
P14	74	M		X	X	X	X	X
P15	57	F	X	X	X			
P16	80	M	X	X	X		X	X
P17	61	F	X	X	X	X		
G18		F	X		X			
G19	48	F	X		X			
G20	61	F	X		X			
P21	35	F		X	X			
G22	63	F	X	X	X	X		
Total: 22	-	14F 08M	13	16	20	10	10	06

Os gráficos 01 e 02 também ilustram a amostra quanto ao sexo e à idade.

**Gráfico 01 - Sexo**

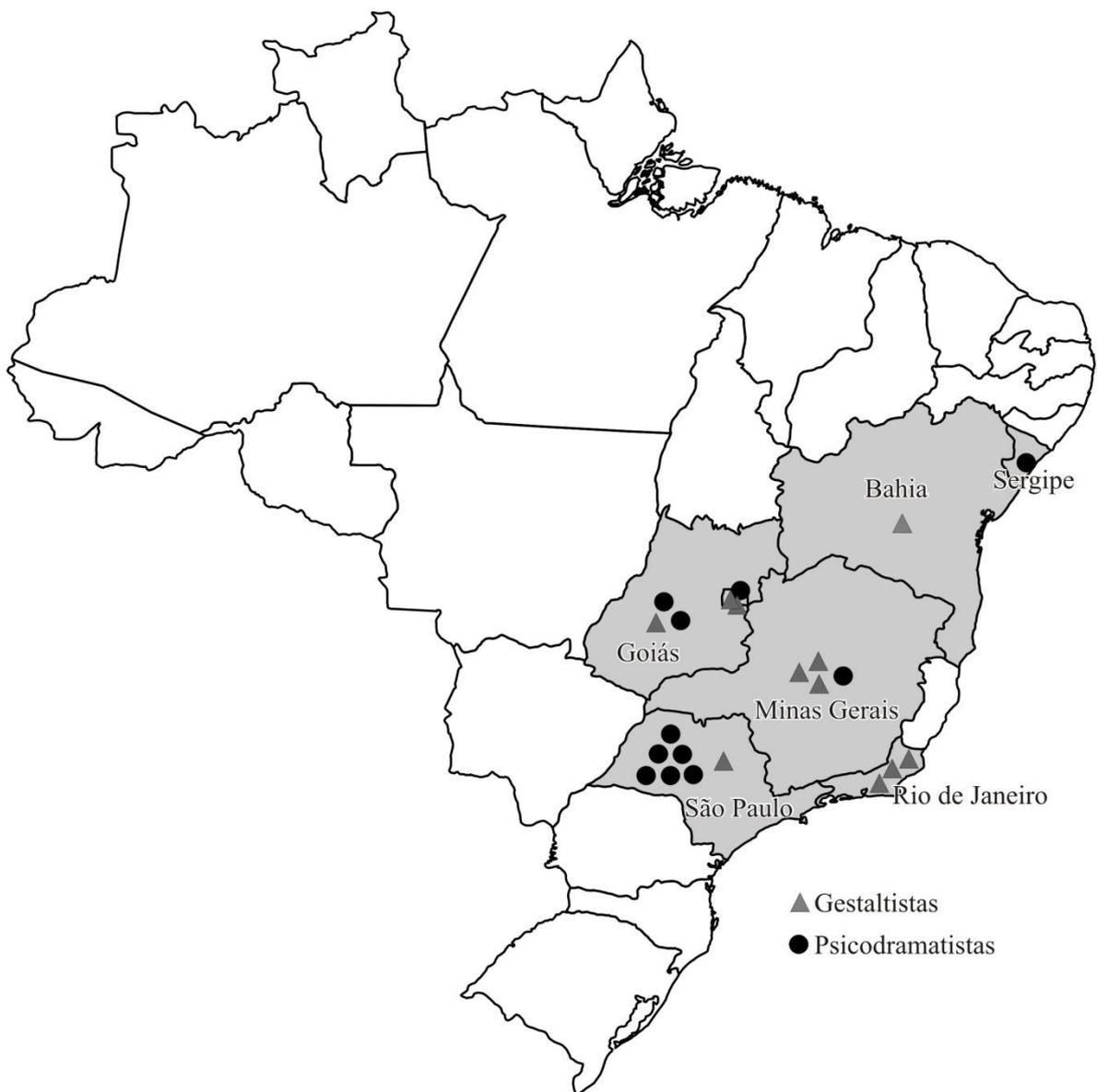


**Gráfico 02 - Idade**



Através do gráfico 02, nota-se que a amostra é formada por profissionais mais experientes, grande parte entre 50 e 70 anos de idade. Outros estudos poderiam ser feitos com profissionais recém-formados ou estudantes de formação em Gestalt-terapia e Psicodrama como forma de colher os achados destes grupos específicos.

Abaixo, a caracterização da distribuição de gestalt-terapeutas e psicodramatistas pelos estados brasileiros (Figura 01):



**Figura 1.** Mapa representativo da distribuição de gestaltistas e psicodramatistas no cenário nacional

Em relação à distribuição geográfica da amostra, há 14 informantes da Região Sudeste, 06 da Região Centro-Oeste e 02 da Região Nordeste. A grande aglomeração de institutos de formação em Gestalt-terapia e Psicodrama na Região Sudeste deve ser o fator responsável pela maior concentração de respondentes desta região.

Os sujeitos de pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido antes do início das entrevistas. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes. O projeto de pesquisa foi aprovado no CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás sob o CAAE 003.0.168.000-11 em 01/06/2011. O material coletado será armazenado durante cinco anos e depois incinerado.

### **3.3 Procedimentos (coleta e análise dos dados)**

Entrevistas intensivas foram realizadas com profissionais de ambas as abordagens que possuíam experiências relevantes neste tema. Este tipo de entrevista representa um exame minucioso e detalhado sobre o assunto. Dentre as vantagens metodológicas da entrevista intensiva, está a possibilidade de exploração detalhada sobre aspectos da vida sobre os quais os entrevistados tenham experiências significativas combinadas com *insights* consideráveis durante a entrevista. Representa uma técnica flexível que permite ao entrevistador seguir orientações de tópicos e ideias emergentes durante a realização da entrevista (Charmaz, 2009).

A partir da disponibilidade em dar informações, o participante assinava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) e autorizava a gravação em áudio da entrevista. Muitas entrevistas (11) aconteceram nos consultórios dos profissionais, a partir do agendamento com os informantes. Duas (02) entrevistas aconteceram via Skype. Em alguns momentos, foi necessário se adequar às particularidades do momento em que o participante poderia conceder a entrevista. Por exemplo, um número considerável de entrevistas (09) foram realizadas durante congressos de Psicodrama e de Gestalt-terapia. Neste caso, o entrevistador procurava uma sala no local do evento para a realização da entrevista. A imersão do entrevistador e entrevistados neste ambiente de congresso pode ter suscitado reflexões durante as conversações.

Para a investigação das possibilidades de integração entre as abordagens foram feitas questões para que os participantes pudessem refletir primeiramente sobre como sua própria abordagem tem sido praticada e ensinada no âmbito coletivo e depois no nível individual. No outro momento, os participantes de pesquisa foram conduzidos a exporem seus conhecimentos sobre a outra abordagem. E, finalmente, foi propiciado um espaço de reflexão sobre as compatibilidades, aproximações e dessemelhanças entre as duas abordagens (Ver roteiro de entrevista anexo).

As entrevistas foram transcritas textualmente e geraram o material a ser analisado. Num primeiro momento utilizou-se a codificação inicial que representa uma primeira tentativa para nomear os segmentos de dados que são os trechos das entrevistas. A codificação pretende promover um salto dos eventos concretos para os insights teóricos (Charmaz, 2009). As transcrições de cada entrevista foram comparadas, buscando-se os eventos principais a fim de identificar os padrões comuns. As entrevistas foram discutidas com o orientador para a ampliação da análise e foram codificadas na margem. Foram atribuídas referências numéricas às páginas e linhas das entrevistas de modo a facilitar o retorno constante aos dados. Foi elaborada uma tabela, na qual foram organizados os códigos, subcategorias e categorias.

A cada entrevista transcrita, novos códigos surgiam e eram inseridos na tabela. Muitos códigos novos substituíam os antigos por terem melhor poder explicativo. Os códigos emergentes foram comparados constantemente com os códigos iniciais, sendo modificados e agrupados em subcategorias e categorias. Os códigos focados, que eram mais refinados do que os códigos iniciais foram organizados em famílias a partir de suas semelhanças, formando as subcategorias que, por sua vez, foram agrupadas formando as categorias emergentes. Foram feitas comparações constantes dos dados e dos códigos com as categorias emergentes. Várias reconfigurações dos dados foram realizadas através da comparação e leituras repetitivas e da

discussão entre orientando e orientador, experimentando várias maneiras de organizar as fichas. As categorias e códigos foram reavaliadas e, por vezes, renomeadas para melhor acomodar novas e relevantes informações.

A tabela pronta com todas as categorias, subcategorias e códigos foi a referência para a escrita dos resultados, ou seja, o conteúdo da tabela foi a base para a escrita dos artigos e demais textos da tese. O conteúdo analítico dos textos foi baseado nos memorandos, que foram escritos para abordar temas e assuntos que não estavam explícitos no conteúdo das entrevistas, mas estavam presentes subjacentes às falas. Outros memorandos foram elaborados de modo a mostrar a relação entre as categorias ou entre subcategorias.

Desta forma, as categorias principais que resultaram do estudo e que deram origem aos artigos foram: (1) Condições facilitadoras de integração; (2) Relação entre identidade e abordagem; (3) Obstáculos à integração e (4) Caminhos e horizontes da integração. Diante da densidade dos dados, optou-se pela elaboração de um artigo para cada categoria. Os quatro primeiros artigos na sequência referem-se às quatro categorias construídas e o quinto artigo é a síntese da interação entre essas categorias.

O primeiro artigo denominado “A percepção de psicodramatistas e gestalt-terapeutas sobre os fatores facilitadores de integração entre as suas abordagens” foi construído com base na categoria “Condições facilitadoras de integração”. Esta categoria refere-se às condições percebidas pelos participantes sobre os fatores que facilitam a emergência dos diálogos. Representam as condições do campo que promovem uma abertura para que o processo de integração possa se desenvolver, estimulando nos profissionais uma busca para conhecer outros sistemas psicológicos e romper com a exclusividade na própria abordagem. Esta categoria foi construída a partir de quatro categorias mais concretas, a saber: (1) A própria abordagem possui

uma abertura integrativa; (2) As duas abordagens possuem pontos em comum; (3) Percepção de falhas da própria abordagem e (4) Ampliação da prática clínica através da integração.

O segundo artigo intitulado “Possibilidades de diálogos entre abordagens humanistas: escutando vivências de psicodramatistas e gestalt-terapeutas” foi elaborado a partir da categoria “Relação entre identidade e abordagem”. Esta categoria abrange a relação subjetiva dos profissionais com a abordagem de pertencimento e com outras teorias. Mostra como o sentido subjetivo da integração para o terapeuta é resultado da sua história e da forma com que esta se reflete no contexto presente do profissional. As escolhas realizadas na carreira, as visões de mundo e os valores pessoais e profissionais têm participação fundamental nos saberes adotados e preteridos. Duas subcategorias deram sustentação a esta categoria: (1) Vivências profissionais pró-integração e (2) Vivências profissionais anti-integração.

O terceiro artigo chamado “Obstacles to the integration between humanistic approaches: a brazilian perspective” originou-se da categoria “Obstáculos à integração”. Esta categoria aborda os entraves sociais, institucionais, grupais e pessoais que limitam ou impedem a comunicação e as trocas entre as abordagens. Quatro subcategorias se juntaram na construção dessa categoria: (1) A outra abordagem não pode complementar a minha; (2) A Integração empobreceria ambas as abordagens; (3) As exigências da profissão promovem o desenvolvimento em isolamento e (4) A identificação com a própria abordagem implica depreciação da outra.

Finalmente, a quarta categoria “Caminhos e horizontes da integração” forneceu o material para a construção do artigo denominado “Caminhos e benefícios da intradisciplinaridade em psicoterapia: diálogos entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia”. Esta categoria engloba reflexões sobre o processo integrativo a partir de critérios e caminhos sistematizados. A partir da

ordenação dos diálogos entre abordagens, os benefícios das transações percebidos como vitais para as teorias e para o campo da psicoterapia podem ser potencializados. Três subcategorias constituíram esta categoria: (1) Caminhos para a integração; (2) Benefícios de integrações para as abordagens e (3) Benefícios de integrações para a prática profissional.

Conforme mencionado, o quinto e o último artigo que compõem a tese - “Entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia: encontros, obstáculos e perspectivas” é uma tentativa de descrever a interação entre as quatro categorias. A combinação analítica de todas as categorias proporcionou leituras diferentes da análise separada de cada categoria. Além disso, este arranjo possibilitou uma visão global de todos os dados da pesquisa. Nas publicações que se seguem, as categorias e subcategorias do estudo serão exploradas com mais detalhes. Abaixo a tabela 02 mostra as categorias e subcategorias. A tabela completa, incluindo todos os códigos gerados, encontra-se no Apêndice C, ao final do trabalho.

**Tabela 02. Categorias e subcategorias da tese**

CATEGORIA	SUBCATEGORIAS
CONDIÇÕES FACILITADORAS DE INTEGRAÇÃO	-A própria abordagem possui uma abertura integrativa -As duas abordagens possuem pontos em comum -Percepção de falhas da própria abordagem -Ampliação da prática clínica através da integração
RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE E ABORDAGEM	-Vivências profissionais pró-integração -Vivências profissionais anti-integração
OBSTÁCULOS À INTEGRAÇÃO	-A outra abordagem não pode complementar a minha -Integração empobreceria ambas as abordagens -As exigências da profissão promovem o desenvolvimento em isolamento -A identificação com a própria abordagem implica depreciação da outra
CAMINHOS E HORIZONTES DA INTEGRAÇÃO	-Caminhos para a integração -Benefícios de integrações para as abordagens -Benefícios de integrações para a prática profissional

A partir do modelo teórico gerado pela integração das categorias e subcategoria, a seguinte tese foi desenvolvida: As possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia são condicionadas pela dinâmica entre forças de atração e de afastamento que incidem sobre (1) as comunidades e instituições profissionais, (2) a subjetividade do psicoterapeuta e (3) a articulação entre epistemologia e prática. Em cada um dos três eixos, existem forças de atração, que aproximam as escolas e forças de afastamento que distanciam ou bloqueiam as possibilidades integrativas. Esta tese será sustentada pelos artigos que constituem o corpo do presente trabalho.

## **4 PUBLICAÇÕES**

**4.1 Artigo 01**–Submetido à Revista Aletheia/Ulbra (Qualis Capes B2; ISSN 1413-0394)

Data da submissão: 25/07/2014

Situação: Em avaliação

**A PERCEPÇÃO DE PSICODRAMATISTAS E GESTALT-TERAPEUTAS SOBRE  
OS FATORES FACILITADORES DE INTEGRAÇÃO ENTRE AS SUAS  
ABORDAGENS**

Érico Douglas Vieira- Universidade Federal de Goiás (Regional Jataí).  
[ericopsi@yahoo.com.br](mailto:ericopsi@yahoo.com.br)

Luc Vandenberghe - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.  
[luc.m.vandenberghe@gmail.com](mailto:luc.m.vandenberghe@gmail.com)

**Resumo**

O objetivo deste artigo é descrever condições sugestivas de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, tema que emergiu de uma sequência de conversações com profissionais destas abordagens. Foram entrevistados 22 profissionais que possuem um percurso significativo nas abordagens, 11 de cada escola. A teoria fundamentada nos dados foi o método utilizado, buscando-se a teorização emergente a partir dos depoimentos obtidos. Como condições que sugerem a integração foram identificadas: a abertura integrativa existente na própria abordagem; a afinidade epistemológica entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama; a percepção dos déficits na própria abordagem; a percepção de que a integração pode ampliar a prática clínica. Esses resultados apontam a existência de elementos que podem viabilizar a integração entre estas psicoterapias.

Palavras-chave: gestalt-terapia; psicodrama; integração em psicoterapia.

# **THE PERCEPTION OF PSYCHODRAMATISTS AND GESTALT THERAPISTS ABOUT THE FACTORS THAT FACILITATE INTEGRATION BETWEEN THEIR APPROACHES**

## **Abstract**

This article describes conditions favoring integration of Psychodrama and Gestalt-therapy that emerged in conversations with professionals of these approaches. 22 professionals with substantial involvement in either of these two movements were interviewed, 11 belonging to each approach. A grounded theory analysis was used to allow theory to emerge from the contents. Conditions that favor integration are the openness that exists in the therapist's approach; epistemological similarities with the other approach; the perception of deficits in the therapist's approach; the appreciation of integration as a way to broaden the scope of one's clinical practice. These results suggest that elements exist that can make psychotherapy integration viable. Key-words: gestalt-therapy; psychodrama; psychotherapy integration.

# **LA PERCEPCIÓN DE PSICODRAMATISTAS Y GESTALT TERAPEUTAS A CERCA DOS FACTORES QUE FACILITAN LA INTEGRACIÓN ENTRE SUS ENFOQUES**

## **Resumen**

El propósito de este artículo es describir las condiciones que sugieran la integración entre el Psicodrama y la Terapia Gestalt, un tema que surgió en las conversaciones con los profesionales de estos enfoques. 22 profesionales que tienen un camino importante, 11 de cada escuela fueron entrevistados. Se utilizó el método de la teoría fundamentada, en busca de la teoría que surge de la evidencia obtenida. Como las condiciones que sugieren la integración se identificaron: la apertura existente en el propio enfoque integrador; la afinidad epistemológica entre la

Terapia Gestalt y el Psicodrama; percepción acerca del enfoque propio; la percepción de que la integración se puede extender a la práctica clínica. Estos resultados sugieren la existencia de elementos que pueden facilitar la integración de las psicoterapias.

Palabras clave: psicodrama; terapia gestalt; integración en psicoterapia

## **Introdução**

As possibilidades de diálogos e trocas entre abordagens psicológicas vêm despertando um crescente interesse dos pesquisadores e psicoterapeutas. Coexistem de um lado promessas de expansão da prática profissional e da compreensão dos processos clínicos através das aproximações entre saberes e, de outro, um receio de que uma “mistura” teórica resulte em combinações desordenadas e produtos incoerentes (Figueiredo, 2009; Norcross, 2005). Por exemplo, o termo eclético possui uma conotação negativa no campo, revelando a ameaça que o tema da integração encerra (Gold & Stricker, 2006). Além disso, a rivalidade entre sistemas presente na história das psicoterapias persiste atualmente (Paris, 2013).

No entanto, ao lado da luta ideológica, há outro impulso em direção ao estabelecimento de aproximações entre sistemas (Norcross, 2005). Watchel (2010) argumenta que os obstáculos para o vislumbre de outras formas de ver e pensar estão sendo cada vez mais removidos. Os pesquisadores e psicoterapeutas passam a olhar para as outras abordagens com algum interesse e seriedade, ficando expostos a mais de uma maneira de pensar e praticar a psicoterapia.

Surgiu na década de 1990, nos Estados Unidos, o chamado Movimento de Integração em Psicoterapia, caracterizado pela congregação de profissionais que buscam ultrapassar as próprias fronteiras para ver o que pode ser aprendido a partir de outras formas de fazer psicoterapia (Hawkins & Nestoros, 1997; Norcross, 2005). Este movimento possui associações e revistas científicas nos Estados Unidos e na Europa. No cenário brasileiro detectam-se

produções esparsas sobre aproximações entre abordagens. Parece predominar o receio descrito acima quanto à perda da coerência decorrente da integração.

A partir das tensões descritas entre impulsos para a integração e o receio presente no campo, surgiu a ideia de investigar, através de uma pesquisa qualitativa, como são as condições que estimulam aproximações entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama. O objetivo foi estudar as perspectivas de psicodramatistas e gestalt-terapeutas a partir das suas narrativas quando instados a refletirem sobre as possibilidades de pontes entre a abordagem de cada um e a outra. Na prática clínica e docente dos autores deste artigo houve a percepção de semelhanças e afinidades entre as duas abordagens e a constatação da escassez de estudos sobre esta aparente unidade. A partir disso, cresceu a motivação para investigar mais profundamente este possível espaço de interseção. A expectativa era encontrar nas ponderações dos entrevistados os fatores em comum entre as duas escolas tais como, as bases filosóficas existenciais, humanistas e fenomenológicas como a condição principal promotora de aproximações. Apesar de este aspecto ter surgido, outros pontos inesperados emergiram das narrativas e apresentaram-se como mais importantes, como a constatação de que as abordagens foram construídas graças a intercâmbios com diversos saberes; a consciência de falhas da abordagem de filiação que estimulam buscas externas; a percepção de que a complexidade da prática clínica demanda estudar outros conceitos, dentre outros aspectos que serão descritos.

Pretende-se que a análise das experiências dos psicodramatistas e gestalt-terapeutas entrevistados possa fomentar outros estudos sobre a integração entre estas duas escolas e auxiliar o campo das psicoterapias nas reflexões sobre as condições de abertura para a aproximação entre outras abordagens.

## **Método**

A Teoria Fundamentada dos dados, metodologia de natureza qualitativa, foi adotada neste estudo. Consiste numa forma de coletar e analisar material através de diretrizes sistemáticas e flexíveis com o objetivo de construir uma teoria fundamentada nos próprios dados (Charmaz, 2009). O agnosticismo teórico consiste na recusa do pesquisador em alinhar sua interpretação precocemente com uma posição teórica já articulada e com estudos existentes na área. O pesquisador deve se aproximar da realidade empírica sem hipóteses preconcebidas objetivando a construção de códigos e categorias a partir dos dados. Através de um ajuste adequado aos dados, procura-se uma compreensão conceitual e abstrata da realidade estudada (Pidgeon & Henwood, 2009). Apesar de prescindir de hipóteses para a construção do estudo, os pesquisadores possuem interesses iniciais de pesquisa. No entanto, são necessárias comparações constantes destes interesses com os dados emergentes (Lyn & Morse, 2013).

Para a coleta de dados a entrevista intensiva foi utilizada. Esta ferramenta permite reflexões minuciosas e a possibilidade de exploração detalhada sobre um tema do qual os entrevistados tenham experiências consideráveis. Permite, ainda, insights consideráveis dos participantes e a oportunidade de abordar aspectos emergentes durante a conversa (Charmaz, 2009).

Os participantes foram 22 profissionais, onze psicodramatistas e onze gestalt-terapeutas. Foram entrevistados 14 mulheres (06 psicodramatistas e 08 gestalt-terapeutas) e 08 homens (05 psicodramatistas e 03 gestalt-terapeutas). Dezesete eram professores de formação na abordagem (07 de Psicodrama e 10 de Gestalt-terapia) e seis eram professores universitários (05 de Gestalt-terapia e 01 de Psicodrama). O papel de pioneirismo em âmbito regional e nacional foi exercido por 10 informantes (06 gestalt-terapeutas e 04 psicodramatistas). 10 eram donos de institutos de formação (06 gestalt-terapeutas e 04 psicodramatistas). Por fim, oito

eram autores de livros na abordagem (06 gestalt-terapeutas e 05 psicodramatistas). A amostra foi constituída por informantes que possuem percurso respeitado em suas comunidades. Além disso, o número considerável de pioneiros e donos de institutos sinalizou a possibilidade de serem profissionais profundamente comprometidos com os interesses de suas comunidades. Eles possuíam uma sólida trajetória na abordagem, pois todos tinham experiência prática relevante, além de terem contato constante com conceitos através de atividade docente e de produção intelectual. Os achados desta pesquisa são específicos às características desta amostra de profissionais engajados com a abordagem de filiação nos âmbitos prático, teórico e institucional.

As entrevistas foram baseadas nos seguintes eixos norteadores: (1) trajetória na própria abordagem; (2) grau de conhecimento da outra abordagem; (3) pontos em comum entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama; (4) reflexões sobre características das duas abordagens e (5) possibilidades de integrações entre as abordagens. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas pelos dois autores que constituíam o painel de pesquisa, ambos psicólogos clínicos. A codificação aberta representa uma primeira tentativa para nomear os segmentos de dados, que têm o potencial de contribuir para a compreensão do assunto em pesquisa. A codificação pretende promover um salto dos eventos concretos para os insights teóricos (Charmaz, 2009). Foram realizadas sucessivas discussões a respeito da codificação entre a equipe de pesquisa para a ampliação da análise. Várias revisões dos códigos iniciais geraram códigos focados, que eram mais refinados. Estes foram organizados em famílias a partir de suas semelhanças formando categorias e subcategorias. Comparações constantes dos dados brutos e dos códigos com as categorias emergentes levaram a uma sequência de revisões em busca dos conceitos que melhor captassem os significados negociados nas entrevistas.

Em suas narrativas, os participantes relataram perspectivas e experiências que identificam elementos que favorecem os diálogos integrativos e as condições que potencializam a abertura para trocas entre e o Psicodrama e a Gestalt-terapia. As categorias construídas a partir da análise dos dados foram: (01) A própria abordagem possui uma abertura integrativa; (02) As duas abordagens possuem pontos em comum; (03) Percepção de falhas da própria abordagem e (04) Ampliação da prática clínica através da integração.

## Resultados

A tabela 03 demonstra quais participantes contribuíram para a construção de cada código, como também o agrupamento dos códigos nas categorias que compõem o eixo das condições facilitadoras de integração. Os participantes são designados pelas letras G para gestalt-terapeutas e P para psicodramatistas.

Tabela 03. Condições facilitadoras de integração

Categorias	Códigos	Participantes
A própria abordagem possui uma abertura integrativa	A própria abordagem é construída pela integração de conceitos e realizou integrações desde então	G5, G7, G8, P10, P11, G19
	Já existem integrações entre Psicodrama e Gestalt-terapia	G2, G3, G4, G5, G7, G8, P12, P14, P15, P16, G18, G19, P21
As duas abordagens possuem pontos em comum	O Psicodrama e a Gestalt-terapia se encontram nas suas bases filosóficas	P1, G2, G3 e G7 P10, P13, P14, P15 e P17
	O Psicodrama e a Gestalt-terapia se encontram ao valorizar a vivência e a experiência presente	G2, G3, G4, G5, G6, G9, P13, P14, P15 e P21
	O trabalho de grupos como fator em comum	G2, G3, G7 e P15
	O Psicodrama e a Gestalt-terapia se encontram ao valorizar a intersubjetividade	G3, P11, P13 e P21
	O Psicodrama e a Gestalt-terapia se encontram nos aspectos pragmáticos	G5, G6, P15 e P21
	Paralelos entre conceitos das duas abordagens	G5, P10, P14 e P21
	A outra abordagem realiza aspecto essencial da própria	G2, G3, G5 e G19
Percepção de falhas da própria abordagem	Críticas à vertente determinista da própria abordagem	P12 e P17
	Deficiências da própria abordagem estimulam buscas pessoais de integração	P9, P11, P14, P15, P17 e G20
	Própria abordagem tem limitações nos trabalhos com grupos	G3 e G7
	Própria abordagem hermética teoricamente	P14 e P17
	Própria abordagem frágil teoricamente	P16 e P17
	Outra vertente da própria abordagem é traumática e invasiva	G18, G19 e G20
	Própria abordagem pode ser traumática e invasiva	P12 e P15
	Os profissionais da própria abordagem deveriam se aprimorar mais	P1, P10, P12, P17, G8, G18, G19 e G20

Categorias	Códigos	Participantes
Ampliação da prática clínica através da integração	Todos os sistemas têm contribuições importantes para o entendimento da complexidade humana	P11, P13, P15, P17 e G20
	Complexidade da realidade clínica demanda ampliação da atuação	G2, G8, P10, P13, G18 e G20

### *A própria abordagem possui uma abertura integrativa*

No exercício de reflexão sobre as características da abordagem de filiação e da outra abordagem analisada, os participantes concluem que não existe uma pureza no percurso de uma abordagem, há uma recorrente assimilação de conceitos e práticas de outros sistemas. Mesmo após o processo de criação e consolidação, a incorporação de conceitos, ideias e atitudes clínicas de outras abordagens permanece.

Os participantes trazem exemplos concretos dessa observação: o Psicodrama absorveu influências do Hassidismo que é uma corrente filosófica do Judaísmo, além de ter tido uma grande influência do Existencialismo (P11). A metodologia psicodramática foi construída a partir de influências do teatro (P10, P11, P14). De acordo com muitos gestalt-terapeutas, sua abordagem absorveu influências do Psicodrama, principalmente no trabalho com grupos e na utilização de recursos de ação (G2, G3, G4, G5, G6, G7, G8, G18, G19 e G22). Alguns psicodramatistas também constataam esta influência do Psicodrama sobre a visão clínica de Perls (P12, P14, P15 e P21). O florescimento do Psicodrama no Brasil na década de 1970, que rompeu com a hegemonia da Psicanálise, abriu caminho para o surgimento da Gestalt-terapia (P16). Muitos aspectos do Psicodrama são amplamente utilizados pela entrevistada G5, incluindo o manejo de cenas e dramatizações. Ela usa essas técnicas para ajudá-la a realizar os objetivos da sua própria abordagem, como a presentificação da experiência, por exemplo.

Para alguns gestalt-terapeutas, no entanto, a influência do Psicodrama na Gestalt-terapia é prejudicial. Os workshops de demonstração de Perls eram vivenciais e catárticos, com a utilização de técnicas de dramatização. Essa forma de praticar a Gestalt-terapia deu origem a uma

vertente que é rejeitada como invasiva e traumática por certos gestalt-terapeutas (G18, G19 e G20). Diferente da vertente vivencial, a vertente relacional e dialógica veicula um discurso mais orientado pelas ideias de Martin Buber. Os gestalt-terapeutas dialógicos formam um forte grupo dentro da comunidade gestáltica brasileira. Percebe-se no grupo dialógico uma crítica às dramatizações nos workshops feitos por Perls (G2, G7, G8, G18, G19, G20 e G22). As técnicas de ação são vistas como imposição da autoridade do terapeuta. Com isso, a neurose do cliente em querer se ajustar à sociedade é intensificada quando o cliente atende às expectativas do terapeuta.

De acordo com certos participantes, a Gestalt-terapia influencia e é influenciada por outras abordagens, e isto é desejável (G5 e G7). A absorção das ideias de Martin Buber tornou a Gestalt-terapia mais relacional, assim como as influências de Sartre contribuíram para a valorização da ação. A influência que Perls recebeu das ideias de Bergson e Nietzsche é notada (G8). O trabalho com o conceito de aqui e agora é, de acordo com o entrevistado G8, uma influência nietzschiana. Os gestalt-terapeutas atuais devem continuar explorando e cultivando estes diálogos filosóficos para que não caiam em um pragmatismo reducionista (G8).

Na outra via, a Gestalt-terapia inspira alguns psicodramatistas no trabalho com atendimentos individuais (P13 e P14). O Psicodrama é uma abordagem originalmente grupal. No entanto, os psicodramatistas contemporâneos estão interessados em desenvolver a psicoterapia individual psicodramática, e a Gestalt-terapia tem formulações ricas para esta modalidade. Os psicodramatistas absorvem da Gestalt-terapia a forte ênfase na construção de uma aliança terapêutica, além das técnicas adaptadas para a situação bipessoal. Algumas técnicas de ação do Psicodrama, que foram adaptadas para o contexto gestáltico de terapia individual, agora são assimiladas da Gestalt-terapia, em novos formatos pelos psicodramatistas.

O livre fluxo de ideias, de conceitos e atitudes clínicas entre abordagens, demonstrado pelos participantes sinaliza que esta abertura integrativa perene pode abrir caminho para novas trocas.

#### *As duas abordagens possuem pontos em comum*

A abordagem de filiação e a outra são percebidas dentro de uma visão contextual que contém todas as outras escolas. Nesta visão, uma unidade entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia se insinua para os participantes. Na reflexão sobre a geografia das abordagens, os pontos em comum se evidenciam dentro de um contexto com outras abordagens mais divergentes epistemologicamente.

As similaridades entre as duas abordagens podem ser em parte explicadas pela influência do teatro. O teatro como veículo de expressão humana serviu de inspiração para a criação das duas abordagens, aspecto epistemológico que pode aproximá-las. Perls teve uma significativa aproximação com o teatro antes de conhecer o Psicodrama. Perls foi ator de teatro e sempre teve interesse em estudar o tema (G8, G19). A expressão “medo de palco” utilizada por ele – que representa o medo do julgamento dos outros – pode ser fruto dessa influência (G19). Moreno toma posse de alguns conceitos oriundos do teatro como a ideia de catarse, da tragédia grega e o conceito de papel e, no plano metodológico, de instrumentos como, protagonista, palco, plateia e diretor (P10, P11, P14).

Alguns participantes também têm consciência de que as duas abordagens se unem nas críticas à Psicanálise. A Gestalt-terapia veio diretamente de uma dissidência da Psicanálise. O livro “Ego, Fome e Agressão”, de Perls, foi escrito por ele quando ainda estava no meio psicanalítico. O autor rompeu com muitos conceitos freudianos, pois sentiu que a Psicanálise valorizava demais o intelecto (G8). Perls “bebeu de várias fontes”, como a Psicologia da Gestalt e

a Teoria Organísmica, conseguindo formar uma síntese nova. Ao incorporar aspectos de outras abordagens criou a Gestalt-terapia (G19, G22).

Alguns psicodramatistas enfatizam a importância de contribuições psicanalíticas como o inconsciente e os mecanismos de defesa (P10, P13, P14 e P16). No entanto, sua utilização rígida pode ser um obstáculo para o entendimento do contexto do cliente. Para alguns participantes, a Psicanálise é vista como tendo o foco no indivíduo isolado, imerso nele mesmo, como se seus sintomas surgissem “dentro” dele. O Psicodrama oferece uma visão do ser humano em relação. Os conceitos como papel e contra papel, matriz de identidade, átomo social, sugerem que até mesmo as psicopatologias são produzidas no ambiente social (P10 e P16).

Os participantes percebem que tanto o Psicodrama como a Gestalt-terapia valorizam a vivência e a experiência para além de análises verbais, pois estas podem bloquear o contato do cliente com seus sentimentos (G2, G4, G5, G6, P13, P15 e P21). As duas abordagens desenvolveram-se em oposição a uma tendência intelectualista, pois as psicoterapias que buscavam somente o *insight* intelectual reduziam o potencial de expressão dos indivíduos (G2). O Psicodrama e a Gestalt-terapia possuem em comum uma visão de homem calcada nos pressupostos da Fenomenologia e do Existencialismo (P1, G2, G3, G7, P10, P14 e P17). Outro ponto de convergência é a perspectiva de uma relação horizontal entre terapeuta e cliente para romper com o poder hierarquizado do terapeuta (G3 e P13). A distância entre terapeuta e cliente dificulta a conexão e as possibilidades de mudança do cliente. É desejável que o terapeuta se apresente menos como técnico e mais como pessoa – claro que como uma pessoa qualificada - e as duas abordagens buscam isso (G2 e G3).

As duas abordagens se encontram também ao valorizarem a intersubjetividade porque percebem o ser humano em função do contexto de suas relações, além de utilizarem-se da relação terapêutica como motor para as transformações dos indivíduos (G2, G3, P11, P13 e P21).

A valorização do trabalho com grupos também é uma importante similaridade (G2, G3, G7 e P15). Ambas enfatizam a experiência presente, procurando trabalhar com a presentificação, com o foco no *como* o cliente vivencia no aqui e agora aspectos do passado e projeções futuras (G5, G6 e P9). Porém, as semelhanças filosóficas se expressam em formulações teóricas muito diversas (G6). Deve-se ter o cuidado em comparar conceitos que podem parecer similares na superfície, mas que se mostram teoricamente diferentes quando examinados mais detidamente (P17).

Às vezes, as similaridades mais importantes não são aquelas que aparentam ser as mais óbvias. A distinção entre figura e fundo da Gestalt-terapia se assemelha à distinção entre temas protagônicos e temas correlatos do Psicodrama (P10). O conceito de awareness da Gestalt-terapia tem ligação com o conceito de espontaneidade do Psicodrama (P21).

Vários gestalt-terapeutas consideram que os psicodramatistas realizam aspectos que são centrais na Gestalt-terapia, como o contato com os sentimentos (G2), a concretização e a ação (G3 e G5) e a presentificação da experiência (G5 e G19). O Psicodrama trabalha com um enfoque sistêmico e contextual, que é similar ao que a Gestalt-terapia chama de teoria de campo (G3). Assim, torna-se compreensível a observação que o aprimoramento da própria abordagem conduz à semelhança com a outra abordagem (P14).

Portanto, os participantes percebem aproximações entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia através dos seus pressupostos filosóficos e visão de homem que podem inseri-las no grupo das abordagens que valorizam a experiência presente, a vivência através da ação, a intersubjetividade e a horizontalidade na relação terapêutica.

*Percepção de falhas da própria abordagem*

No processo de reflexão, estimulado pelas entrevistas, a visão crítica e a humildade dos participantes em reconhecerem as lacunas da abordagem de filiação podem quebrar a autossuficiência e permitir a possibilidade de fertilização por influências externas.

Alguns entrevistados consideram que a própria abordagem carece de fundamentos teóricos, além de não fornecerem todos os aportes metodológicos necessários para a prática (P11, P14, P15, P17 e G20). O distanciamento das tradições originais, pela desvalorização do trabalho com grupos (G5) e o engano em acreditar que somente no atendimento individual é possível um enfoque fenomenológico (G3), prejudicaram a Gestalt-terapia. O Psicodrama também se distanciou da tradição original por desconsiderar o trabalho com as questões sociais e com o desejo de transformação social (P16). O Psicodrama inclui vertentes deterministas que vão contra a essência aberta da abordagem. As teorias da Matriz de Identidade e do Núcleo do Eu não devem ser seguidas à risca, sob pena de encaixarem os sujeitos em fases do desenvolvimento (P12 e P17). Alguns psicodramatistas criticam o hermetismo teórico nos escritos de Moreno que são considerados de difícil entendimento (P14 e P17). Insistir muito nas dramatizações, impondo ao cliente a realização da técnica, pode ser contra terapêutico (P15). Falta uma teoria de desenvolvimento mais consistente (P16 e P17) e essa carência do cultivo de fundamentos teóricos faz com que alguns psicodramatistas trabalhem de forma excessivamente pragmática. Com isso, a abordagem perde espaço na atualidade (P17).

Críticas são tecidas visando aos profissionais da própria abordagem que deturpam sua essência quando deixam de aprofundar e buscar o aperfeiçoamento. Isto pode, por exemplo, resultar em práticas diretivas na Gestalt-terapia que é uma abordagem essencialmente não-diretiva. Há uma contradição entre uma filosofia libertária retratada nos conceitos e as práticas autoritárias de alguns profissionais na Gestalt-terapia (G8). Alguns “defeitos” humanos, como o narcisismo e a competitividade, são grandes obstáculos para a prática da Gestalt-terapia (G18

e G20). Os psicodramatistas podem ficar detidos na execução das técnicas, que são eficazes, sem tentar entender as matrizes teóricas de onde surgiram. Dessa forma, prestam um desserviço à abordagem que luta para romper o preconceito de que o Psicodrama seria somente um conjunto de técnicas (P10, P12 e P17). Com a ênfase no “fazeísmo”, termo utilizado por um entrevistado (G8), os profissionais querem somente aplicar técnicas, sem uma reflexão sobre os fundamentos filosóficos (G8 e P17).

Os participantes gostariam que as suas abordagens desenvolvessem um corpo teórico mais robusto e que os profissionais as representassem de forma mais adequada. Há uma insatisfação com profissionais que se prendem na execução de técnicas sem o esforço em aprofundar nos fundamentos teóricos. Estas lacunas podem abrir caminho para aprender como o outro lida com estas questões.

#### *Ampliação da prática clínica através da integração*

A percepção das potencialidades de outras abordagens, a complexidade da realidade que se apresenta ao profissional e a constatação da insuficiência da própria abordagem em responder a esta complexidade podem, conjuntamente, facilitar a busca por outros recursos. Há o vislumbre de que seria benéfico o estabelecimento de pontes entre abordagens e de que a prática profissional possa ser ampliada.

Muitos profissionais acham enriquecedor o estudo de diversas abordagens e, para alguns, isso é realmente indispensável: “A minha maior diferença é que me recuso a ficar restrita por qualquer sistema teórico; o ser humano é tão complexo que acho que precisamos de todos para ajudá-lo” (P13). A complexidade da prática clínica traz questões que uma abordagem sozinha não pode responder, estimulando o profissional a uma abertura para conhecer outros sistemas (P10 e G20). Ao dialogar com outros sistemas, os profissionais podem se beneficiar com

a riqueza que as diferentes perspectivas trazem para a compreensão do ser humano (P11, P13, P15, P17 e G20). A conexão com o cliente exige a transcendência dos modelos teóricos; o profissional não deve se prender às teorias para não ofuscar a percepção do cliente (G2, G8, P13, G18 e G20). Por exemplo, para P13, a relação terapêutica é mais importante para o sucesso do trabalho do que a teoria.

Muitos profissionais entrevistados estudam diversas abordagens para contemplar a diversidade da experiência pessoal, e um dos entrevistados chega a sentir a necessidade deste estudo. A partir da fala de P9, para que a prática aconteça em sintonia com a identidade do profissional é necessário o estabelecimento de pontes com outras abordagens. As características pessoais do profissional podem facilitar a integração, especialmente a humildade intelectual que promove o cultivo de uma atitude de constante busca de estudos e melhorias (G20).

A admiração pela outra abordagem pode ser um fator importante para a construção de pontes epistemológicas, bem como a percepção dos aspectos em comum com a própria abordagem (P1, G5 e P13). Perceber a forma distinta como a outra abordagem trabalha algum fator, que é importante na própria abordagem, fomenta uma relação de proximidade e uma vontade em aprofundar os conhecimentos na outra abordagem (P1, G5 e P13).

Portanto, a intervenção em realidades complexas, a preocupação ética em atender eficazmente a clientela e a busca pessoal pelo aperfeiçoamento guiam os profissionais para o estudo de várias teorizações.

## **Discussão**

Nas reflexões sobre o processo de formação e desenvolvimento de sua abordagem, alguns participantes percebem uma realidade dinâmica de trocas de conceitos com outras escolas. Cada abordagem encontra-se em permanente transformação para tentar responder aos anseios

de sua comunidade profissional e às necessidades da clientela atendida. Neste sentido, a integração representa um importante papel para o enriquecimento de cada abordagem. A assimilação de outras ideias representa uma condição vital para o amadurecimento (Norcross, 2005). Esse fluxo integrativo é criativo e inovador, já que os aspectos assimilados sofrem modificações para a composição coerente com as ideias da abordagem (Stricker, 2010). Este *insight* dos participantes pode provocar uma tensão reflexiva para os que censuram ou possuem receio quanto à integração.

Como exemplo da realidade dinâmica das abordagens, pode-se perceber a diferença entre a Gestalt-terapia, centrada em workshops de ação, praticada em sua origem, e seu exercício atual calcado na relação terapêutica. A partir da década de 1980, os gestalt-terapeutas trocaram o modelo tradicional de ação do terapeuta sobre o cliente por outro que considera ambos como pertencentes a um campo relacional. Há uma maior identificação com a chamada Gestalt-terapia relacional, que pode ser elaborada graças à influência do filósofo Martin Buber (Frazão & Fukumitsu, 2013). Contudo, alguns entrevistados reprovam o distanciamento da Gestalt-terapia das tradições originais com trabalhos grupais e de ação. Mesmo com esta ressalva, percebe-se uma tensão no espaço de interseção entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia. A crítica severa por certos gestalt-terapeutas às técnicas de ação pode ter desestimulado possíveis trocas.

Apesar de alguns bloqueios, através das narrativas dos participantes pode ser notado um canal de influência entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama. Os psicodramatistas puderam construir modalidades individuais de atendimento clínico com a ajuda de ideias da Gestalt-terapia (Fonseca, 2000). Os achados da pesquisa e a literatura apontam para uma significativa influência que o Psicodrama exerceu sobre a Gestalt-terapia. Fritz Perls, que participou de sessões de Psicodrama dirigidas por Moreno, incorporou a técnica da cadeira vazia na Gestalt-

terapia (Blatner, 1996) e as dramatizações, mas com a denominação de experimentos. No entanto, Perls já havia participado ativamente do teatro expressionista alemão antes de conhecer o Psicodrama (Lima, 2013).

O trabalho de cunho experiencial da Gestalt-terapia não pode ser creditado somente pela influência do Psicodrama. É plausível supor que o Psicodrama despertou o interesse de Perls pelo seu prévio gosto pelo teatro como veículo de expressão humana. Na sua autobiografia, Perls (1979, p.248) menciona a palavra “psicodrama”, quando explica os procedimentos que adotava nos seus workshops, ao pedir aos membros do grupo para verbalizarem seus sentimentos como se alguém significativo estivesse presente. Em outra obra, Perls (1988) aponta uma unidade entre sua abordagem e o Psicodrama:

Há muitas escolas, além da nossa, que fazem uso do método da auto - expressão como um meio de reidentificação. [...] eu gostaria de selecionar a técnica psicodramática de Moreno como uma das demonstrações mais vívidas do modo de aplicar a técnica de ir e vir (Perls, 1988, p.105).

A assimilação de procedimentos técnicos pode transformar a técnica em algo novo. Enquanto no Psicodrama, a dramatização é utilizada para resgatar a espontaneidade, procurando novas respostas para situações vividas (Moreno, 1975), Perls (1988) sugeria aos seus clientes que vivessem novamente uma situação para ganharem consciência dos modos pelos quais estavam se bloqueando e interrompendo o fluxo das experiências. Essa metamorfose é típica na assimilação integrativa, que é a incorporação de atitudes, perspectivas e técnicas provenientes de outras abordagens, mantendo, porém, a própria visão clínica. Os procedimentos

clínicos incorporados mudam em função do novo contexto em que são utilizados, levando à acomodação da técnica assimilada que ganha uma finalidade diferente (Lampropoulos, 2001).

Um espaço de unidade entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia foi delineado. Inicialmente, a equipe de pesquisa tinha a expectativa de que as bases fenomenológicas e existenciais seriam os principais pontos em comum citados. No entanto, outros aspectos filosóficos e metodológicos foram apontados tais como: a valorização da presentificação da experiência, a adesão à tendência anti-intelectual em psicoterapia, o trabalho com a dimensão intersubjetiva e contextual do ser humano e a busca de uma relação terapêutica horizontal. É interessante observar que mesmo possuindo formulações teóricas muito diferentes, as abordagens possuem estas afinidades filosóficas que podem gerar condutas semelhantes dos seus profissionais. Os participantes perceberam estas afinidades quando pensaram na inserção do Psicodrama e da Gestalt-terapia dentro de um contexto global com todas as outras abordagens. De acordo com Sá-Júnior (2009), as nossas duas abordagens participam da Terceira Força em Psicologia, movimento constituído por psicoterapias humanistas que enfocam o aumento das capacidades expressivas dos indivíduos, bem como a busca por relações sociais mais autênticas.

A abertura para reconhecer as próprias lacunas foi outro importante aspecto da pesquisa. Tendo em vista que a amostra é constituída por profissionais profundamente engajados, o reconhecimento das falhas exigiu uma atitude corajosa e não defensiva. Estes gostariam que as abordagens fossem mais sólidas do ponto de vista teórico. Reprovam as atitudes tecnicistas sem fundamentação teórica dos profissionais e o distanciamento das tradições originais. Aparentam ainda contradições como práticas diretivas e teorias deterministas que contrastam com as filosofias libertárias de suas abordagens. Estas reflexões podem quebrar a autossuficiência e o fechamento e podem representar um primeiro passo para a busca de outros sistemas que poderiam ajudar a corrigir as falhas ou suprir o profissional dos aspectos que a própria abordagem

não consegue fornecer (Watchel, 2010). A inadequação de uma abordagem única para lidar com a diversidade e a complexidade dos problemas psicológicos levam os clínicos a procurarem soluções eficazes fora dos seus paradigmas particulares (Norcross, 2005).

A possibilidade de empoderamento do terapeuta na incursão em outros saberes também é um ponto que merece destaque. Permanecer cego às contribuições de outras escolas pode diminuir as possibilidades de ação do psicoterapeuta (Norcross, 2005). Uma única abordagem não consegue contemplar a riqueza pessoal do terapeuta e não consegue se ajustar à complexidade das realidades enfrentadas. Terapeutas que ganham experiência se afastam dos métodos puros nos quais foram treinados e se dirigem para a construção de modelos mais individualizados, difíceis de serem atribuídos a qualquer abordagem isolada (Gold & Stricker, 2006). Na conduta dos terapeutas, ao buscarem desenvolver um estilo próprio, a aquisição de subsídios técnicos e teóricos é uma realidade (Neto & Penna, 2006). Mesmo sendo profissionais altamente comprometidos em divulgar e promover a abordagem de filiação, os participantes revelaram a preocupação ética em serem mais fieis às necessidades do cliente. De fato, a habilidade do psicoterapeuta em responder à individualidade do cliente, livre das limitações de qualquer ideologia terapêutica, é uma exigência ética presente na discussão sobre integração. Para Gold e Stricker (2006), a recusa do psicoterapeuta em trabalhar de acordo com as necessidades do cliente devido à fidelidade à sua abordagem pode produzir uma profunda sensação de desconsideração.

Na busca de outros saberes, dois processos emergiram dos dados. Por um lado, há os profissionais que examinam conhecimentos de outras abordagens utilizando o critério da semelhança, buscando ajuda em abordagens que sejam mais afins com a própria. Nesse sentido, há um fluxo livre em acessar uma abordagem que possui uma linguagem mais próxima. As

pontes entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama se aproximam deste processo. Outro tipo de integração é a escolha de uma abordagem mais divergente, supostamente com mais chance de poder contribuir com elementos ausentes na própria abordagem. No primeiro caso, temos o fortalecimento de elementos da própria abordagem por contribuições similares, enquanto no segundo, temos a expansão da abordagem com elementos de uma abordagem complementar à própria.

### **Considerações finais**

As pontes já construídas entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia são pouco exploradas na literatura profissional. Numa sociedade competitiva, as diferenças entre as abordagens recebem muita ênfase (Norcross, 2005). Essa pesquisa pretende contribuir para diminuir essa lacuna e para estimular novos estudos. Os achados podem também servir para nortear estudos sobre condições de abertura para integração entre outras abordagens.

O presente estudo apresenta suas especificidades considerando-se as abordagens estudadas e a constituição da amostra. O trabalho está circunscrito ao espaço de interseção entre duas abordagens com afinidades filosóficas. Outros achados poderiam resultar da investigação entre abordagens mais divergentes epistemologicamente. Além disso, a amostra constitui-se de profissionais experientes, com papel de pioneirismo, donos de institutos e autores de livros. Existem limitações para se estender os achados a outros contextos e informantes. As conclusões poderiam diferir se fosse estudada a percepção de alunos de graduação ou de estudantes de cursos de formação em Gestalt-terapia ou Psicodrama, por exemplo. Portanto, outros estudos analisando a percepção de outros grupos a respeito da interseção entre estas abordagens ou investigando a integração entre escolas divergentes se fazem necessários.

Os pontos de unidade entre as duas abordagens aparecem nas reflexões sobre as características de cada uma dentro de um contexto mais amplo contendo as demais abordagens psicológicas. É desafiador entender de que maneira arcabouços teóricos tão diversos como os do Psicodrama e da Gestalt-terapia podem gerar atitudes clínicas semelhantes como a busca da horizontalidade na relação terapêutica, a ênfase no aqui e agora, a valorização da vivência e da experiência. Outras pesquisas podem investigar como os fatores específicos de cada abordagem fazem os fatores em comum manifestarem-se. O território das chamadas psicologias humanistas ou terceira força em Psicologia convida para futuras investigações. Pode ser enriquecedor entender as convergências, divergências e possibilidades de cooperação entre outras escolas deste grupo de abordagens.

A investigação deste espaço de interseção gerou possibilidades não imaginadas no início do processo. A expectativa era de que somente a categoria dos fatores em comum fosse elaborada. As reflexões sobre as limitações da própria abordagem e sobre as possibilidades de ampliação da prática profissional revelaram a flexibilidade e ausência de dogmatismo dos participantes. Atravessou as narrativas uma atmosfera de abertura, preocupação ética com a clientela e curiosidade intelectual. A constatação de que as abordagens se constituíram através da incorporação de conceitos de outros saberes e de que seus impasses atuais podem ser resolvidos através de contribuições externas, liberando o campo para novas cooperações entre escolas. Inclusive, pode quebrar o tabu referente à conotação negativa do tema da integração.

## **Referências**

Blatner, A. (1996). *Uma visão global do psicodrama: fundamentos históricos, teóricos e práticos*. São Paulo: Àgora.

- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Figueiredo, L.C.M. (2009). *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Fonseca, J. (2000). *Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo: Àgora.
- Frazão, L.M. & Fukumitsu, K.O. (2013). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. São Paulo: Summus.
- Gold, J. & Stricker, G. (2006). *A Casebook of Psychotherapy Integration*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Hawkins, P.J. & Nestoros, J.N. (1997). *Psychotherapy: New Perspectives on Theory, Practice and Research*. Athens: Ellinika Grammata.
- Lampropoulos, G.K. (2001). Bridging Technical Eclecticism and Theoretical Integration: Assimilative Integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 11(1), 5–19.
- Lima, P.V.A. (2013). A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. Em L.M. Frazão & K.O. Fukumitsu, *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas* (pp. 145-156). São Paulo: Summus.
- Lyn, R. & Morse, J.M. (2013). *Readme First for a user's guide to Qualitative Methods*. Los Angeles, EUA: Sage Publications.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Neto, J. L. F. & Penna, L. M. D. (2006). Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 381-390.

Norcross, J.C. (2005). A Primer on Psychotherapy Integration. In J.C. Norcross, M.R. Goldfried (Eds), *Handbook of psychotherapy integration* (pp. 03- 23). (2nd ed.). New York: Oxford University Press.

Paris, J. (2013). How the history of psychotherapy interferes with integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23(2), 99–106.

Perls, F.S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus.

Perls, F.S. (1988). Ir e vir, psicodrama e confusão. Em F.S. Perls, *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* (pp. 98-113). Rio de Janeiro: Guanabara.

Pidgeon, N. & Henwood, K. (2009). Grounded Theory. In A. Bryman & M.A. Hardy, *Handbook of data analysis* (pp.625-648). London, England: Sage Publications.

Sá-Júnior, L.F.C. (2009). Gestalt, literatura e “literatura gestáltica”: expressionismo, contracultura e narrativas autobiográficas. *Revista IGT na Rede*, 6(10), 29-46.

Stricker, G. (2010). A second look at psychotherapy integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 397–405.

Watchel, P. L. (2010). Psychotherapy integration and integrative psychotherapy: Process or product? *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 406–416.

**4.2 Artigo 02** –Submetido à Revista Psicologia em Estudos/Maringá (Qualis Capes A2; ISSN 1807-0329)

Data da submissão: 31/10/2013

Situação: Aprovado para publicação em 23/02/2014; foi publicado em outubro de 2014 (v. 19, n. 1, p. 155-165, jan/mar. 2014).

### **POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS ENTRE ABORDAGENS HUMANISTAS:**

#### **ESCUTANDO VIVÊNCIAS DE PSICODRAMATISTAS E GESTALT-TERAPEUTAS**

Érico Douglas Vieira - Universidade Federal de Goiás (Regional Jataí).  
[ericopsi@yahoo.com.br](mailto:ericopsi@yahoo.com.br)

Luc Vandenberghe - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.  
[luc.m.vandenberghe@gmail.com](mailto:luc.m.vandenberghe@gmail.com)

#### **Resumo**

A diversidade de concepções presente na Psicologia Clínica torna as possibilidades de diálogo entre abordagens uma questão importante. Objetivou-se neste trabalho compreender a dinâmica de aproximações e afastamentos entre duas abordagens humanistas - a Gestalt-terapia e o Psicodrama - a partir da análise dos dados provenientes de entrevistas realizadas com profissionais das duas orientações. A Teoria Fundamentada nos Dados foi escolhida como método, na busca de produção teórica a partir do contato analítico com narrativas de terapeutas. Foram entrevistados 22 profissionais do Psicodrama e da Gestalt-terapia (onze de cada orientação) que possuem expressivo percurso na abordagem de filiação. As experiências que facilitaram a abertura e flexibilidade para o exame sério e interessado das contribuições de outros sistemas incluem o contato com vários sistemas desde cedo na carreira, a apreciação de conceitos trabalhados na outra

abordagem e a influência de alguém importante que exercia prática integrativa. A admiração, a fidelidade e o sentimento de que a própria abordagem supre as necessidades pessoais contribuem para que o profissional fique fechado às contribuições de outras escolas.

**Palavras-chave:** Psicodrama; gestalt-terapia; interdisciplinaridade.

**POSSIBILITIES OF DIALOGUE BETWEEN HUMANISTIC APPROACHES:  
LISTENING EXPERIENCIES OF PSICODRAMATISTS AND GESTALT  
THERAPISTS**

**Abstract**

The diversity of conceptions present in clinical psychology makes the possibilities for dialogue between approaches an important issue. The aim of this study is to understand the dynamics of approximation and estrangement between two humanistic approaches - Gestalt Therapy and Psychodrama - from the analysis of data from interviews with professionals in both orientations. A Grounded Theory analysis was chosen in order to build theory that is analytically based on the therapists' narratives. Twenty-two professionals were interviewed, eleven of each orientation, who have significant path in this approach. The experiences that facilitated the openness and flexibility for serious and interested examination of the contributions of other systems include: contact with various systems early in his career, the assessment of concepts worked on another approach and the influence of someone who held important integrative practice. The admiration, loyalty and the feeling that one's approach meets the personal needs that contribute to the professional stay closed on contributions from other schools.

**Keywords:** Psychodrama; gestalt therapy; interdisciplinarity.

**POSIBILIDADES DE DIÁLOGOS ENTRE ENFOQUE HUMANISTAS:  
ESCUCHANDO LAS VIVENCIAS DE PSICODRAMATISTAS Y TERAPEUTAS  
GESTÁLTICAS**

**Resumen**

La diversidad de concepciones presentes en la psicología clínica hace con que las posibilidades de diálogo entre enfoques sean un tema importante. El objetivo de este trabajo fue comprender la dinámica de aproximación y alejamiento entre dos enfoques humanistas – la Terapia Gestalt y el Psicodrama – a partir del análisis de los datos provenientes de entrevistas realizadas con profesionales de ambas las orientaciones. La Teoría Fundamentada en los datos fue elegida como método, en la búsqueda de la producción teórica a partir del contacto analítico con los relatos de terapeutas. Fueron entrevistados 22 profesionales del Psicodrama y de la Terapia de Gestalt, once de cada orientación que poseen una expresiva trayectoria en el enfoque de filiación. Las experiencias que facilitaron la apertura y flexibilidad para el examen serio e interesado de las aportaciones de otros sistemas incluyen: el contacto con varios sistemas desde muy temprano en la carrera, la apreciación de conceptos trabajados en otro enfoque y la influencia de alguien importante que ejercía una práctica integradora. La admiración, fidelidad y el sentimiento de que el propio enfoque suple las necesidades personales contribuyen para que el profesional se quede cerrado a las aportaciones de otras escuelas.

Palabras clave: Psicodrama; terapia de gestalt; interdisciplinaridad.

**Introdução**

Nos primeiros contatos com as diversas abordagens em psicoterapia é compreensível que se sinta uma mescla de surpresa e angústia ante a multiplicidade de saberes. Ao invés de

uma comunidade científica unificada, há a descoberta de várias psicologias com diferentes enfoques, objetivos e procedimentos (Figueiredo, 1991). O que espera o estudante no seu futuro profissional? Cumpre entender de que maneira o psicólogo formado lida com a pluralidade dos modos de apreensão do psicológico.

Figueiredo (2009) aponta dois caminhos negativos: o dogmatismo e o ecletismo. No primeiro, o profissional se enclausura dentro do seu sistema, fechando-se para tudo o que possa contestá-lo. No caso do ecletismo, há a adoção indiscriminada dos métodos e técnicas disponíveis para fazer frente aos desafios da prática. A falta de rigor e compromisso teórico aproxima o profissional do senso comum. De fato, o termo eclético goza de uma péssima reputação entre os psicólogos brasileiros. A cautela com práticas desordenadas é uma questão legítima e, sobretudo, ética.

Por outro lado, no meio estadunidense, de um quarto à metade dos psicólogos preferem o rótulo de ecléticos ou integrativos (Gold & Stricker, 2006; Norcross, 2005). Nos Estados Unidos, desde a década de 1980, existe o Movimento de Integração em Psicoterapia, constituído por pesquisadores e psicoterapeutas que se interessam em estudar sistematicamente formas de comunicação entre as diversas abordagens psicológicas (Norcross, 2005; Paris, 2013; Watchel, 2010). O desejo de ultrapassar as fronteiras da abordagem de filiação e examinar seriamente as contribuições de outras escolas é a essência do movimento. O que os psicólogos brasileiros chamam de ecletismo, a literatura de língua inglesa denomina de sincretismo, que se refere à seleção indiscriminada e arbitrária de conceitos e técnicas de fontes divergentes, gerando uma abordagem incoerente e sem princípios norteadores (Gold, 2010; Norcross, 2005). Existem modalidades organizadas de integração, muitas delas baseadas em pesquisas empíricas amplamente veiculadas pelo Movimento de Integração em Psicoterapia (Stricker & Gold, 1996). O campo de pesquisa deste movimento engloba diversos tipos de comunicação

entre escolas psicológicas, como comparações de conceitos, busca de aspectos em comum e assimilação de aspectos de outras abordagens considerados vantajosos.

No tocante ao caso brasileiro, não existe um movimento de integração institucionalizado, mas tentativas dispersas de integração entre abordagens. Para o exame desta lacuna objetivou-se, neste trabalho, compreender a dinâmica de aproximações e afastamentos entre duas abordagens humanistas - a Gestalt-terapia e o Psicodrama –, tendo-se como referência a análise dos dados provenientes de entrevistas realizadas com profissionais das duas orientações. Na inexistência de um movimento de integração institucionalizado, pretendeu-se compreender as vivências dos profissionais que podem facilitar integrações e as vivências que podem fechá-los dentro dos muros da própria abordagem. Embora exista reconhecimento quanto a aproximações epistemológicas entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama (Almeida, 2006), são escassos os trabalhos que exploram as possibilidades de integração entre elas. A escolha destas abordagens específicas se deu pela percepção desta outra lacuna na literatura profissional.

Neste ponto, faz-se necessário apresentar apenas breves descrições dos fundamentos teóricos e práticos do Psicodrama e da Gestalt-terapia, pois uma caracterização mais exaustiva e completa foge ao escopo deste trabalho.

O Psicodrama é uma abordagem criada no início de século XX em Viena, na Áustria, pelo médico romeno Jacob Levy Moreno (1889-1974). Influenciado pelo pensamento fenomenológico existencial, Moreno buscava alternativas diante das limitações dos modelos científicos e das formas de sociabilidade da época, vistas por ele como estruturas rígidas e restritivas da expressão da criatividade humana (Almeida, 2006). Um aspecto fundamental da proposta moreniana é a utilização da arte do teatro para a representação de conflitos oriundos do contexto social através da dramatização. O espaço cênico é o veículo de expressão das questões vividas

no cotidiano dos indivíduos, famílias, grupos e comunidades (Contro, 2011). Podem ser dramatizadas situações passadas, presentes e algumas que nunca aconteceram, mas que são significativas para os sujeitos. A dissolução de fronteiras, através da saída do mundo limitado, a partir da vivência em uma realidade suplementar, mobiliza as emoções das pessoas. O palco oferece liberdade para uma experiência que inclua a imaginação e a movimentação espacial e corporal (Moraes Neto, 2011).

A primazia do trabalho grupal revelava a concepção do ser humano em relação. No caso brasileiro, a partir da década de 1980, teve início uma forte tendência, ainda hegemônica no movimento psicodramático, que consiste no desenvolvimento de aportes metodológicos e teóricos para o atendimento em psicoterapia individual; no entanto, mais recentemente, começou-se a tentar responder às demandas institucionais e sociais, o que permite o resgate de algumas características iniciais do Psicodrama (Motta, 2008).

Há uma crença nos aspectos saudáveis da personalidade, uma concepção de homem como um gênio em potencial (Moreno, 1975). O Psicodrama busca o resgate da espontaneidade através do rompimento com padrões de comportamento estereotipados, com valores e formas de participação na vida social que acarretem a automatização do ser humano. Moreno (1975) define espontaneidade como a capacidade de responder de maneiras adequadas a situações que se manifestem, ou de dar novas respostas às situações antigas. A espontaneidade é um conceito que leva em consideração a imersão do ser humano no seu contexto. Não é uma relação de ajustamento ao meio, mas uma relação de compromisso entre sujeito e mundo, constituindo um esforço para resgatar uma presença atuante e integrante nas situações. Nesta relação de compromisso, o ser humano se transforma e é transformado pelo meio (Naffah-Netto, 1997).

O trabalho com a ação, a capacidade de fomentar a renovação, a criação e a busca por transformar a realidade social apontam o psicodrama como importante ferramenta teórica e metodológica para intervenções sobre realidades subjetivas e sociais (Contro, 2011).

Em perspectiva similar de crença nos aspectos saudáveis do indivíduo, inserida no bojo das psicoterapias humanistas que floresciam no período pós Segunda Guerra Mundial, a Gestalt-terapia apresentava as propostas de valorizar o crescimento e o desenvolvimento da personalidade e de perceber o homem como capaz de se autogerir e de se autorregular (Rodrigues, 2000).

Há forte consenso na comunidade da Gestalt-terapia de que seu surgimento se deu no ano de 1951, com a publicação do livro *Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality*, escrito por Frederick Perls em parceria com Paul Goodmam e Ralph Hefferline, traduzido para o português em 1997, com o título abreviado *Gestalt-terapia*. Frederick Perls (1893-1970), influenciado pela fenomenologia de Husserl e pelo movimento da Psicologia da Gestalt, buscou empreender um exame radical das limitações da Psicanálise (Frazão & Fukumitsu, 2013). No novo método, buscava-se explorar mais a descrição da experiência presente do cliente do que a interpretação, centrada no inconsciente e nas experiências passadas (Perls, Hefferline & Goodman, 1997). A partir da década de 1980, estabeleceu-se entre os gestalt-terapeutas uma tendência a modificar o modelo instituído por Perls, com base em exercícios de ação propostos ao cliente, para um modelo centrado na relação terapeuta-cliente. A chamada Gestalt-terapia relacional, além de ter sido influenciada pelas ideias de Martin Buber, procurou também fortalecer os fundamentos teóricos e filosóficos da abordagem. No caso brasileiro, esta tendência ainda prevalece (Frazão & Fukumitsu, 2013).

A meta da Gestalt-terapia é o crescimento. Na fronteira de contato entre o organismo e o ambiente, a transição renovada entre a rotina e a novidade resulta em assimilação e crescimento (Perls et al., 1997). O ajustamento criativo permite que o organismo assimile do ambiente o que é nutritivo e descarte o que é tóxico ou desnecessário. Uma boa capacidade de estar consciente da própria experiência viabiliza o crescimento, capacitando o organismo a digerir suas experiências psicológicas, absorvendo somente o que é nutritivo. Assim, a Gestalt-terapia enfatiza o trabalho com a consciência e a percepção. Neste sentido, a *awareness* é um estado de concentração em que o sujeito é capaz de focar sua atenção nas figuras que emergem na percepção. A tomada de consciência facilita um livre fluir no processo natural do delineamento figura e fundo. O processo de figura e fundo é a seleção do organismo, que deve se adaptar para perceber o que é mais importante no momento para a satisfação das suas necessidades: “a formação figura/fundo que for mais forte, assumirá temporariamente o controle do organismo total” (Perls, 1979, p.113). Interferências na flexibilidade, no processo figura/fundo, geram acúmulo de situações inacabadas, ideias fixas e rigidez nos comportamentos (Perls, 1979). A ênfase na atitude descritiva, voltada para o momento presente, a priorização da promoção de uma ampla conscientização, nas formas de ser e agir do cliente, e a busca do crescimento pessoal apontam como significativas as contribuições da Gestalt-terapia para o exercício da psicoterapia (Rodrigues, 2000).

Espera-se que esse estudo possa auxiliar os estudantes e psicólogos que se dedicam à psicoterapia, na reflexão sobre o manejo pessoal e profissional com a diversidade epistemológica presente na Psicologia. Assim, profissionais mais conscientes da sua relação com o saber profissional podem prestar melhor serviço à população atendida.

As abordagens psicológicas expressam modos de constituição dos sujeitos e não meramente modos diferentes de representação do psicológico (Ferreira Neto & Penna, 2006). Nesse

sentido também, o aprendizado dos conceitos das abordagens não é somente um processo cognitivo de transmissão de informações, mas uma experiência vivida com fortes tonalidades afetivas, em que a subjetividade do terapeuta está implicada (Ferreira Neto, 2004). Nesta perspectiva, cada teoria é uma intervenção ética, por isso são relevantes as tentativas de compreender a relação entre aspectos subjetivos do clínico e o diálogo entre as escolas psicológicas.

Na intrincada relação com o universo dos saberes psi, o terapeuta precisa descobrir sua própria maneira de ser e trabalhar. O desenvolvimento dos seus modos de se relacionar com as teorias se dá através de um processo extremamente pessoal (Figueiredo, 2009). Além disso, o terapeuta tem que enfrentar o difícil, mas necessário desafio de lidar com a complexidade da experiência que se apresenta na clínica. A escuta da particularidade de cada caso estimula uma crescente busca de subsídios e saberes (Ferreira Neto & Penna, 2006). Aqui, a pertinência da questão da integração revela seu aspecto ético. Será que os terapeutas prestarão um melhor serviço se permanecerem fiéis à abordagem de filiação ou se partirem em busca de novos saberes?

Por fim, o trabalho pode contribuir para estimular algumas reflexões sobre a identidade científica da Psicologia. O seu polimorfismo é sinal de vitalidade e crescimento ou de imaturidade e fragmentação? Devemos acentuar, como propõe Figueiredo (1991), o desenvolvimento de cada abordagem para delimitar produtivamente a realidade a ser estudada? Ou devemos adotar as discussões Inter abordagens em Psicologia como problema legítimo de investigação que pode ampliar nossa visão da realidade?

## **Método**

Para a realização da pesquisa foram entrevistados onze profissionais de cada abordagem, totalizando vinte e dois entrevistados. As entrevistas semiestruturadas sondaram

as seguintes questões norteadoras: trajetória na própria abordagem; grau de conhecimento da outra abordagem; pontos em comum entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama; pontos de divergência; possibilidades de integrações entre as abordagens. Foram convidados profissionais de relevância nas abordagens no cenário nacional, dos quais alguns são membros pioneiros e outros têm um percurso de atuação reconhecidamente importante. Procurou-se, desta forma, identificar profissionais que tenham uma reflexão mais apurada sobre a própria abordagem. Alguns profissionais são professores de curso de formação na própria abordagem, o que aponta a possibilidade de que os participantes tenham contato intenso e constante com os conceitos e pressupostos filosóficos da sua abordagem. A atuação prática relevante foi um critério de inclusão para todos os sujeitos. Foram entrevistadas catorze mulheres (seis psicodramatistas e oito gestalt-terapeutas) e oito homens (cinco psicodramatistas e três gestalt-terapeutas). Participaram seis diretores/fundadores de institutos de formação, sendo dois psicodramatistas e quatro gestalt-terapeutas. A maioria (dezoito sujeitos) é constituída de professores de formação na abordagem, dos quais sete são psicodramatistas e onze são gestalt-terapeutas. Seis são professores universitários (cinco de Gestalt-terapia e um de Psicodrama). Por fim, oito são autores de livros na abordagem, três são gestalt-terapeutas e cinco são psicodramatistas. O encerramento da busca de novos participantes se deu pelo entendimento de que a pergunta de pesquisa havia sido respondida.

Foi adotado um método qualitativo, a Teoria Fundamentada nos Dados, a qual consiste em diretrizes que permitem coletar e analisar dados, com o objetivo de construir um modelo teórico fundamentado nos próprios dados (Charmaz, 2009). As entrevistas transcritas geraram o material que foi codificado e categorizado. A codificação inicial representa uma primeira tentativa de nomear os segmentos de dados, que são os trechos das entrevistas. A codificação pretende promover um salto dos eventos concretos para os *insights* teóricos (Charmaz, 2009).

Os códigos emergentes foram comparados constantemente com os códigos iniciais, sendo modificados e agrupados em subcategorias e categorias. Para a análise abstrata dos dados, a equipe de pesquisa, constituída de dois psicólogos clínicos (os autores deste artigo), realizou discussões e registros de *insights* e hipóteses. Os conceitos emergentes destas análises foram comparados com novos dados, de modo a se obter um refinamento cada vez maior dos conceitos (Lyn & Morse, 2013). As narrativas de cada entrevista foram comparadas, buscando-se os eventos principais para se identificarem os padrões em comum.

Nas tentativas de entender as possibilidades de diálogo entre Psicodrama e Gestalt-terapia, seu processo e seus desafios, uma categoria se revelou fundamental: a relação entre as vivências pessoais do profissional e a abordagem. Percebeu-se que os aspectos subjetivos ligados à trajetória profissional do psicoterapeuta são condições que facilitam o diálogo ou podem dificultá-lo. As experiências pessoais - como o contato com vários sistemas desde cedo na carreira, a apreciação de conceitos trabalhados na outra abordagem e a influência de alguém importante que exercia prática integrativa - contribuem para direções integrativas. Grande admiração e fidelidade à própria abordagem contribuem para que o profissional fique fechado aos atrativos de outras escolas, uma vez que a própria abordagem supre suas necessidades pessoais e profissionais.

## **Resultados**

Emergiram da análise dos dados dois conceitos que explicam a relação entre as vivências pessoais do profissional e as possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia: as vivências que dispõem o profissional à integração e as que o inibem. Os conteúdos dos quais esses dois conceitos emergiram estão explicados na seção seguinte, com referências às contribuições dos participantes que são designados pelas letras G para gestalt-

terapeutas e P para psicodramatistas, seguidas de números que indicam a ordem segundo a qual foram entrevistados.

### *Vivências profissionais pró-integração*

A vivência na abordagem permite o exercício profissional e a paulatina construção da identidade profissional. Neste percurso, determinados tipos de vivência profissional constituem uma abertura para o exame dos aspectos positivos de outras abordagens.

Uma dessas vivências foi a experiência de insatisfação no primeiro contato com a própria abordagem. A percepção da falta de profundidade teórica, o estranhamento com conceitos de difícil entendimento ou que não sintonizavam com a prática vivida, assim como o desconforto em ter participado de demonstrações práticas nas quais se sentiram constrangidos, foram aspectos que causaram decepção nos primeiros contatos (P10, P11, P16, G18 e G20). A afiliação à própria abordagem foi garantida por experiências positivas posteriores (P10, G18 e G20), porém as experiências negativas já tinham mostrado que a própria abordagem não era perfeita e, conseqüentemente, abriram o profissional para as contribuições de outras escolas.

A atração por determinados aspectos metodológicos apoiados pela outra abordagem constitui-se em outro grupo de vivências pró-integração. A metodologia de atendimento em grupos e os recursos de ação atraíram os profissionais, pois com estes recursos se sentiram mais munidos para a prática (P1, G3, G6 e P9). Os profissionais se identificam com trabalhos que envolvem a concretização da experiência através das dramatizações, o que pode promover ressignificações (G5 e P14). Alguns gestalt-terapeutas (G3 e G5) compreendem que o trabalho em grupo é muito rico, permitindo diversos olhares sobre um mesmo fenômeno. Estes aspectos, compartilhados pelo Psicodrama e pela Gestalt-terapia, influíram na escolha da própria abordagem e, ao mesmo tempo, promoveram uma aproximação do profissional com a outra abordagem.

Reconhecemos uma aproximação mais direta com a outra abordagem, proporcionada pela admiração por ela, quando os profissionais mencionam que utilizam suas contribuições. Os aspectos em comum facilitam esta aproximação e a admiração pelos recursos de ação da outra escola a sustentam (P1, G5, P13 e P15). Há a assimilação de aspectos considerados vantajosos, como a fundamentação filosófica e teórica da outra abordagem (P1 e P15). A entrevistada P15 atualmente faz a formação em Gestalt-terapia porque percebe o Psicodrama como carente de uma visão de ser humano mais consistente. A entrevistada G5 diz que sempre trouxe incorporados elementos do Psicodrama em sua prática, principalmente os recursos para os trabalhos grupais. A entrevistada P13 menciona que transforma exercícios da Gestalt-terapia em exercícios do Psicodrama.

Uma vivência profissional marcante foi o início da trajetória na outra abordagem (G2 e P9). A entrevistada G2 escolheu formar-se em Psicodrama pela possibilidade de atuação dialógica oferecida pelo trabalho nas dramatizações. No decorrer dos estudos decepcionou-se, pois percebeu que a prática desconsiderava a autonomia do cliente pelo caráter diretivo da atuação do terapeuta. O mesmo recurso que a tinha atraído, a dramatização, passou a ser visto como invasivo e imposto pela autoridade do terapeuta. Posteriormente, encontrou a dimensão do diálogo da Gestalt-terapia, uma abordagem com a qual ela se identifica mais. A entrevistada P9 iniciou sua trajetória na Gestalt-terapia, buscando a psicoterapia, como graduanda, com um professor de Psicodrama que na clínica era gestalt-terapeuta. As ideias de Perls e de Moreno forneceram a ela visões alternativas à da Psicanálise, embora esta predominasse em sua grade curricular. Apesar de redirecionar sua formação e atuação profissional para o Psicodrama, manteve uma percepção positiva e uma posterior abertura para a Gestalt-terapia. Assim, a desilusão de G2 com a abordagem inicial fechou as portas para a integração, enquanto P9 manteve o interesse pela abordagem que tinha abandonado.

Por fim, um grupo de vivências pró-integração colocou os participantes em contato com a diversidade de escolas. Em vários casos, os profissionais foram influenciados no início da carreira por uma figura de referência, que representava um modelo a ser seguido – seja um professor ou um terapeuta – e que trazia em seu exercício profissional elementos de mais de uma abordagem (G6, P9, P13, P14, G19 e P21). Em outros casos, em sua carreira os profissionais entraram em contato com a diversidade desde cedo, com o envolvimento em estudos de outras teorias, motivados pela curiosidade intelectual e pela busca de aprimoramento, pois sentiram que a formação na profissão não fornecia suporte suficiente para a prática (G2, P14, P16 e G22). Por esses caminhos, diversos conceitos e atitudes clínicas de outras escolas foram incorporados ao exercício profissional (P13, P14, P17, G20, P21 e G22). A busca de contribuições de sistemas que sintonizem com a sua identidade e que se assemelhem, quanto à fundamentação filosófica, à sua própria abordagem, é outro caminho para a integração (G20, P21 e G22), como também o insight promovido pelo aprofundamento em outras abordagens (G20 e P21). Ao ascender à função de professor, o docente pode ter que lecionar disciplinas com conceitos pouco desenvolvidos ou ausentes da sua abordagem de filiação, precisando, ao menos, conhecer outras escolas (G20). A busca por outros saberes não é uma traição, inclusive permite permanecer fiel à preferência emocional, sem sofrer pelas limitações do modelo (P17 e P21).

Assim, os atrativos para a integração envolvem necessidades profissionais, curiosidade intelectual, busca pelo aprimoramento, apelos emocionais e experiências pessoais.

#### *Vivências profissionais anti-integração*

O sentimento de afiliação e pertencimento proporcionado pela vivência na abordagem pode levar seus membros a desqualificar as outras abordagens e valorizar a própria. Esta preenche necessidades profissionais e pessoais. Há um sentimento de gratidão pela comunidade

na qual o profissional se encaixa. Isto pode ser acompanhado por um desinteresse pelas outras abordagens, erguendo uma barreira para integrações. O profissional que se identifica intensamente sentirá a busca por algo interessante fora dos muros da sua abordagem como uma transgressão.

É comum profissionais justificarem sua escolha e permanência na abordagem de pertencimento por uma exposição de sua forte ligação com o sistema. Neste sentido, vários participantes destacam a compreensão contextual do ser humano. A própria abordagem trabalha com o mundo vivo do cliente, compreendendo-o como um organismo que pertence a um ambiente (G2). A compreensão do terapeuta é ampliada com a visão de que o ser humano é parte integrante de uma rede relacional (P10 e P11) e de que os determinantes do sofrimento não podem ser buscados como se fossem originados somente no cliente isoladamente (P11, P16 e G19). Há uma celebração da ruptura com a ênfase no indivíduo isolado, aspecto indesejável das abordagens psicodinâmicas (P10 e G19). O foco no desenvolvimento pessoal, e não na cura de sintomas (P11), e o preceito que o terapeuta deve se comportar como fundo para que o cliente seja a figura do processo (G18), também são motivos de admiração da abordagem.

Os aspectos admirados na abordagem podem desestimular o interesse por outras escolas. Alguns pressupostos filosóficos e teóricos atraíram os profissionais para a abordagem, principalmente: o respeito demonstrado ao cliente; a visão de ser humano; a forma de concepção do processo de mudança e a ênfase nos aspectos saudáveis da personalidade (G4, G5, G7, P17, G18 e G20); não trabalhar com o planejamento de técnicas independente da relação terapêutica; não impor um caminho para o cliente, nem apressar seu desenvolvimento (G2, G5, G6, G7, G18, G19 e G20); confiar nas partes saudáveis do cliente (G6 e G18); e facilitar a emergência dos conteúdos de maneira não diretiva (G2, G5, G18, G19 e G20). A própria abordagem possui recursos para o trabalho com o material emergente (P12 e G18).

Prosseguindo na exposição das vivências profissionais anti-integração, os participantes relataram a segurança proporcionada a partir do amparo metodológico fornecido pela abordagem de filiação. Alguns psicodramatistas apontam que a abordagem construiu ferramentas conceituais mais amplas para o trabalho com grupos (P9, P10 e P11), e um gestalt-terapeuta se diz satisfeito com a evolução recente de sua escola nesta modalidade e na direção de uma prática mais dialógica (G7).

No primeiro contato com a abordagem, houve uma experiência de encantamento súbito com o método, relatada por alguns psicodramatistas que participaram de um *workshop*, que os impressionou sobremaneira pela capacidade de trabalho criativo com grupos (P1, P12 e P16). A criatividade das técnicas utilizadas e as possibilidades de movimentação espacial e de trabalhos com grandes grupos serviram para solidificar a admiração pelo Psicodrama nos contatos subsequentes (P1, P11, P12, P13, P15 e P16). A essência da abordagem, a dramatização, é vista como um fator terapêutico indispensável por P13.

Os gestalt-terapeutas destacam o poder do trabalho com a experiência presente, que é vista como superior ao trabalho interpretativo (G6), além do potencial terapêutico envolvido no resgate da experiência imediata como forma de reviver as emoções passadas e ressignificá-las (G3 e G8). A Gestalt-terapia possui conceitos que permitem a atuação do psicólogo em outros contextos que não o da clínica tradicional. Desta forma, atualmente seus membros passam a denominá-la de Abordagem Gestáltica (G19).

No processo de reflexão sobre a conexão com a própria abordagem alguns aspectos subjetivos dos participantes emergem de maneira significativa. Os profissionais escolheram a abordagem por perceberem uma sintonia entre conceitos, técnicas e atitudes clínicas com sua própria “maneira de funcionar” (G2, G3 e P21). A trajetória na abordagem preenche necessi-

dades profissionais e pessoais (G6, P9, P11, P16, P17, G18, G19, G20, P21 E G22). A insatisfação com outros sistemas coloca o profissional na busca de uma abordagem que possa se encaixar com sua identidade (P13, G20 e P21). No momento em que conhecem a abordagem, experimentam uma sensação de aproximação dos seus conceitos e métodos com suas características pessoais. Os participantes utilizam metáforas interessantes para expressar o vínculo emocional com a abordagem de filiação: “*Nessa trajetória eu acho que chegar na Gestalt-terapia foi meio que achar o sapato que cabia no pé*” (G18); “*Para mim a Gestalt continua sendo esse sapato hiper confortável, aquela roupa deliciosa que você veste, a sua segunda pele*” (G22).

É encontrada uma forte sintonia entre os conceitos e fundamentos filosóficos da abordagem e as características e valores pessoais: “*Gente, é como todo mundo que descobre a Gestalt diz isso: sou eu! Sou eu, isso tem a ver comigo! É a Gestalt que me descobriu, porque ela diz daquilo que eu acredito*” (G6).

O “otimismo” da abordagem que enfatiza o desenvolvimento humano e os aspectos saudáveis da personalidade confirmam algo que o profissional já possuía: “*eu era sonhadora e o Psicodrama me deu mais isto* (P17)”. O encaixe entendido como “perfeito” entre o sistema e os aspectos subjetivos leva os participantes a perceberem a abordagem como parte integrante de sua identidade pessoal. Alguns pressupostos filosóficos - como a ênfase na liberdade e no potencial de crescimento do ser humano - são vistos como libertadores na esfera pessoal (G5 e G6). Para uma gestalt-terapeuta, a crença no potencial humano não só foi útil na atuação profissional, mas também serviu como um suporte pessoal (G6). Uma psicodramatista relata que sua inserção na abordagem ajudou-a a combater sua timidez e introversão (P9). A abordagem escolhida responde a questionamentos existenciais e necessidades pessoais: “*É essa concepção*

*de homem, essa confiança no potencial, eu acho que isso foi uma coisa super importante pra mim, que talvez eu pessoalmente precisasse disso, né” (G6).*

A abordagem é elogiada por sua capacidade de respaldar a atuação com conceitos e métodos e, acima de tudo, de mobilizar um envolvimento emocional. Como a sintonia entre identidade e abordagem é uma meta a ser seguida, há um risco perene de desencontro entre as falhas pessoais dos profissionais e os pressupostos filosóficos da abordagem, causado por “*fraquezas humanas*” (G20). A coerência entre as características pessoais e a abordagem é um valor importante. Para alcançar a condição de integrante exemplar, o profissional deve aprimorar seus aspectos pessoais para sustentar uma atuação coerente com as ideias da abordagem (G20). Características incompatíveis, como a vaidade, por exemplo, devem ser combatidas. As condutas desejáveis devem ser vividas em todas as circunstâncias da vida pessoal, inclusive no exercício profissional.

A gratidão por ter encontrado uma abordagem que responde a questionamentos existenciais e profissionais produz uma intensa identificação com essa abordagem, uma espécie de encantamento. Este processo de filiação, que possui um revestimento racional com um cerne mais emocional, promove um investimento endógeno, no qual as outras abordagens se apresentam sem atrativos.

## **Discussão**

O Psicodrama e a Gestalt-terapia possuem pontos de convergência nas suas concepções filosóficas e em muitos procedimentos metodológicos. A aproximação entre as abordagens pode estimular a realização de trocas que podem ser benéficas para cada uma delas. Segundo Almeida (2006), “a Gestalt-terapia enriquece a compreensão do ocorrido nas sessões com propostas coirmãs do Psicodrama” (p.21). Nos discursos pró-integração feitos na presente pesquisa

percebe-se que as abordagens são retratadas como pertencentes à visão de um homem dotado de liberdade e com uma tendência ao crescimento. Além da valorização dos recursos dramáticos, as duas abordagens são contemporâneas nas origens do movimento da Psicologia Humanista (Sá-Júnior, 2009).

Como antes mencionado, já existem intercâmbios entre estas orientações. Alguns profissionais incorporam ativamente elementos da outra abordagem que faltam na própria, como forma de sustentar uma atuação mais eficaz. Um caminho para as trocas é apontado pelos dados. Houve entre os gestalt-terapeutas uma tendência a exaltar os aspectos filosóficos e teóricos da sua abordagem, enquanto os psicodramatistas relataram admirar os recursos metodológicos do Psicodrama. A Gestalt-terapia pode inspirar um maior aprofundamento em reflexões filosóficas do psicodramatista, enquanto o Psicodrama pode dar contribuições ao gestaltista através da sua criatividade metodológica.

Cabe observar que os depoimentos dos participantes da presente pesquisa não contrariam a noção de que as abordagens devem preservar suas singularidades, caso contrário suas ricas contribuições seriam ofuscadas. É possível usar de maneira metafórica a noção gestáltica de fronteira do ego para ilustrar este aspecto. Para Perls (1977), o organismo individual deve possuir fronteiras bem-delimitadas e flexíveis, cuja principal função é a discriminação entre aspectos do ambiente que podem ser tóxicos ou nutritivos. O organismo cresce quando se expande, quando incorpora e assimila substâncias de fora. Trazendo esta perspectiva para o tema da integração, podemos dizer que cada abordagem deve ter sua fronteira bem-construída e, ao mesmo tempo, ser flexível o suficiente para fazer contato com outras teorizações, caso contrário seu crescimento fica estagnado.

A trajetória percorrida na própria abordagem revela não somente escolhas pragmáticas pela busca de ferramentas que possam respaldar o exercício profissional, mas também estão

envolvidos aspectos mais subjetivos, baseados no reconhecimento de um conjunto de anseios e valores que os profissionais já carregavam antes da escolha e que coincidem com as ideias filosóficas da abordagem. A abordagem seduz o profissional primeiramente por fatores emocionais profundos. Posteriormente, o profissional sente a necessidade de pensar em motivos racionais para justificar sua escolha e permanência na abordagem. Numa vertente similar, Figueiredo (2009) contesta a ideia de que há uma escolha consciente da abordagem. Segundo o autor, o que ocorre são atrações e rejeições baseadas em afinidades que têm mais a ver com ressonâncias afetivas do que com reflexões racionais; portanto, é a abordagem que “fisga” cada adepto, o que não dispensa as tentativas de entendê-la e se posicionar quanto à afiliação” (Figueiredo, 2009, p. 45).

Existe uma espécie de sintonia entre a identidade do profissional - com seus valores, visão de ser humano e de mundo – e os pressupostos filosóficos da abordagem. “Certas canções que ouço, cabem tão dentro de mim, que perguntar carece: como não fui eu que fiz?” (Nascimento, 1999). Este trecho de música ilustra algo que os entrevistados dizem nas entrelinhas. Há uma semelhança entre as ideias do profissional e os conceitos trazidos pela abordagem. A descoberta da abordagem promove uma sensação de harmonia entre as teorias e aspectos subjetivos do profissional, o qual, enfim, pode terminar sua busca de inserção em um sistema psicológico. A dificuldade de se identificar com outras escolas, somada a esta intensa experiência de descoberta, pode produzir uma satisfação que desestimula a busca fora das fronteiras da abordagem de filiação. Dificilmente um processo desta natureza não se dá de forma apaixonada. As metáforas da abordagem como “segunda pele” ou como um “sapato que cabe no pé” indicam uma sensação de realização profissional pela inserção em um sistema admirado. Por outro lado, denotam uma relação de plenitude e idealização que merece ser examinada de forma

crítica. Nenhuma abordagem pode preencher todas as necessidades do profissional. O profissional poderia lucrar com a constatação sobre a impossibilidade de plenitude, tornando-se motivado a se adaptar ativamente para dar conta de suas necessidades, e este processo pode ensejar buscas integrativas.

No processo de afiliação o estudante/profissional passa a integrar e a ser solidário a uma subcomunidade, compartilhando seus valores, crenças básicas e métodos que são pouco questionados por seus adeptos (Figueiredo, 2009). Os clínicos, ao escolherem determinada abordagem, passam a fazer parte de uma comunidade. “É só no contexto social de uma comunidade científica que cada cientista adquire os instrumentos materiais, conceituais e técnicos capazes de permitir que ele entre num contato fecundo com seus objetos (Figueiredo, 2009, p. 139)”. O fato de pertencer a um grande grupo de pessoas que pensam de modo semelhante, mesmo havendo subgrupos representando vertentes distintas dentro destas comunidades, é vivido como algo muito significativo. Pertencer a uma abordagem que acredite no potencial humano e na transformação da sociedade fornece um profundo significado existencial e, além disso, dá um suporte existencial a seus membros. A abordagem é vivida como algo mais que um mero programa terapêutico: algo que pode transformar as relações sociais e resgatar o potencial humano.

O grupo de pertença, com seus valores e preceitos, exerce forte influência sobre seus membros, assim como o pertencimento institucional, outro fator social que alimenta o fechamento na teoria de filiação. Os profissionais, que ocupam posição de destaque e de referência em sua abordagem por dirigirem institutos responsáveis pela formação de profissionais e por atendimentos clínicos, estão suscetíveis a defender a própria abordagem e até mesmo a desqualificar a outra, que passa a ser depositária de atitudes clínicas indesejáveis. Existem condu-

tas ideais dentro da própria escola. As condutas contrárias ou que fogem a este ideal são atribuídas à outra. Alguns participantes estão absorvidos em exaltar as qualidades e o potencial terapêutico da própria teoria, pois precisam “vendê-la” e zelar pela sua boa imagem. Muitas vezes esta disputa de mercado é real e concreta, pois estes institutos oferecem formação e especialização. Tal configuração dificulta uma distância necessária para o exame crítico das fragilidades da própria abordagem.

Na análise da forte conexão com a abordagem de formação, alguns processos se destacam: (1) harmonia entre identidade e abordagem: pertencimento a uma abordagem que é admirada em seus pressupostos e que fornece amparo para a prática, fortalecendo a identidade profissional através da consonância entre conceitos e aspectos subjetivos do terapeuta; (2) idealização endógena: a abordagem preenche as necessidades do profissional resultando em atitudes que maximizam suas virtudes e, ao mesmo tempo, produzem um desinteresse pelas teorias de outras escolas. A harmonia entre identidade e abordagem é uma importante conquista do profissional, que pode resultar em ganho de qualidade dos atendimentos prestados à população. Trata-se, portanto, de uma questão que se reveste de importância ética. Por outro lado, a idealização endógena pode limitar a visão do profissional que não sente motivação em buscar teorias e métodos capazes de enriquecer sua atuação. É importante mencionar que estes processos podem se inter-relacionar, um alimentando o outro.

O presente estudo permite entender os movimentos de integração e de fechamento dentro de construções teóricas e metodológicas na relação com as vivências e necessidades subjetivas dos profissionais. Esta compreensão permite abordar as possibilidades de diálogo e assimilação como resultantes de processos idiossincráticos, que dizem respeito tanto à vivência emocional quanto à reflexão e ponderação racional. O artigo sugere que as tentativas de diálogo

entre as abordagens terapêuticas e o movimento de integração se atentem mais para essa realidade.

### **Considerações Finais**

As vantagens de um enraizamento numa abordagem preferida são claras, porém o encasamento dentro desta abordagem encerra riscos importantes. A psicoterapia, ofício de caráter complexo, obriga a problematização da própria atuação. O suporte fornecido pela abordagem de filiação é importante para o fortalecimento da identidade do profissional. Por outro lado, a satisfação e admiração devem ser manejadas para não transformar o pertencimento a uma abordagem em sectarismo, pois a clausura pode limitar a visão.

O paradigma da complexidade de Morin (2008) pode ser uma referência útil para se pensar na diversidade de concepções presentes na Psicologia. Nesta concepção, reflexões críticas são formuladas em relação aos modos simplificadores do conhecimento científico que mutilam a realidade estudada, em vez de retratá-la. Há a proposta de uma nova organização do conhecimento, permanecendo a separação, distinção e divisão de domínios do conhecimento, mas com a inserção da comunicação entre eles através do exercício da interdisciplinaridade. O processo de articulação do que foi dissociado convive com o procedimento tradicional de hierarquização e separação de saberes. No caso da Psicologia, a distinção entre abordagens garante a manutenção da riqueza específica de cada sistema e, ao mesmo tempo, uma realidade mais ampla e complexa pode emergir das aproximações e diálogos entre as orientações.

### **Referências**

Almeida, W. C. (2006). *Psicoterapia aberta. O método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise*. São Paulo: Ágora.

- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Contro, Luiz. (2011). *Psicossociologia crítica: a intervenção psicodramática*. Curitiba: CRV.
- Ferreira Neto, J. L. F. (2004). *A formação do psicólogo. Clínica, social e mercado*. São Paulo: Escuta.
- Ferreira Neto, J. L. F. & Penna, L. M. D. (2006). Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 381-390.
- Figueiredo, L. C. M. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Figueiredo, L. C. M. (2009). *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. (Orgs.). (2013). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. São Paulo: Summus.
- Gold, J. & Stricker, G. (2006). Introduction: an overview of psychotherapy integration. In Stricker, G. & Gold, J. (Eds.), *A Casebook of Psychotherapy Integration* (pp. 03-16). Washington, DC: American Psychological Association.
- Lyn, R. & Morse, J. M. (2013). *Readme First for a user's guide to Qualitative Methods*. Los Angeles: Sage Publications.
- Moraes Neto, A. V. (2011). O espaço cênico no Psicodrama. In J. M. C. Motta & L. F. Alves (Orgs.), *Psicodrama: Ciência e Arte*(pp. 26-36). São Paulo: Àgora
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.

- Morin, E. (2008). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Motta, J. C. (Org). (2008). *Psicodrama brasileiro: histórias e memórias*. São Paulo: Àgora.
- Naffah-Neto, A. (1997). *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus.
- Nascimento, M. (1999). *Travessia – o melhor de Milton Nascimento*. Certas canções. Universal/Polygram Brasil, p1999. 1CD.
- Norcross, J. C. (2005). A Primer on Psychotherapy Integration. In J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds), *Handbook of psychotherapy integration* (pp. 03-23). New York: Oxford University Press.
- Paris, J. (2013). How the history of psychotherapy interferes with integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23(2), 99-106.
- Perls, F. (1977). *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus.
- Perls, F. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus.
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.
- Rodrigues, H. E. (2000). *Introdução à Gestalt-terapia. Conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sá-Júnior, L. F. C. (2009). Gestalt, literatura e “literatura gestáltica”: expressionismo, contracultura e narrativas autobiográficas. *Revista IGT na Rede*, 6(10), 29-46.
- Stricker, G. (2010). A second look at psychotherapy integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 397-405.
- Stricker, G., & Gold, J. R. (1996). Psychotherapy Integration: An Assimilative, Psychodynamic Approach. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 3(1), 47-58.

Wachtel, P. L. (2010). Psychotherapy integration and integrative psychotherapy: Process or product? *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 406–416.

**4.3 -Artigo 03** – Submetido à Revista *Journal of Psychotherapy Integration/American Psychological Association* (Qualis Capes B1; ISSN 1573-3696)

Data da submissão: 07/04/2014

Situação: Pedido de revisões por parte do editor em 11/07/2014; Submissão do artigo revisado em 08/09/2014; Aguardando avaliação da versão revisada.

**OBSTACLES FOR THE INTEGRATION BETWEEN HUMANIST APPROACHES:  
A BRAZILIAN PERSPECTIVE**

Érico Douglas Vieira- Universidade Federal de Goiás (Regional Jataí).[ericopsi@yahoo.com.br](mailto:ericopsi@yahoo.com.br)

Luc Vandenberghe - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.  
[luc.m.vandenberghe@gmail.com](mailto:luc.m.vandenberghe@gmail.com)

**Abstract**

Epistemological differences and lack of a common language feature among the most commonly known obstacles for psychotherapy integration. For this reason, the authors chose to study discourses on integration between two closely related schools of psychotherapy: Gestalt and psychodrama. Twenty-two Brazilian therapists, 11 Gestalt therapists and 11 psychodrama therapists granted interviews about prospects of integration between these two humanistic approaches. In a grounded theory analysis of the interviews, obstacles to integration emerged as a complex conceptual category. The authors returned to the original transcripts to verify how participants who contributed to this category built their arguments with respect to the obstacles they reported. Arguments included: 1) scepticism about the possibility that the other school may have something different to offer; 2) fear that their school would lose its identity hallmarks; 3) depreciation of the other professional community; as well as 4) belief that the dynamics of the field would make integration fail. Participants drew heavily upon the discourses

promoted by the institutions they engage in. Idealizing their own school and debasing the other was fuelled by emotional commitment to one's school, pointing to the effect of group identity, the need to belong and to protect the group in the face of competition for academic space and for a slice of the clinical market. We conclude that future efforts to overcome obstacles to psychotherapy integration ought to take the fallacies of in-group - out-group social comparison into account. They should consider schools' struggles over resources, individual therapists' need for safety and belonging, as well as their need to protect the stakes they accrued through investment in training and status in their community.

Keywords: psychotherapy integration; obstacles to integration; psychodrama; Gestalt therapy.

## **Introduction**

Much of Western scientific progress has come about through the growth of fragmented disciplines. This phenomenon has compromised the optimal organization of knowledge and the perception of reality's complexities. Work on the interfaces between disciplinary areas attempts to heal this fragmentation (Morin, 1986; Osorio, 2003). On a smaller scale, psychotherapy integration promotes similar potential (e.g. Gold & Stricker, 2006; Norcross, 2005) for addressing the dispersion of models and perspectives that has fragmented the psychotherapy field (Figueiredo, 2009).

Despite psychotherapy integration's promise for helpfully organizing the field of psychotherapy, historic rivalry between schools has built habits of thought in which technical differences and conceptual disagreements are highly valued. This occurs notwithstanding evidence to the relevance of common factors (Norcross, 2005; Paris, 2013; Wachtel, 2010). The psychotherapy integration movement has contributed considerable efforts to overcome such habits, and under its influence, separatist arguments against dialogue between schools have

softened. In a sample in Brazil, where the integration movement remains largely unchampioned, obstacles to integration may therefore be more fruitfully explored and more easily articulated, potentially offering a starting point to which discourses in other cultures may be later be compared.

This work started out as an investigation of the possibilities for dialogue between Gestalt therapy and psychodrama. Although ontological and epistemological proximity between the two approaches is considered substantial (Almeida, 2006), obstacles to integration emerged as an important conceptual category in the participants' accounts. The authors singled this category out for closer inspection, believing that it would be central to a better understanding of what being receptive to or resisting against contributions from the other school means to therapists. The aim of this undertaking was to map out the obstacles recovered in the therapists' discourses and their arguments with respect to these obstacles. The authors suggest this may help in the understanding of challenges to the field of psychotherapy integration at large and the disciplinary discussions they relate to.

## **Method**

This article is a by-product of doctoral research on the possibilities of integration between Psychodrama and Gestalt Therapy, carried out at the Pontifical Catholic University of Goiás in Brazil, and approved by the residing Research Ethics Committee. Interviews were conducted with 11 gestalt-therapists and 11 psychodrama therapists, 14 women (6 psychodrama therapists and 8 Gestalt therapists) and 8 men (5 psychodrama therapists and 3 Gestalt therapists). Some had been pioneers of their school of therapy in Brazil, while others achieved some prominence on the national scene. Seventeen are active trainers and supervisors (7 psychodrama therapists and 10 Gestalt therapists) and six are university faculty (5 Gestalt therapists

and 1 psychodrama therapist). Eight are authors of books on their approach (3 Gestalt therapists and 5 psychodrama therapists).

The first author conducted semi-structured interviews in-person, except two that happened via Skype) with therapists in their offices, at home or in private rooms during congresses. Recruitment happened through identification of reputed therapists at clinical settings and proceeded through a snowballing procedure, where the interviewees nominated colleagues that would be able and willing to provide their insights on the topic. The interviews explored participants' views and experiences with respect to integration between Gestalt therapy and Psychodrama. A grounded theory analysis was chosen in order to build a conceptual understanding going beyond the merely descriptive (Charmaz, 2006; Glaser & Strauss, 1967).

Interviews were audio recorded, transcribed and subjected to open, analytic coding by the two authors. The text in each interview was divided in brief segments that expressed a relevant idea. During open coding, the authors constructed a new code to qualify the meaning of each subsequent segment. They compared every new segment with previous codes, to determine whether the meaning being conveyed was best captured by an existing code. This comparison often lead to alterations in the wording of existing codes to better accommodate new views of their meaning that became available through the comparison. The authors developed categories by grouping related codes in broader meaning frames. The codes thus became the defining properties of the categories. Throughout interviewing, transcription and interpretation of the data, the authors recorded insights in memos they used for better-contextualised conceptualization of the codes and the relations between them.

Because data collection occurred simultaneously with analysis, new interviews incorporated emerging themes, in order to qualify them further and to provide credibility checks for the codes in development. In order to make the leap from concrete meaning to theoretical insight, the authors engaged in an iterative and reflective endeavour of continuous comparison

between rough data, codes and emerging categories. The authors discussed each step in order to make consensual choices.

In the process, *obstacles to integration* showed up as a strong category, to which all but two participants contributed. Not only was the feeling that integration faced important obstacles vigorously present in most of the interviews, but the reported obstacles at times combined apparently contradictory perspectives in the discourse of a single participant. The second author returned to the interview transcripts that contributed to this category, to consider how participants used these, sometimes contradictory, arguments in their discourse. This new reading highlighted that participants managed their arguments in relation to their professional identities and needs. This helped organize the four discrepant perspectives into an underlying dimension of commitment and belongingness. During this reanalysis, the first author served as an analytical auditor, providing credibility checks on the interpretations provided during this final phase. The results section presents the contents of the category deepened by this revisiting of the raw data. Where concepts are illustrated with quotations from the data, these are translated from Portuguese as closely as possible.

## **Results**

Four perspectives from the lived experience of the participants appear to make integration between Gestalt therapy and Psychodrama daunting. These are: (1) the argument that the other approach is too similar to contribute anything different; (2) the argument that integration with another approach would take the deep hallmarks of one's identity away; (3) the argument that the other approach is misguided and flawed; (4) the experience that the dynamics of the professional field will make the effort fail. We will now present results relating to each of these four obstacles identified by the participants. Table 4 summarises these results and shows the participants who contributed to each of the codes.

Table 4. Overview of the model and participants who contributed to each code.

Categories	Codes	Participants	# endorsing Category
The other approach is too similar.	Both are highly emotion centered	P15	6P/1G or 7/22
	Both lack theoretical depth	P14, P17	
	Both lack clinical focus	P12	
	Both are headstrong	P10, P13, P15, G22	
Integration impoverishes	Integration warps the theory-practice configuration	G2, G6, P10, P14, G22	2P/3G or 5/22
	Integration would weaken each approach	P10, G22	
The other approach is flawed.	It hinders experiential contact and expression, reinforcing social conditioning	G2, G3, G5, G6, G7, G8, G18, G19, G20	7P/9G or 16/22
	It is too technique oriented and conceptually/clinically shallow	G2, G6, G7, G8, G18, G19	
	Its influence thus far has been unproductive	P1, G2, P9, P12, P13, P15, P17, G18, P21	
The dynamics of the field thwart integration.	There is no institutional space for integration in Brazil	P9, P15	4P/2G or 6/22
	All institutional space is absorbed by schools	P12	
	Struggle over space interferes with integration	G2, G8, P16	

P = psychodrama therapist' G = Gestalt therapist

*The other approach is too similar to contribute anything different*

Several participants felt that the two schools share the same biases and vulnerabilities: “*The other doesn’t have what we lack*” (P12); “*They use the same technique*” (P21). Various participants applied the same criticisms on their own model and on the other, generally identifying a dearth of theoretical scope in Gestalt therapy and in Psychodrama. As both models lack, e.g. a theory of personality, neither school can help the other with this shortfall. Both tend to over emphasise the expression of emotion and touse ‘canned’ techniques that seem to absolve clinicians from theoretical reflection and from organizing sessions around treatment goals: “*Emotion for emotion’s sake. They are both like that.*” (P15). These flaws unhelpfully support superficiality and posturing, considered to be contempt for the client’s needs: “*It all remains in the air. [...] Hugging, being happy, understanding that we are spontaneous beings is all very fine. But there is a service that ought to be provided*” (P12).

All seven contributors to the idea that similitude thwarts integration between the schools presently are active faculty of a training institute. Six of the seven contributors to this category were psychodrama therapists. That only one Gestalt therapist contributed to this category appears to indicate that either Gestalt therapists do not typically consider Psychodrama to be too similar or that they may not consider this closeness to be an obstacle to integration. Specifically faculty members who contributed to this subcategory handled the issue in ways that suggest candid awareness of their own school’s deficiencies. One aspect that may inhibit seeking help for these deficiencies, is that both schools, according to are felt to be particularly headstrong in snubbing out-group contributions.

*Integration would impoverish the school, taking away its hallmarks*

Seven respondents contributed to this category. Remarkably, three of the seven participants who reported that they consider the other school too similar to contribute anything different were also among five who reported feeling that translating the concepts of either school would warp the theory-practice configuration. Each of the five clinicians who contributed to the latter idea held faculty positions in training institutes and were active supervisors, besides four of them being directors of training institutes. They elaborated on the notion that using technical and theoretical contributions out of the context of the model that produced them entails a considerable loss of theoretical depth, and no gain of scope. Outside their original conjectural framework, concepts become shallow. Such a loss of meaning, according to them, would take away the hallmarks that support both the school's identity in the broader field and its characteristic approach in the therapist's office.

Integration would take away the typical theoretical outlook of each school, participants claim, and threaten the diversity of approaches offered on the psychotherapy marketplace. Valuable differences that may be a school's *raison d'être* go lost in trying to forge exchanges with another approach. The dissimilar products that different schools offer meet the diversified needs of clients: "*There are patients for any slant*" (G2), but each of these differences needs retain its original conceptual structure if it is to make any sense. Bringing schools closer to each other would impoverish the range of services offered.

The professional who ventures outside the confines of his or her model may face disapproval from his or her group. In addition, some participants claiming firm allegiance to a model is crucial condone this form of social pressure. They state that clinicians do not do their school a favour by admitting they cannot understand the whole range of clinical phenomena solely through the lens of their own model alone. One participant (G22) lengthily repudiated the "Gestalt and"<sup>1</sup> approaches, which have been around in the Brazilian Gestalt community.

Such practices, according to this participant, publicly decry the impotence of the Gestalt therapy model and harm the community in both its academic ambitions and its competitive position on the market.

Technical eclecticism was condemned as a *crazy creole samba*<sup>1</sup> (P14), or a badly darned patchwork quilt (P10). Even where Gestalt therapy and psychodrama flaunt similar techniques, they still differ in their theoretical understanding of these. Participants considered that there was a severe intellectual demand placed on anyone who considers engaging in a serious project of psychotherapy integration is, in itself, and that this remains a formidable obstacle for integration. In particular, they consider a profound analysis of both schools' philosophical assumptions needed before embarking on such a hazardous endeavour as integrating two approaches. Considering these high demands and uncertain outcomes, participants viewed underscoring one school's singularity as a better investment.

While several participants contributed to the idea that integration impoverishes their school by taking away the schools' hallmarks, they differed in the use they made of this idea. Some respondents used it to argue that any respectable school stands on itself. G22 did so in the context of a fierce general anti-integration discourse. Two other Gestalt therapists handled it as an argument that helped them make their specific point against dialogue with psychodrama, the influence of which on Gestalt therapy had thus far been corrupting. Still other participants used the same idea to plea for cautious integration. Particularly, P10 and P14 used it to argue in favour of integration based on an examination of epistemological convergence and profound theoretical and clinical reflection. These cautions taken, the school's hallmarks can be preserved while compatible innovations and contributions from other schools could be selectively welcomed.

*The other approach is flawed*

This was the most highly endorsed category. Sixteen participants from both approaches contributed to this category. In the interviews, there was a strong tendency for participants to describe the differences between Gestalt therapy and psychodrama in terms of the flaws they attribute to the school with which they did not identify. Some flaws reported were strikingly similar, regardless of the school the participants belonged to. This suggested they were applying arguments in ways benefitting ‘in-group’ self-image, and that judgment was a psychological dynamic that stands against possibilities of integration. Discussing differences with the other school prompted identity related reactions that made emotions flare up and tended to funnel the range of arguments. These respondents argued that clinicians belonging to the other school are typically less involved with the client and engage less productively in the human depth of the therapy relationship. Those who contributed to this category typically described the other group as more technical and less relationally oriented: “*Gestalt therapy uses lots of techniques. I don’t see it looking for much depth*” (P17); “*The psychodrama therapist looks down from upon the hill and gives directions*” (G2). Some described treatment by the other approach as faster and shallower, and their own as lengthier and more profound.

Therapists of both schools accused the other group of misguiding both clients and candidates for training by making assurances of quick results that demand little effort or study. They credited their own model with a deeper clinical process that they considered more desirable in view of the complexity of therapeutic needs. Some argued lengthily that fledgling therapists and clients should learn to deal patiently with the anxiety that is part of the process. This way, theoretical discourses long established in the broader field were recycled as resources that affirmed of the moral superiority speaker’s own school. Gestalt therapists and psychodrama therapists attributed the same valued characteristics to their in-group and unfavourable features to the out-group, suggesting that a social comparison bias was at work.

However, other arguments were unique to one of the schools. Various Gestalt therapists, all of whom were active supervisors, reported perceiving psychodrama therapists as overly technique oriented and shallow or as hindering experiential contact. They saw Psychodrama as a callously rigid system of pre-defined steps and stages. They feel that the function of a drama director imparts the therapist with an authoritarian, aloof imprint. By imposing dramatization, Gestalt therapists asserted that the psychodrama therapist misses important dimensions of the client's spontaneous experience. They considered that psychodrama's directive practices necessarily reinforced clients' neurotic mechanisms by forcing them to adapt to therapist authority. One participant reported that Gestalt therapy too is, in principle, vulnerable to the same error. However, Gestalt's salvation, they said, came through the adoption of libertarian philosophical influences, which psychodrama allegedly lacks. Others claimed that Gestalt therapy is better prepared for freeing individuals from social conditioning. Moreover, Gestalt's openness was also reported as allowing the therapist to contribute his or her personal strengths and style, while the competitor's model was viewed as too rigid to allow such contributions.

Dramatization as a technique also received harsh criticism from some Gestalt Therapists reporting that the embodiment of experience in psychodrama role-play generates meaningless performance or intensely cathartic scenes for which the client may be unprepared. They explained that asking the client to play roles obstructs his or her contact with free flowing experience. Some participants felt that Gestalt therapy has successfully left behind such invasive and disrespectful techniques, to the advantage of "*elegantly reflective and relational practices*" (G19). According to some respondents, contemporary efforts to integrate dramatic techniques threaten to revive a long vanquished negative undercurrent in historical Gestalt therapy. They warned against allowing these corrupting influences from the past back into present day Gestalt therapy. Still other respondents, while extolling having the capacity to promote client

free experiential contact and therapist personal involvement, reported that Gestalt therapy promotes spontaneous experience while psychodrama arbitrarily induces artificial experiences.

From the psychodrama perspective on the other hand, some respondents admitted to specific motives for warding off Gestalt therapy influences. Some saw Gestalt therapy as an impoverished practice that lacks the dimension of bodily and spatial movement. They reported that only through the body in motion, otherwise inaccessible clinical material can be mobilised, and that dramatization is mandatory for good therapy: "*The psychodrama therapist who does not dramatize is a disgrace!*" (P13). In its absence, they reported that clinical practice is doomed to be poor and ineffective. Some felt the Gestalt school had not succeeded in developing a consistent way of working with groups. Gestalt therapy focusses the individual even within the group therapy setting. They contrasted this approach with the rich concepts and methods Psychodrama offers for interpersonal and group process. The alleged 'flexibility' of Gestalt therapy was derided as absence of clinical structure and treatment goals: "*They mislaid both content and direction*" (P15).

In several instances, contributors used both the negative traits they attribute to the other school as well as idealisation of their own in the context of their descriptions of recruitment of candidates for training and of clients for therapy. This appears to support our view that the belittling of 'out-group' peers' practices related to 'in-group' allegiance, that appears to be driven by professional identity needs. A sort of 'straw man' view of the 'other group' as a preposterous 'out-group' supports a strong selling of a powerfully positive 'in-group'. It would seem, then, that commitment to one's community would be anathema to interest for the other group's contributions. Strong emotional commitment to the school, often cheered for during trainings and professional meetings, fuels social comparison based on an 'in-group – out-group' contrast. This appears to encourage prejudice against members of competing schools, out of hand rejection of their contributions as well as slander of their character.

*The dynamics of the professional field hinder integration*

Institutional space in Brazil is scarce. As a result, schools of psychotherapy depend heavily on universities for their recruitment of candidates, and for marketing their treatments. A particular consequence of this state of affairs, according to some respondents, is that schools depend on members' explicit allegiance for survival. At the same time, branded institutional habits, jargon, techniques and procedures endow a school with the characteristics of a culture and its members with a shared identity. In the context of the relentless power struggles in universities, the school's identity needs strong protection. Integration, according to some respondents can threaten group identity by watering down the cultural practices that provide the social glue between the members of a professional community. Participants raised this issue in the context of discourses that either pleaded for restrained integration or reported the clinician's own pro-integration efforts and how the conditions of the professional field had thwarted them. Five of the six participants who contributed to this subcategory did not find integration impoverishing, although four did still attribute negative traits to the other school as an argument in pleading for restrained and thoughtful integration.

There were three different properties found within reports of this point. The first was that no institutional support is available for integration, as separate schools occupy all available space and need to defend whatever space they occupy. Secondly, the scarcity of space resources promotes struggle between schools. This struggle hardens their positions and does not motivate them to yield a shared space for an integration movement. Two participants stressed how the unavailability of institutional space for integration dissuades clinicians from seeking dialogue. Therapists who reported informally seeking clinical resources outside their model also reported facing a lonely quest. They lamented the lack of Brazilian scientific journals, conferences or societies dedicated to, or at least supportive of integration. The firm control over training and

academic infrastructure exercised by the schools marginalizes efforts at integration. Remarkably, the participants who stressed the active power struggle between schools as an impediment for integration were two pioneers for their approach in Brazil, and one regional pioneer. They described how schools compete for faculty appointments, institutional slots and even for the physical space available to clinical psychology in university buildings and foundations, so that no neutral ground remains where communities might encounter and dialogue productively with each other. Instead, separate information channels and social network environments create intellectual ghettos, and rivalries between ghettos which, according to some participants, discourage the development of potentially valuable partnerships.

Respondents lament the scarcity of resources needed to maintain an intellectual and professional community in academic settings and on the psychotherapy marketplace in Brazil. Within settings replete with fierce competition, each ‘combatant’ sees the limits and problems of the other school as its own competitive advantage, an advantage that can contribute to maintaining its own ‘territory’. To neutralize any potential advantage of the ‘enemy camp’, one can either publicly belittle it or co-opt the competition’s contributions without acknowledging them. Some participants, who described this problem, traced it back to the founders, Moreno and Perls. They might have teamed up in their search for alternatives to psychoanalysis. Instead, according to respondents, they preferred to hide their reciprocal influences and stake their personal claims to originality.

The idea that the competition for institutional space hinders integration makes sense if one considers how clinicians depend on the space their group can secure for them to survive themselves. The status and returns furnished by a career within a community may, according to some respondents, give a therapist, supervisor or faculty member more than intellectual reasons to embrace the model that their social recognition or income depends on, and to defend it

staunchly against competing models. Since individual schools occupy all resources, the professional has little choice but to acquire a stake in one of the competing groups. Interestingly, participants made this observation in the context of generally pro-integration discourses. In comparison, the argument that the other approach is flawed was more often handled in the context of integration-sceptic discourses.

## **Discussion**

The present study set out to examine obstacles for integration between the two humanistic schools reported in interviews with Brazilian psychodrama and Gestalt therapists. The analysis then turned to how psychotherapists actively deploy their arguments in trying to define obstacles to integration. Particular attention was paid to how they rhetorically defended their views against implicit alternatives and how their discourses affirmed identity and belongingness, linking to structural issues in the field.

Most of the concerns raised were of an intellectual nature: the approaches being too similar to be able to contribute to each other, the threat of conceptual and clinical impoverishment and the notion that the other is flawed. These theoretical reasons reflect intellectual issues in the field, particularly a common fear of and argument against creating the menace of "eclectic monsters" (Figueiredo, 2009, p. 181). There has also been an evolution within which relational thinking and philosophical enquiry has gained favour in Brazilian Gestalt therapy (Frazão & Fukumitsu, 2013), so much so that what to Perls were his own original psychodrama-like action and role-play practices have now come to be eschewed in Brazilian Gestalt therapy. The rejection of action and role-play techniques thus became a reason to abhor psychodrama and shun therapists practicing it. As such, Norcross' (2005) view that historical processes lead professionals to operate within particular theoretical frameworks that lead them to consider integration a difficult, and albeit risky business is being born out.

However, a closer look at the way the intellectual arguments our participants wielded shows these arguments have an identity based rather than academic motivation. The reported competitive dynamics in institutions and the call for group allegiance point to the importance of social processes, rather than intellectual appraisal in the perception of obstacles to integration. Bourdieu (2001) described how competition over institutional resources and infrastructure favour collective commitment to models. At universities and research institutions, socially supported values, beliefs and techniques define legitimate scientific issues and methods. The group who controls space and resources delimits the issue scientists may be encouraged to study and the methods they may use. Gatekeepers reserve the resources of the field to researchers who play by their rules. Several participants' heavy reliance on institutional discourses concerning the flaws of the other school and the dangers of consorting with the competitor shows how they managed their arguments in coordination with their professional identities and needs.

The, at first counter-intuitive, finding that participants regard similarities between models as an obstacle to integration makes sense in the context of competition for the same slice of the market. A too similar competitor can be defaulted for not offering any advantage. And by aggressively denouncing insignificant differences, the competitor can still be made to look worse. The tendency to assign appropriate attitudes to colleagues of one's own school and undesirable behaviour to the others may also relate to this question. Allegiance to the sheltering and nurturing group adds up with the impositions of the market place as motives to relegate integrative interests. It is easier to build belongingness, reputation and commercial advantage by emphasizing what is better in one's model rather than what is similar (Norcross, 2005; Paris, 2013).

Theoretical debates between groups can resemble ethnic conflicts in which differences are stressed and stereotypes reinforced (Wachtel, 2010) and relations between psychotherapy communities can develop xenophobic overtones (Gold & Stricker, 2006). The illusion that the

choice is between disciplinary isolation and the dissolution of boundaries (Morin, 1986) seems to make integration more of a threat to the schools and their identity hallmarks than it needs to be.

Participants pointed to the importance of and need for an individual school's identity hallmarks as another important issue while discussing their fear of impoverishment should integration with the other approach occur. This suggests that emotionally judgemental attitudes that impede appreciating the other's potential contributions stem not only from political, social and intellectual forces but also from deep group identity needs.

### **Final considerations**

Schools often have an infatuation with the unique progress and merits their model has brought to the marketplace. In order to overcome this common infatuation with self or allegiance effects, champions of psychotherapy integration may want to even-handedly construct an objective account of benefits and merits, and limitations of many different models in order to achieve distance from the limiting myths of singularity and superiority. Meanwhile, group identity is crucial to psychotherapy schools in view of the competitive conditions. People need to belong in a group where they can feel valued and safe. The integration movement needs to consider both the emotional and pragmatic needs served by the practice of schools mythologizing themselves. The study of how the control of infrastructure (including institutional space and academic resources) produces a professional ideology that predominantly is unfavorable to integration must also occur. This may in fact be more fruitful in changing current practices than making rational arguments against ideological resistance in itself.

A debate centring uniquely on theoretical and rational propositions may be insufficient to promote integration aims, as our analysis attests to the impact of identity and emotion on the way participants perceive the obstacles for integration. The pragmatic needs of the school on

the academic and clinical marketplaces and the stakes members hold in their school refers us to the infrastructural conditions of the academic and clinical industry. This infrastructure produces trainings and sustains professional communities. Its constraints pressure the individual stakeholder to boost his or her school and fight other schools in order to protect the stakes he or she invested in his or her career.

It is hardly feasible that a more integration friendly culture can be promoted without considering the needs of the schools and the individual professionals that relate to the conditions of the field. Actual changes in institutional dynamics may be a prerequisite for taking the emotional edge off social comparison processes that derive from competition over the control of resources. After all, this study suggests that the way therapists relate to perceived obstacles for integration depends on (and makes sense in the context of) the competitive strain within field.

## References

- Almeida, W. C. (2006). *Psicoterapia aberta. O método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise*. [Opening psychotherapy. The method of psychodrama, phenomenology and psychoanalysis]. São Paulo: Ágora.
- Bourdieu, P. (2001). *Science de la science et réflexivité [Science of science and reflexivity]*. Paris: Raisons d'Agir.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory*. London: Sage Publications.
- Figueiredo, L. C. M. (2009). *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. [Revisiting the psychologies. From the epistemology to the ethics of psychological practices and discourses]. .Petrópolis: Vozes.

Fração, L. M. & Kukumitsu, K. O. (Eds). (2013). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. [Gestalt Therapy: epistemological foundations and philosophical influences]. São Paulo: Summus.

Glaser, B. & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago: Aldine Publishing Company

Gold, J. e Stricker, G. (2006). Introduction: an overview of psychotherapy integration. IN: Stricker, George e Gold, Jerry (eds). *A Casebook of Psychotherapy Integration*. (pp. 3-16). Washington, DC: American Psychological Association.

Morin, E. (1986). *La méthode 3: La connaissance de la connaissance*. [The method 3: knowledge of knowledge]. Paris: Seuil.

Norcross, J. C. A Primer on Psychotherapy Integration. In: Norcross, J. C. (Ed); Goldfried, M. R. (Ed), (2005). *Handbook of psychotherapy integration* (2nd Ed.). Oxford series in clinical psychology. (pp. 3-23). New York, NY, US: Oxford University Press.

Osório, L. C. (2003). *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma nova era*. [Group psychology: a new discipline for the advent of a new era]. Porto Alegre: Artmed.

Paris, J. (2013). How the history of psychotherapy interferes with integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23(2), 99–106.

Wachtel, P. L. (2010). Psychotherapy integration and integrative psychotherapy: Process or product? *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 406–416.

**4.4 Artigo 04**–Submetido à Revista Psicologia em Revista/PUC Minas (Qualis Capes B1; ISSN 1698-9563)

Data da submissão: 14/03/2014

Situação: Em avaliação

**CAMINHOS E BENEFÍCIOS DA INTRADISCIPLINARIDADE EM  
PSICOTERAPIA: DIÁLOGOS ENTRE O PSICODRAMA E A GESTALT-TERAPIA**

Érico Douglas Vieira- Universidade Federal de Goiás (Regional Jataí).  
[ericopsi@yahoo.com.br](mailto:ericopsi@yahoo.com.br)

Luc Vandenberghe - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.  
[luc.m.vandenberghe@gmail.com](mailto:luc.m.vandenberghe@gmail.com)

**Resumo**

A diversidade epistemológica das psicoterapias suscita questionamentos quanto à forma de articulação entre os diversos saberes. Apesar da crescente preocupação em mapear as possibilidades de comunicação entre as abordagens, permanecem dúvidas sobre o escopo da integração e sobre critérios seguros para a realização de diálogos intradisciplinares. Este artigo objetiva examinar possíveis benefícios e caminhos para a integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia a partir da ótica de 22 profissionais de ambas as abordagens. Os conteúdos das entrevistas indicam um enaltecimento ao exercício da intradisciplinaridade na psicoterapia, além de fornecerem caminhos claros para as integrações, diferentemente do que está descrito na literatura. De uma análise pautada nos preceitos da Teoria Fundamentada, emergiu a ideia de que estudar outras teorias aumenta a sensação de segurança e competência do profissional em face de realidades complexas encontradas no consultório. A consciência de que ambas as abordagens se desenvolveram historicamente graças a migrações de conceitos fomenta a esperança de que novos impasses possam ser superados pelos diálogos intradisciplinares. A articulação

do diálogo integrativo deve ser norteadada pela proximidade epistemológica entre as teorias, pelos imperativos clínicos do terapeuta e pelas exigências das situações práticas no consultório. O estudo sugere a necessidade de uma mudança no campo das psicoterapias no sentido de uma maior comunicação entre as abordagens.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Psicodrama; Interdisciplinaridade.

## **PATHWAYS AND BENEFITS OF INTRADISCIPLINARITY IN PSYCHOTHERAPY: DIALOGUES BETWEEN PSYCHODRAMA AND GESTALT THERAPY**

### **Abstract**

The epistemological multiplicity of psychotherapies raises the issue as to how to articulate the diversity of knowledge implied. Despite growing concern in mapping the possibilities of communication between different approaches, doubts remain about the scope of integration and about secure criteria for conducting interdisciplinary dialogue. This article aims to examine possible benefits and pathways to integration between Psychodrama and Gestalt therapy from the perspective of 22 professionals of both approaches. The contents of the interviews indicate great confidence in the exercise of interdisciplinary practice in psychotherapy, and provide clear pathways for integrations that are different from those described in the literature. From a Grounded Theory analysis emerged the idea that studying other models increases the feeling of safety and competence in the face of the complex realities therapists need to deal with. The awareness that the historical development of both schools of psychotherapy, involved migration of concepts fosters the hope to overcome present day difficulties through interdisciplinary dialogue. Criteria for the articulation of integrative dialogue include the proximity between

epistemological theories, the therapist's in-session needs and the pragmatics of clinical situations. The study suggests the need for a change in the field of psychotherapy to promote better communication between approaches.

Key-words: Psychodrama; Gestalt therapy; interdisciplinarity.

## **CAMINOS Y BENEFICIOS DE INTRADISCIPLINARITY EN PSICOTERAPIA:**

### **DIÁLOGOS ENTRE EL PSICODRAMA Y LA TERAPIA GESTALT**

#### **Resumen**

La diversidad epistemológica de las psicoterapias plantea dudas en cuanto a la forma de articulación entre los diferentes saberes. A pesar de la creciente preocupación en la cartografía de las posibilidades de comunicación entre los enfoques, sigue habiendo dudas sobre el alcance de los criterios de integración y de caminos para llevar a cabo los diálogos. Este artículo tiene como objetivo examinar los posibles beneficios y los itinerarios de inserción entre el Psicodrama y la terapia Gestalt desde la perspectiva de 22 profesionales de ambos enfoques. El contenido de las entrevistas indican una mejora del ejercicio de intradisciplinarietà en psicoterapia, y proporcionan caminos claros para integraciones y diferentes de lo que se describe en la literatura. Un análisis guiados por los principios de la Teoría Fundamentada, surgió la idea de estudiar otras teorías aumenta la sensación de seguridad y la competencia profesional contra las realidades complejas que se encuentran en la psicoterapia. La conciencia de que ambos enfoques han evolucionado históricamente a través de las migraciones de conceptos fomenta la esperanza de que nuevos bloqueos se pueden superar mediante el diálogo entre enfoques. La articulación de un diálogo integrador debe estar guiada por la proximidad entre las teorías epistemológicas, los imperativos de lo terapeuta y por las exigencias de las situaciones prácticas. El estudio sugiere la necesidad de un cambio en el campo de la psicoterapia en el sentido de una mejor comunicación entre los enfoques.

Palabras clave: Psicodrama; Terapia Gestalt; Interdisciplinarietà.

## **Introdução**

No desenvolvimento da ciência ocidental observa-se uma vertiginosa produção de conhecimentos reunidos em diversas disciplinas. O crescimento exponencial de saberes separados conduziu a uma crescente especialização. Conseqüentemente há, ao mesmo tempo, progresso em virtude de fecundas descobertas e uma compreensão mutiladora da realidade em razão da pouca comunicação interdisciplinar (Morin, 2005). A questão problemática é a forma como o conhecimento foi organizado, baseado na fragmentação e no fechamento disciplinar. Os modos simplificadores de organização do conhecimento levam, atualmente, os praticantes da ciência a questionarem se a complexidade da realidade e dos fenômenos está sendo bem retratada (Morin, 2007).

Inserida neste âmbito, as abordagens em psicoterapia representam uma tentativa de responder às necessidades do ser humano moderno, decorrentes da insuficiência dos modos de subjetivação liberal e romântico, que pressupunham um ser humano dotado de liberdade e singularidade (Figueiredo, 2009). Para dar conta desta demanda, produziu-se uma multiplicidade de concepções de fazeres clínicos, influenciada por diversas práticas sociais, modelos filosóficos e conceitos importados de outras ciências (Ferreira, 2007). Do surgimento até o tempo presente a diversidade de pontos de vistas tornou-se uma marca do campo, (Figueiredo, 1991). Como compreender e lidar com este polimorfismo? Deve-se afirmar o caráter multiparadigmático do campo das psicoterapias e entender a diversidade como sinal de riqueza e vitalidade (Figueiredo, 2009)? Além da importância de refletir sobre a pluralidade do campo, são necessárias reflexões sobre a relação entre as escolas. As teorias sabem conviver umas com as outras? O projeto interdisciplinar proposto para reorganizar as relações e possibilitar as interações produtivas entre os saberes mutilados pela fragmentação científica (Morin, 2007) pode também ser relevante para a psicoterapia?

Na seara das psicoterapias, percebe-se uma rivalidade histórica na qual os adeptos de cada abordagem ou ignoram ou são hostis às contribuições de abordagens diferentes (Watchel, 2010). Tradicionalmente, os terapeutas operaram dentro de suas escolas de filiação, ficando cegos aos conceitos e intervenções alternativos (Norcross, 2005; Paris, 2013). No entanto, desde o início da década de 1990, há um crescente interesse em extrapolar as fronteiras e examinar o que pode ser aprendido de outras formas de psicoterapia. Os terapeutas desejam ficar expostos a mais de uma maneira de pensar e buscam estudar outras abordagens com seriedade, sem terem a certeza de que vão incorporar os novos conhecimentos às suas práticas (Watchel, 2010). Em torno deste interesse formou-se um movimento de integração em psicoterapia, caracterizado pelo estudo das formas possíveis de comunicação e de integração entre as escolas. A insatisfação com a adoção de uma abordagem isolada e a busca por intervenções mais eficazes são marcas deste movimento (Gold & Stricker, 2006; Norcross, 2005).

A interdisciplinaridade refere-se às trocas entre os diversos saberes com uma postura de disponibilidade em ser enriquecidos por concepções alheias. Com a conexão das disciplinas, através do diálogo epistemológico, há a expectativa de expansão do espectro compreensivo da realidade (Osório, 2003). Neste trabalho será adotado o termo intradisciplinaridade na tentativa de retratar os diálogos entre as teorias que se encontram dentro do território epistemológico da Psicologia. O sentido é o mesmo contido no conceito de interdisciplinaridade. Proponentes do movimento de integração argumentam que é mais provável que se tenha uma prática mais ajustada às necessidades do cliente quando se busca conhecer uma variedade flexível de conceitualizações. A adoção de uma solução procustea segundo a qual o cliente deve ser encaixado em uma abordagem pré-determinada tem o risco de beneficiar menos clientes (Stricker, 2010). Aumentar o repertório teórico e técnico do terapeuta o capacita a lidar melhor com a complexidade da realidade clínica e a lidar com os casos difíceis (Norcross, 2005).

Existem muitos estudos empreendidos para a elaboração de formas de diálogos entre abordagens (Miller, Duncan & Hubble, 2005; Philippi, 2004; Prochaska & DiClemente, 2005; Stricker, 1996; Stricker & Gold, 2005). Serão mencionados alguns caminhos para as integrações, descritos na literatura profissional. Prochaska e DiClemente (2005) propõem a abordagem transteórica na qual o processo de mudança ganha foco. Os processos de mudança modificam o pensamento, o comportamento ou afeto relativo a um problema em particular. Os autores citam alguns deles: aumento da conscientização, auto reavaliação, reavaliação do ambiente, alívio dramático, contra condicionamento, relação de ajuda, controle de estímulos. Geralmente as grandes escolas de psicoterapia utilizam somente dois ou três destes processos. O terapeuta transteórico pode escolher técnicas provenientes de diferentes escolas com o intuito de facilitar uma maior gama de processos de mudança no cliente. Para os autores, os terapeutas deveriam ser tão complexos quanto seus clientes (Prochaska & DiClemente, 2005). Outra proposta que envolve integração é a abordagem informada pelos resultados (Miller, Duncan & Hubble, 2005). Nesta concepção, a psicoterapia é ajustada para a estrutura de referência do cliente, tratado como um consumidor que deve ter voz ativa. Os *feedbacks* dos clientes sobre o processo e os resultados da psicoterapia guiam os passos do terapeuta e são mais importantes do que a abordagem psicológica escolhida.

Portanto, na literatura profissional são descritos alguns caminhos que são produtos do engenho e da criatividade dos teóricos do movimento de integração. Em contraste, no presente trabalho, pretende-se descrever os benefícios e critérios para integração a partir das narrativas de 22 profissionais, psicoterapeutas no campo. Pretendeu-se entender quais são as direções e os caminhos para a integração de acordo com o profissional. Desta forma, procura-se verificar se a vivência profissional no campo condiz com o que está descrito na literatura. Na medida em que o tema é mais desenvolvido na língua inglesa, a relevância do estudo também pode se dar devido à escassez de pesquisas sobre comunicação entre abordagens no Brasil.

## **Método**

Este artigo é fruto da pesquisa intitulada “Investigando as possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia”, aprovada em comitê de ética em pesquisa, sob o protocolo de número CAAE 003.0.168.000-11.

A metodologia da Teoria Fundamentada foi utilizada em todas as etapas da investigação. Como sugere o nome, seus métodos conduzem à construção de teoria a partir dos dados e não de hipóteses pré-concebidas. Desde o início da investigação, busca-se a elaboração de códigos e categorias analíticas que se ajustem adequadamente aos dados (Charmaz, 2009). A densidade conceitual é uma meta para a superação de estudos meramente descritivos. A diretriz é a obtenção de dados relevantes que consigam alcançar aquilo que está sob a superfície da vida social e subjetiva. Para isto, alguns critérios são necessários: a revisão de literatura deve ter a função inicial restrita de guia dos interesses de pesquisa; a coleta e a análise de dados devem ocorrer simultaneamente; as ideias iniciais devem ser constantemente comparadas com o material emergente, sendo abandonadas ou ajustadas de acordo com o que se apresenta. Trata-se de uma metodologia de caráter qualitativo, pois a amostragem é norteada para a construção de uma teoria, sem a busca da representatividade populacional (Charmaz, 2009).

Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com 22 profissionais, 11 gestalt-terapeutas e 11 psicodramatistas. Foram entrevistadas 14 mulheres (06 psicodramatistas e 08 gestalt-terapeutas) e 08 homens (05 psicodramatistas e 03 gestalt-terapeutas). Dezesete são professores de formação na abordagem (07 de Psicodrama e 10 de Gestalt-terapia) e seis são professores universitários (05 de Gestalt-terapia e 01 de Psicodrama). Por fim, oito são autores de livros na abordagem (03 gestalt-terapeutas e 05 psicodramatistas). O encerramento da busca de participantes se deu pelo entendimento de que a pergunta de pesquisa

havia sido respondida. Os temas norteadores das perguntas das entrevistas foram: relação pessoal com a própria abordagem; grau de conhecimento da outra abordagem; pontos em comum entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama; pontos de divergência; possibilidades de integrações entre as abordagens.

As entrevistas foram transcritas, discutidas pela equipe de pesquisa e codificadas. A codificação é o exercício de nomear e categorizar segmentos de dados com o objetivo de alcançar insights teóricos (Charmaz, 2009). Após as reflexões teóricas iniciais, novas coletas de dados foram realizadas para buscar dados mais específicos. Durante o processo de coleta e codificação, concomitantemente, foram elaborados memorandos que consistem em registros escritos sobre possibilidades analíticas dos dados emergentes.

Na construção da teoria fundamentada sobre as possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, os benefícios da integração para as abordagens e para a prática profissional, bem como os critérios de integração foram aspectos conceituais significativos emergentes. Como o tema da integração ainda é pouco desenvolvido no Brasil e a atuação profissional é enclausurada em guetos teóricos, as reflexões sobre benefícios e diretrizes para comunicação entre abordagens trouxe uma densidade de pensamento integrativo imprevisto. Os resultados retratam reflexões sobre os ganhos tanto para o aprimoramento da prática, quanto para o aperfeiçoamento das abordagens em melhorar a comunicação intradisciplinar em Psicologia.

## **Resultados**

Os resultados serão apresentados a seguir e estão reunidos em três categorias: (1) Benefícios de integrações para as abordagens, (2) Benefícios de integrações para a prática profis-

sional e (3) Caminhos para as integrações. Os participantes são designados pelas letras P (psicodramatistas) e G (gestalt-terapeutas). Os números que acompanham as letras indicam a ordem segundo a qual foram entrevistados.

### *Benefícios de integrações para as abordagens*

As trocas entre teorias são elogiadas como condição para o crescimento de cada abordagem. Os intercâmbios podem nortear novas direções de pesquisa e ajudar a preencher lacunas. Nos diálogos estabelecidos, cada abordagem pode refletir sobre si mesma para situar-se melhor. As abordagens crescem quando os conceitos podem ser comparados, facilitando um refinamento conceitual de teorias pouco desenvolvidas. Os pontos fortes de cada abordagem são valiosas contribuições que podem influenciar o aprimoramento das demais escolas.

O contato de cada abordagem com outras teorias e sistemas acarreta um crescimento e um refinamento dos seus conceitos (G7, P10, P12, P14, P17, G20, G22). As interlocuções com pontos de vistas diferentes proporcionam uma ampliação de perspectivas de estudos, podendo gerar novas possibilidades teóricas e de intervenção (P10). O exame de algum conceito de outra teoria semelhante a algum conceito da abordagem de filiação ajuda a desenvolvê-lo mais, contribuindo para o refinamento da própria teoria (P10). Os participantes trazem alguns exemplos das possibilidades de benefícios através do espelhamento de outra teoria. É desejável que os gestalt-terapeutas façam interlocuções com outras teorias que abordam a auto organização dos sistemas, aspecto já desenvolvido pela Gestalt-terapia (G22). Examinar os escritos gestálticos sobre criatividade pode ajudar a ampliar a compreensão dos psicodramatistas do processo criativo que é um aspecto importante do Psicodrama, na medida em que as duas abordagens buscam a superação de comportamentos rotineiros (P21). O espelhamento com outra teoria ainda pode auxiliar na instauração de um processo de reflexividade, de um melhor entendimento da própria abordagem. Nos diálogos intradisciplinares, cada teoria pode ter mais clareza sobre

seus defeitos e virtudes. Além disso, seus membros podem questionar os compromissos do grupo e os temas de pesquisa preferidos e preteridos (P10 e G20).

O contato com outras teorias revela-se fundamental, sem o qual alguns desenvolvimentos importantes dentro da abordagem não teriam sido realizados (P14, P17, G20). Sair das fronteiras disciplinares auxilia a preencher lacunas. No Psicodrama, a influência de conceitos psicanalíticos estimulou a elaboração de formas psicodramáticas de compreensão de aspectos “intrapésíquicos” servindo de complementação aos conceitos relacionais (P14). A busca pela Psicanálise pode ampliar a visão do psicodramatista sobre o ser humano (P16). A incorporação das ideias de Martin Buber foram de extrema importância para a evolução da Gestalt-terapia (G20). A Psicoterapia da Relação, metodologia psicodramática de atendimento individual, foi desenvolvida através da influência de autores como Jacques Lacan, Carl Rogers e Fritz Perls (P14). A Gestalt-terapia se destaca na adaptação do Psicodrama ao trabalho clínico individual, pois inspira o trabalho com recursos de ação na situação bipessoal, através da representação de papéis de forma minimalista dispensando o aparato teatral tradicionalmente usado pelos psicodramatistas (P14).

Os participantes indicam exemplos de direções integrativas para o crescimento do espectro compreensivo da sua abordagem. Recursos das neurociências podem ser integrados ao Psicodrama para o exame das áreas cerebrais após as dramatizações (P12). Os conhecimentos das neurociências e do EMDR podem orientar a invenção de aquecimentos mais eficazes, preparando dramatizações bem sucedidas (P12). O conceito de implicação oriundo da Análise Institucional pode estimular a radicalização da etapa do compartilhar. Após a etapa da ação, o coordenador do grupo pode expor sua mobilização diante da vivência (P10).

As integrações entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama também são desejáveis. A Gestalt-terapia pode contribuir com os psicodramatistas nos seguintes aspectos: a ênfase na ampliação da consciência, a metodologia da presentificação da experiência, a busca do contato com

os sentimentos e a abordagem dos significados subjetivos individuais - aspectos pouco desenvolvidos no Psicodrama (P1, P11, P14, P15 e P21). Nas óticas de P1 e P15, a Gestalt-terapia é uma abordagem com um corpo filosófico e teórico mais desenvolvido e o Psicodrama tem mais recursos para a prática. Sendo assim, as duas abordagens podem se complementar (P1 e P15). Os psicodramatistas deveriam examinar a capacidade didática gestáltica, expressa na clareza dos seus conceitos, na expectativa de que o Psicodrama alcance maior clareza (P14). Alguns gestalt-terapeutas também anseiam pela interlocução com o Psicodrama (G2, G3, G4, G5 e G6). Os aspectos teóricos e metodológicos do Psicodrama – o conceito de tele, o uso do palco, o desempenho de papéis, o trabalho com personagens, o treinamento prático de psicoterapeutas através do *role playing* e a estruturação do trabalho através de etapas – podem enriquecer a Gestalt-terapia (G2, G3 e G5). O contato com os sentimentos podem ser seguidos pela exploração do conteúdo emergente numa dramatização. Este recurso psicodramático potencializa ainda mais a presentificação da experiência pretendida pela Gestalt-terapia (G5). A ampliação da consciência buscada pela Gestalt-terapia pode influenciar no alcance de estados espontâneos, meta principal do Psicodrama (P21).

Na reflexividade facilitada pelo tema da integração, há significativas cogitações sobre as potenciais contribuições que a abordagem de filiação pode oferecer às outras. Os participantes enaltecem as virtudes específicas da própria abordagem que supostamente faltam nas outras abordagens.

A Gestalt-terapia enfatiza a horizontalidade da relação terapêutica como a diretriz da promoção da autonomia do cliente. Para isto, o terapeuta deve cultivar uma consideração especial pelo outro, expressa nas seguintes atitudes: respeitar o saber do cliente sobre si mesmo, despojar-se de preconceções percebendo o sujeito concreto, ter confiança na capacidade de auto-organização e na tendência ao crescimento do cliente (G3, G5, G6, G7, G18, G19, G20 e G22). A postura democrática e dialogal do terapeuta, concebendo o cliente como um ser de

possibilidades, permite que este possa sentir-se capaz de fazer escolhas e de desprender-se dos rótulos recebidos (G18 e G19). A metodologia descritiva e menos interpretativa permite que os significados do cliente se destaquem, podendo inspirar as outras escolas a se tornarem menos diretivas (G3 e G5). O terapeuta deve se incluir como pessoa participante da relação, sua atuação deve transcender o papel de técnico. Sua coparticipação no processo deve ser feita com atenção, presença e cuidado na relação, com a finalidade de facilitar a emergência dos processos de auto organização do cliente (G7, G20 e G22).

De maneira similar, os psicodramatistas também narram possíveis contribuições de sua escola. O Psicodrama brasileiro, na década de 1960, foi responsável por quebrar a ortodoxia das abordagens influenciadas pela Psicanálise, abrindo caminho para práticas alternativas como a psicoterapia de grupo, por exemplo (P16). A derrocada da hegemonia psicanalítica transformou o espaço *psi* que passou a ser mais democrático e flexível (P16). Ainda hoje, a teoria psicodramática possui conceitos mais amplos para o trabalho com grupos (P21). O Psicodrama pode estimular um entendimento mais contextual do ser humano. A ruptura com a terapia do profissional, com a ideia do indivíduo isolado, demonstra a natureza social dos problemas humanos (P10 e P16). A perspectiva de se colocar no lugar do outro, fundamentada na noção de encontro humano e na busca de uma relação terapêutica forte e espontânea, é percebida como uma contribuição valiosa (P10 e P13). Finalmente, o interesse no desenvolvimento da espontaneidade estimula outras teorias a abordarem os aspectos saudáveis do ser humano (P21).

### *Benefícios de integrações para a prática profissional*

Os profissionais sentem-se mais munidos para a compreensão da realidade e para as intervenções quando estudam outras abordagens. Mesmo tendo uma abordagem de referência,

o exame de outras teorias impulsiona o desenvolvimento profissional e potencializa desempenhos criativos e eficientes.

A incursão em outros sistemas amplia o espectro compreensivo e as possibilidades de atuação do profissional. Alguns participantes percebem sua identidade profissional constituída a partir do estudo de várias abordagens e teorias (P11, P13, P14, P17, G20, P21 e G22). O referencial da abordagem isolada é insuficiente e seu uso restrito pode ser limitante. As outras teorias complementam lacunas compreensivas da abordagem de filiação e credenciam o profissional a entender melhor a complexidade da realidade humana (P10, P17 e G18). É necessário conhecer os diferentes aspectos do ser humano abordados pelas teorias psicológicas, assim como é preciso ampliar a visão com os aportes das outras ciências como a Física, a Biologia e as Neurociências, por exemplo (G22). O esforço perseguido é de se ter uma prática mais efetiva e ajudar melhor a clientela (P10, P14, P17 e G18).

A utilização de recursos externos somados aos recursos da abordagem de filiação origina formas criativas de intervenções (P9, P12, P13, P15, G20 e P21). Alguns entrevistados utilizam ativamente aspectos de outros sistemas balizados por dois critérios: a busca de abordagens que sintonizem com a sua identidade e a busca de intervenções mais potentes. Alguns exemplos concretos de integrações práticas emergiram nas conversações. P13 utiliza a noção de presentificação da experiência da Gestalt-terapia, pede ao cliente que verbalize as crenças relacionadas às emoções experimentadas, presta atenção às palavras e metáforas utilizadas e propõe dramatizações quando acha necessário. P12 utiliza a estrutura do EMDR, com sua sequência de passos para as intervenções e a postura não diretiva do terapeuta. Os cursos de formação em outros sistemas feitos pelos profissionais são percebidos como fatores que aumentam sua competência e segurança. *“Vou pegando de cada uma delas o que sinto que tem a ver comigo e me facilita nas coisas que faço”*, diz P15 ao refletir sobre sua prática profissio-

nal, sustentada pelo Psicodrama, Teoria Sistêmica e Gestalt-terapia. Alguns profissionais buscam ampliar as capacidades expressivas deles mesmos e de suas clientelas, através da adoção de recursos artísticos como pintura, poesia e técnicas teatrais (G4, G5 e P9). Mesmo a integração com outras culturas pode também ampliar a atuação do terapeuta: “*você torna-se um terapeuta mais pluripartidário se passa a conhecer o que os terapeutas de outros países estão fazendo*” (P13).

As integrações entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia são realizadas nas práticas de alguns profissionais (G2, G5, G8 e P15). Os aspectos admirados na outra abordagem facilitam esta aproximação. O Psicodrama é enaltecido por alguns gestalt-terapeutas pelas seguintes características: a ruptura com aspectos indesejáveis da Psicanálise, trazendo flexibilidade para as psicoterapias (G8) e a concretização do contexto do indivíduo ao trabalhar com a representação de papéis (G2 e G5). A apreciação da outra abordagem possibilita incorporar os elementos desejados e a permanência na abordagem de filiação: “*O que tem no Psicodrama, eu posso fazer na Gestalt-terapia*” (G5). A entrevistada P15 admira a valorização da perspectiva do cliente realizada na Gestalt-terapia. Busca incorporar em sua prática a validação da experiência do cliente e a não imposição do ponto de vista do terapeuta.

### *Caminhos para a integração*

As integrações entre abordagens devem ser feitas com esmero para a promoção de resultados bem sucedidos, com o intuito de respeitar as contribuições singulares de cada abordagem. Para evitar erros e aproveitar os benefícios das integrações é necessária a adoção de critérios que norteiem adequadamente os intercâmbios.

Para serem produtivas, as integrações não podem ser realizadas de forma desordenada e irrefletida (P10). Um dos critérios apontados é a busca da “*coerência epistemológica*” (G22). É preciso identificar se há uma proximidade epistemológica entre as abordagens (P9, P10,

P17). O exame superficial pode apontar semelhanças nas técnicas. No entanto, se a visão de mundo e a fundamentação filosófica forem incompatíveis, as integrações são impertinentes (G7 e P9). As interfaces e sinergias de concepções epistemológicas convidam para os diálogos e respaldam as trocas integrativas (G7, P9, P10, P14, G20 e G22). Mais especificamente, a procura de um conceito comum é um ponto de partida coerente (P10). A busca de elementos que faltam na abordagem de filiação em outras teorias que possuem fundamentações filosóficas próximas também é um caminho valorizado (G20 e G22).

Cada abordagem tem pontos de conexão e pontos fechados (P10 e P14). Os aspectos singulares de cada abordagem constituem seu “núcleo” (P10), que está inserido em um “campo” (P10), que seriam os aspectos que poderiam dialogar com outra teoria. Os aspectos específicos devem ser mantidos para preservar a singularidade de cada abordagem que contém a sua maior potência (P10). Com isso, a integração entre duas abordagens não deve gerar uma terceira abordagem. O diálogo com outra teoria tem como propósito ampliar os conceitos e práticas da abordagem de filiação (P10). Outro exercício de cautela nas integrações é estar atento à dinâmica de assimilação e acomodação. No processo de integração, alguns conceitos importados podem sofrer uma profunda transformação em função do novo contexto de inserção (P10 e G22). A criação da Gestalt-terapia é um bom exemplo: Fritz Perls realizou releituras de conceitos psicanalíticos, fortemente influenciado pelo movimento da Psicologia da Gestalt, originando um produto significativamente diferente da Psicanálise (G22).

Aspectos pessoais e práticos também são importantes indicadores para as integrações. Alguns profissionais possuem facilidade em perceber semelhanças e estabelecer conexões entre teorias (P14 e P21). A necessidade de personalizar as amarrações entre abordagens coloca os aspectos subjetivos como ponto de partida para o exercício integrativo (P11, P13, P15). O profissional estuda conceitos de outras abordagens significativas para ele: “*Eu acho que vou pegando coisas que fazem sentido pra mim, que têm a ver com meu jeito de ser*” (P15). A fusão

entre os diversos conceitos e atitudes terapêuticas e o “*jeito de ser*” (P11) de cada profissional resultam em propostas singulares de integração: “*Eu resgato a questão do narcisismo da Psicanálise, a terapia experiencial da Gestalt, a abordagem das crenças da Terapia Cognitiva e faço um pull com a minha cara. Eu adapto pra mim, pro jeito que eu trabalho*” (P13). O profissional seleciona contextos apropriados para as integrações. Por exemplo, quando está no papel de professor, P12 sente a necessidade de ser mais conservador, “*não ficar misturando muito*”. Quando atua no âmbito clínico, por outro lado, sente mais liberdade para integrar abordagens (P12). As integrações não excluem uma visão crítica, pois alguns conceitos das abordagens procuradas podem ser incoerentes com a proposta pessoal do profissional (P21). As influências são incorporadas na prática de modo fluido, sem decisões deliberadas de qual abordagem utilizar em cada momento (P21). As experiências práticas possuem maior complexidade do que o alcance de uma abordagem isolada, por isso demandam integrações (P15). Mesmo ressaltando o caráter pessoal das integrações, é desejável que o profissional sistematize os caminhos traçados que poderão ser úteis a outros interessados (P15).

Há a recomendação de diálogos e não integrações entre abordagens, norteados pelos desafios da prática. A abordagem de filiação deve se esforçar para dialogar com os fenômenos que se apresentam, sem recorrer aos conceitos de outras abordagens para preencher lacunas (G22). É desejável que os membros da abordagem olhem para os fenômenos estudados por outras teorias de bases epistemológicas semelhantes a fim de desenvolverem uma percepção própria (G22).

## **Discussão**

A rivalidade histórica, presente no desenvolvimento das psicoterapias, trouxe, como consequência, a ocultação ou a pouca visibilidade de um aspecto fundamental: as abordagens

não teriam se desenvolvido se estivessem fechadas em si mesmas. Portanto, o tema da integração entre abordagens é relativamente novo como proposta de pesquisa – a partir da década de 1990 (Norcross, 2005) -, mas pode ser considerado antigo quando o percurso constitutivo de cada teoria é tomado como perspectiva. Assim como na Psicologia, no desenvolvimento das ciências, a circulação de conceitos foi, e continua sendo, um caminho vital para a desobstrução das disciplinas (Morin, 2007). Os conceitos migram de uma ciência para outra e são utilizados como metáforas para explicarem algum aspecto que a disciplina não conseguia com recursos próprios. Neste sentido, cada abordagem isolada parece ser incapaz de sair de alguns impasses provocados por lacunas importantes. As brechas preenchidas, através da influência de conceitos de outras teorias, demonstram que o desenvolvimento das abordagens psicológicas poderia ter sido avançado caso consideremos somente a autossuficiência de cada escola. Neste sentido, há um descompasso entre as formulações originais de cada abordagem e as necessidades atuais dos profissionais. O Psicodrama e a Gestalt-terapia recorreram a outras teorias para realizar o ajuste entre as suas disciplinas e o atual perfil de suas comunidades de profissionais e clientela. No caso do Psicodrama, originalmente grupal, houve um direcionamento para modalidades de atendimento individual. No caso da Gestalt-terapia houve uma crescente ênfase na relação terapêutica, em detrimento das técnicas de ação propostas inicialmente por Fritz Perls.

Os benefícios dos diálogos com outras teorias resultam em expectativas desejosas de novas integrações. Uma constatação subjacente a este aspecto é a de que a abordagem não está pronta e está em permanente mudança. Mesmo conceitos mais centrais, como a criatividade no Psicodrama, não estão suficientemente desenvolvidos. O espelhamento com outra teoria, com a análise de aspecto conceitual semelhante, pode aprimorar o conceito em questão da abordagem. A ampliação das possibilidades teóricas e de intervenção advém da fertilização decorrente do contato com outras abordagens. De forma semelhante, alguns autores propõem a integração

como um esforço permanente em atravessar as fronteiras da abordagem de filiação com a abertura em aprender algo com as outras escolas (Gold & Stricker, 2006; Watchel, 2010). A meta é a integração como um processo de ampliação das perspectivas, ao invés da tentativa de se gerar algum produto ou método.

A integração como um processo pode gerar outro benefício imprevisto: a instauração de um processo de reflexividade através do contato com outras teorias. As ciências são convidadas a refletirem mais sobre si mesmas por meio da construção de estruturas de trocas coletivas (Bourdieu, 2008). Diante da complexidade do real, é importante que cada disciplina reflita sobre seus pressupostos partilhados que permanecem invisíveis e pouco explicitados (Morin, 2005). É necessário situar-se, problematizar-se. Os dados apontam a integração como um caminho promissor para a possibilidade de reflexividade das abordagens. Examinando outras escolas é possível conhecer melhor a própria. Cada abordagem pode refletir sobre si mesma quando examina o desenvolvimento de outras abordagens. O contato com a diversidade de perspectivas auxilia a corrigir os próprios erros e a afirmar as próprias virtudes.

Além dos benefícios gerais, os participantes anseiam pelos diálogos entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama. A outra abordagem examinada traz algum conceito ou atitude clínica que pode enriquecer a escola de filiação. A proximidade epistemológica das duas abordagens, unidas por fundamentos fenomenológico-existenciais (Almeida, 2006), pode ter facilitado o desejo de intercâmbio. A complementação é almejada como um caminho para a utilização dos pontos específicos de cada abordagem, com o objetivo de alcançar uma atuação prática mais potente. Este aspecto coincide com a meta do movimento de integração que é aumentar a eficácia da psicoterapia por meio da combinação entre abordagens (Norcross, 2005). Por exemplo, o psicodramatista pode utilizar na sua prática o conceito de *awareness* da Gestalt-terapia para potencializar a promoção da espontaneidade, que é uma das metas principais do Psicodrama. A *awareness* refere-se a uma ampla conscientização nas formas de ser e agir. Através

de um bom contato com as suas necessidades, o organismo assimila do meio o que necessita, garantindo o fluxo do seu crescimento (Perls, Hefferline e Goodman, 1997). A espontaneidade é definida como a capacidade de dar novas respostas às situações antigas ou respostas adequadas às situações novas. O Psicodrama busca resgatar a capacidade criativa e a ruptura com padrões de comportamentos cristalizados (Moreno, 1975). Pode-se perceber que se o sujeito alcança uma ampla conscientização de si mesmo, fica facilitado o caminho para uma maior capacidade de produzir respostas criativas.

As expectativas dos benefícios trazidos por outras abordagens convivem com as reflexões sobre as potenciais contribuições que a própria abordagem pode oferecer às outras escolas. Mesmo sinalizando as lacunas de outros sistemas e enaltecendo as virtudes específicas da sua abordagem, os participantes exercem um raciocínio integrativo. Há uma concepção cooperativa nas trocas, nas quais ofertam o que têm de melhor. De forma geral, os gestalt-terapeutas elogiam a busca da sua abordagem, da qualidade da relação terapêutica que empodera o cliente. Os psicodramatistas enfatizam a flexibilidade que o Psicodrama trouxe para as psicoterapias através da concepção contextual do ser humano. Mesmo com a busca de comunicação entre saberes, devem ser mantidas as distinções e especificidades de cada disciplina (Morin, 2007). Prochaska e Diclemente (2005) apontam para a necessidade de se preservar os grandes insights dos sistemas de psicoterapia. Observando-se os pontos fortes de cada abordagem, os clientes podem ser expostos a uma combinação de fatores que aumentam a eficácia da psicoterapia (Gold & Stricker, 2006).

Para lidar com a complexidade da realidade e ter uma atuação eficiente, os profissionais sentem-se estimulados a estudarem outras abordagens. Como os saberes não abarcam o real da experiência que se apresenta, há uma busca por uma conduta ética que consiga apreender a particularidade de cada caso (Neto & Penna, 2006). Muitos entrevistados possuem uma abor-

dagem de referência, mas reconhecem a influência de várias teorias na sua formação profissional e permanecem interessados em buscar algo fora das fronteiras da abordagem. A possibilidade da utilização de uma abordagem única parece suscitar uma sensação de insegurança nos entrevistados. Os profissionais pretendem ter uma visão mais ampla e compatível com a complexidade da clientela (Prochaska & DiClemente, 2005). Como os terapeutas se deparam com clientes heterogêneos, com a experiência adquirem uma postura integrativa e ficam mais propensos a rejeitarem a utilização de uma abordagem única (Norcross, 2005). A tendência observada nos participantes é a busca por teorias que tenham sintonia com sua identidade. Tendo uma abordagem de referência, constroem formas integrativas de atuação singulares e criativas em que há uma combinação entre características pessoais, atitudes e conceitos de outras abordagens. Frente à riqueza e à imprevisibilidade da realidade, os terapeutas lançam mão da inventividade para a produção de novas formas de constituição do espaço clínico (Neto, 2004).

Portanto, os participantes indicam que as características pessoais e a necessidade de se manter a especificidade de cada abordagem são critérios norteadores válidos para as integrações. A busca de coerência epistemológica é outra regra. É necessário procurar teorias que tenham aspectos epistemológicos próximos. Primeiramente, deve-se examinar a existência de alguma unidade entre as abordagens, seja através de algum conceito em comum, seja através de influências filosóficas semelhantes. Desta forma, os diálogos são validados por teorias que possuam uma espécie de parentesco epistemológico. Não se pode conversar com qualquer um, os diálogos devem ser disciplinados. Obviamente, é desaconselhável estabelecer diálogos entre abordagens com concepções antropológicas muito distantes. A partir da constatação da proximidade, é autorizada a busca na outra teoria de aspectos lacunares da escola de filiação. Para a superação da estagnação de alguma parte da abordagem, pode-se pedir alguma recomendação ao vizinho ou pegar alguma ferramenta emprestada (Gold & Stricker, 2006).

Na importação de conceitos e técnicas há uma dinâmica de assimilação e acomodação, ou seja, existem modificações significativas dos aspectos conceituais em função do novo contexto. Como foi dito, a migração de conceitos ocorreu com frequência na história das ciências. Conceitos são transpostos entre as disciplinas, ajudando no desenvolvimento de novas frentes de pesquisa (Morin, 2007). No caso da integração entre as psicoterapias, há um tipo de trocas entre abordagens que se aproxima deste processo. Trata-se da integração assimilativa, na qual o terapeuta mantém uma posição teórica de referência, mas incorpora conceitos e técnicas de outras orientações. O significado, o impacto e o uso do material assimilado mudam de maneira importante em função do novo contexto (Stricker & Gold, 2005). No surgimento da Psicologia também pode ser observado o processo de captura de conceitos. Por exemplo, o conceito de equilíbrio termodinâmico da Física transformou-se no conceito de princípio do prazer da Psicanálise. Por isso, Ferreira (2007) refere-se à Psicologia como um campo de hibridações.

Há, ainda, a indicação de um caminho para a integração mais conservador. O critério aqui é o desenvolvimento da abordagem de filiação influenciada externamente por direções de pesquisa, mas a partir de suas próprias forças. Ou seja, as outras escolas podem ser examinadas para fomentar novas investigações da própria abordagem. Podem ocorrer diálogos e não integrações. Cada orientação deve desenvolver-se por si mesma, sem importar conceitos ou técnicas externas. Por exemplo, alguma técnica interessante que outra abordagem tenha construído pode servir de inspiração para que a própria orientação desenvolva algo parecido, mas a partir dos seus conceitos e linguagem próprios.

Portanto, o exercício da intradisciplinaridade entre as escolas psicológicas é enaltecido como condição para: (1) o processo de construção e consolidação das abordagens; (2) a geração de novos desenvolvimentos teórico-práticos; (3) a possibilidade de instaurar a reflexividade; (4) aumentar a sensação de segurança e competência profissional diante da complexidade da realidade; (5) garantir atendimentos mais qualificados para os clientes. Como foram mapeados

benefícios vitais, as reflexões deste trabalho apontam para a necessidade da realização de maiores esforços integrativos no campo da Psicologia.

### **Considerações finais**

Na análise das ponderações dos participantes, pode-se observar um descompasso: convivem, ao mesmo tempo, atuações práticas e reflexões epistemológicas fortemente integrativas dos profissionais com significativa escassez de pesquisas e produções teóricas sobre as possibilidades de comunicação entre abordagens. Pode ser necessária uma nova organização dos saberes psicológicos, com a permanência da separação e distinção de cada abordagem, mas com o incremento da articulação entre elas (Morin, 2007).

A comunicação entre as abordagens pode contribuir para a superação das concepções mutiladoras da realidade, que separam ou unificam desordenadamente os saberes (Morin, 2005). Além da emergência de uma visão mais ampla da realidade, há possibilidades de incremento de vitalidade no campo, pois a inovação nas ciências geralmente ocorre nas interseções (Bourdieu, 2008). Examinar seriamente os defeitos e méritos de outras abordagens exige uma mudança de compromisso no campo (Kuhn, 2011). Superar a Torre de Babel dos saberes psicológicos significa assumir a diversidade da Psicologia e tentar regular de forma organizada os diálogos. Fundamentada em critérios, a adoção de uma atitude intradisciplinar pode ser um caminho promissor para o crescimento da Psicologia.

### **Referências**

Almeida, W. C. (2006). *Psicoterapia aberta. O método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise*. São Paulo: Ágora.

- Bourdieu, P. (2008). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Gold, J. & Stricker, G. (2006). Introduction: an overview of psychotherapy integration. In: G. Stricker & J. Gold (Eds.). *A Casebook of Psychotherapy Integration*. Washington, DC: American Psychological Association, p. 03-28.
- Ferreira, A. A. L. (2007). *O múltiplo surgimento da Psicologia*. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira & F. T. Portugal (Orgs.). *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Editora, p. 13-46.
- Figueiredo, Luís Cláudio M. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.
- Figueiredo, Luís Cláudio M. (2009). *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Kuhn, Thomas S. (2011). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Miller, S. D., Duncan, B. L., & Hubble, M. A. (2005). Outcome-informed clinical work. In: J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds.). *Handbook of psychotherapy integration*. New York: Oxford University Press, p. 84-102.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Morin, Edgar. (2005). *O método 3: conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Neto, J. L. F. (2004). *A formação do psicólogo. Clínica, social e mercado*. São Paulo: Escuta.
- Neto, J. L. F. & Penna, L. M. D. (2006). Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. *Psicologia em Estudo*, 11 (2), 381-390.

Norcross, J. C. (2005). A Primer on Psychotherapy Integration. In: J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds.). *Handbook of psychotherapy integration*. New York: Oxford University Press, p. 03-23.

Osório, L. C. (2003). *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advento de uma nova era*. Porto Alegre: Artmed.

Paris, J. (2013). How the history of psychotherapy interferes with integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23(2), 99–106.

Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.

Philippi, M.M. (2004). *Co-construindo Pontes entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas Construtivistas Construcionistas Sociais: Subjetividade e Intersubjetividade em Questão*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília.

Prochaska, J. O., & Diclemente, C. C. (2005). The transtheoretical approach. In: M. R. Goldfried & J. C. Norcross (Eds.). *Handbook of psychotherapy integration*. New York: Oxford University Press, p. 196-217.

Stricker, G. (1996), Psychotherapy Integration: An Assimilative, Psychodynamic Approach. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 3: 47–58.

Stricker, G. & Gold, J. (2005). Assimilative Psychodynamic Psychotherapy. In: J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds.). *Handbook of psychotherapy integration*. New York: Oxford University Press, p. 221-240.

Stricker, G. (2010). A second look at psychotherapy integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 397–405.

Wachtel, P. L. (2010). Psychotherapy integration and integrative psychotherapy: Process or product? *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 406–416.

**4.5 Artigo 05**–Submetido à Revista Estudos em Psicologia/Natal (Qualis Capes A2; ISSN 1678-4669)

Data da submissão: 19/09/2014

Situação: Em avaliação

## **ENTRE O PSICODRAMA E A GESTALT-TERAPIA: ENCONTROS, OBSTÁCULOS E PERSPECTIVAS**

Érico Douglas Vieira- Universidade Federal de Goiás (Regional Jataí).  
[ericopsi@yahoo.com.br](mailto:ericopsi@yahoo.com.br)

Luc Vandenberghe - Pontifícia Universidade Católica de Goiás.  
[luc.m.vandenberghe@gmail.com](mailto:luc.m.vandenberghe@gmail.com)

### **Resumo**

A divisão das psicoterapias em escolas e sistemas representa um desafio para o campo. Questionamos as dinâmicas de aproximação e de afastamento entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, a partir de entrevistas realizadas com 22 profissionais dessas abordagens. A pesquisa identificou um leque de condições facilitadoras e obstáculos para o diálogo. Destacaram-se tanto a pessoa do profissional com suas necessidades e sua história singular, quanto a estrutura do campo e os processos sociais envolvidos. Os atrativos da integração incluem o enfrentamento de realidades clínicas complexas através de uma prática mais versátil, o refinamento teórico através do aproveitamento de conceitos externos e uma reflexividade mais madura proporcionada pelo encontro com o outro. Porém, emerge uma ligação íntima entre a identidade profissional do indivíduo e as características das abordagens e das comunidades profissionais que a sustentam. As forças que afastam o diálogo não podem ser compreendidas sem levar essas dinâmicas em consideração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicodrama; Gestalt-terapia; Psicologia Clínica; Interdisciplinaridade.

## **BETWEEN PSYCHODRAMA AND GESTALT THERAPY: AFFINITIES, OBSTACLES AND PERSPECTIVES**

### **Abstract**

The fragmentation of psychotherapies in schools and systems is a challenge for the field. The present article examines the dynamics of attraction and repulsion between Psychodrama and Gestalt-therapy, based on interviews with 22 professionals of these approaches. The results identified a variety of conditions that either promote or hinder dialogue between the two. These referred both to the person of the professional with his or her needs and individual history, and to the structure of the professional area with its particular social processes. The attractions of psychotherapy integration include the need to deal with complex clinical realities through a more flexible practice, and the possibility for theoretical refinement through the encounter with the other. However, a close link emerged between professional identity and the features of theoretical models and of the professional communities that sustain them. The issues that hinder dialog remain unintelligible without considering these dynamics.

KEY-WORDS: Psychodrama; Gestalt-therapy; Clinical Psychology; Interdisciplinarity.

## **ENTRE PSICODRAMA Y TERAPIA GESTALT: ENLACES, OBSTÁCULOS Y PERSPECTIVAS**

### **Resumen**

La división de las psicoterapias en las escuelas y los sistemas es un desafío para el campo. Cuestionamos la dinámica de aproximación y diferenciación entre el Psicodrama y la Terapia Gestalt, a partir de entrevistas con 22 profesionales en estos enfoques. La investigación identificó una serie de obstáculos y condiciones facilitadoras para el diálogo. Los aspectos más destacados es la persona con sus necesidades profesionales y su historia única, y también la es-

estructura del campo y los procesos sociales involucrados. Las atracciones incluyen la integración para hacer frente a las realidades clínicas complejas a través de una práctica más versátil, el refinamiento teórico a través del uso de conceptos externos y una reflexión más madura que ofrece el encuentro con el otro. Sin embargo, surge una conexión íntima entre la identidad profesional del individuo y las características de los enfoques y las comunidades profesionales que los apoyan. Las fuerzas que impulsan el diálogo no se pueden entender sin tener en cuenta estas dinámicas.

**PALABRAS CLAVE:** Psicodrama; Terapia Gestalt; Psicología Clínica; Interdisciplinaridad.

## **Introdução**

A organização do conhecimento em psicoterapia em escolas e sistemas representa um desafio para o campo (Figueiredo, 2009). Historicamente, os líderes das abordagens enfatizaram mais a suposta superioridade da sua escola em relação às demais. Hoje ainda persiste o desinteresse que as outras abordagens produzem (Norcross, 2005; Paris, 2013; Stricker & Gold, 1996; Watchel, 2010). Neste cenário, o Psicodrama e a Gestalt-terapia manifestam sinais de convergência, a despeito dos poucos estudos realizados para a investigação desta unidade. Blatner (1996) menciona que a Gestalt-terapia absorveu a utilização de recursos dramáticos do Psicodrama. Almeida (2006) argumenta que as duas abordagens apresentam propostas coirmãs, por possuírem uma visão fenomenológico-existencial das questões humanas.

Jacob Levy Moreno e Frederick Salomon Perls, criadores do Psicodrama e da Gestalt-terapia, respectivamente, participaram ativamente no início do século XX de movimentos expressionistas que formularam reações contra as normas burguesas e as ingênuas crenças no progresso (Wulf, 1998). Em Berlim, Fritz Perls estava envolvido com intelectuais e atores de teatro que propunham reformas sociais profundas de inspiração humanista e comunitária. Moreno, em Viena, era editor da revista expressionista *Daimon*, juntamente com Martin Buber,

além de trabalhar com o teatro da Espontaneidade que seria o embrião do Psicodrama (Sá-Júnior, 2009). As duas abordagens possuem como corolário o ideal em resgatar o potencial criativo do ser humano em face dos entraves impostos pela cultura que impedem a fluidez existencial (Vieira & Vandenberghe, 2011). Ambas as abordagens aparentam ter crescido em um mesmo solo. A evolução separada de cada uma pode ter se dado em função do quadro de rivalidade presente no campo das psicoterapias. No entanto, os espaços de convergências e divergências entre estas escolas convidam para uma investigação.

A partir de entrevistas com psicodramatistas e gestalt-terapeutas, pretendeu-se sondar a dinâmica interna de cada abordagem ao dar-se conta deste outro similar. No espaço de reflexão sobre a abordagem de filiação no encontro com a outra escola, os participantes foram questionados se e como estas escolas podem conviver e colaborar entre si.

## **Método**

A teoria fundamentada nos dados foi utilizada no processo de investigação da análise da interface entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia. Trata-se de uma metodologia qualitativa de coleta e interpretação dos dados objetivando a construção de conceitos teóricos baseados nos próprios dados. O envolvimento simultâneo entre a coleta e a interpretação dos dados busca uma densidade conceitual, pretendendo ultrapassar o nível descritivo ao encontro de produções teóricas a respeito dos processos estudados. (Charmaz, 2009). A interpretação é iniciada sem quadro conceitual preexistente. Esta opção, chamada de agnosticismo teórico, configura a recusa do pesquisador em aderir precocemente a uma teoria já articulada ou a um modelo existente para estabelecer significados (Charmaz, 2009).

Entrevistas semi-estruturadas foram utilizadas para a coleta dos dados. Para obter um quadro vivo que abarcasse dimensões subjetivas, sociais e institucionais envolvidas nas possi-

bilidades de diálogos entre as abordagens, optou-se pela escuta das narrativas de 11 psicodramatistas e 11 gestalt-terapeutas sobre o tema, sendo 14 mulheres (06 psicodramatistas e 08 gestalt-terapeutas) e 08 homens (05 psicodramatistas e 03 gestalt-terapeutas). Foram entrevistados clínicos que possuem proeminência na sua abordagem, alguns sendo pioneiros no âmbito regional e nacional. Dezesete são professores de formação na abordagem (07 de Psicodrama e 10 de Gestalt-terapia) e seis são professores universitários (05 de Gestalt-terapia e 01 de Psicodrama). Por fim, oito são autores de livros na abordagem (03 gestalt-terapeutas e 05 psicodramatistas). As questões que nortearam as entrevistas foram: a trajetória profissional e a percepção da própria abordagem; a percepção sobre a outra abordagem; o possível encontro entre as duas abordagens pela percepção de pontos em comum; as divergências entre as escolas; e as possibilidades de trocas práticas e teóricas entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia.

A partir das entrevistas transcritas, foram realizadas sucessivas reflexões entre a equipe de pesquisa para a construção de códigos analíticos que resultaram na emergência de conceitos teóricos fundamentados nos dados. Neste percurso, quatro grandes categorias emergiram dos dados, demonstradas neste trabalho no item 3.1 “Visão, vivência e pragmática”. Cada categoria representa aspectos importantes do processo de integração, além de apresentarem uma densidade conceitual significativa, sobre os quais publicações estão sendo preparadas. O presente artigo demonstra o modelo da dinâmica do jogo de aproximação e afastamento que emergiu da interligação dessas categorias.

## **Resultados**

A apresentação dos resultados está organizada em torno de três eixos teóricos: (a) Visão, vivência e pragmática (b) Pessoa e Campo; (c) Teoria, Ação e Reflexão. A partir dessas linhas, é possível retratar as condições do campo da integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia.

### *Visão, vivência e pragmática*

Aspectos filosóficos (representados pela elipse 01 do diagrama 01) são importantes para escolhas válidas. Os participantes se norteiam a partir de reflexões sobre as características filosóficas da teoria de filiação e sua inserção na geografia das abordagens. Assim, detectam a abertura constitutiva da própria escola como também os seus déficits. A mesma humildade que permite identificar lacunas na abordagem conduz também para a percepção de que a prática já foi ampliada através de contribuições externas. No vislumbre da geografia das abordagens, a proximidade entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia se insinua no espírito contido nas suas fundações e nos seus pressupostos filosóficos. Aspecto importante da filosofia da própria abordagem, a visão contextual de si e do outro é um exercício que prepara o terreno para as trocas entre as abordagens.

Aspectos psicológicos (elipse 02 do diagrama 01) do indivíduo determinam seu posicionamento frente ao diálogo. O caminho percorrido pelo profissional, inclusive seus acidentes de percurso, encontros, trocas e vivências diversas, pode moldar uma prática de abertura a várias teorias. Uma sensação de enriquecimento pessoal e profissional emerge destas experiências. Por outro lado, o investimento de paixão e admiração numa teoria que preenche necessidades pragmáticas e afetivas conduz a uma relação de harmonia entre a identidade pessoal e a identidade da abordagem. A fidelidade torna a abertura desnecessária ou, até mesmo, aversiva.

Aspectos materiais (elipse 03 do diagrama 01) são determinantes das práxis. A luta por espaço e recursos representa um importante entrave para as trocas fecundas. As comunidades das abordagens fornecem sustentação simbólica e financeira para seus membros tais como, identidade profissional, visibilidade pública, prestígio acadêmico e oportunidades de trabalho. A sobrevivência individual depende da defesa dos méritos da escola de filiação. A concorrência entre os grupos institucionais é fomentada pela definição de si que se faz em oposição ao outro

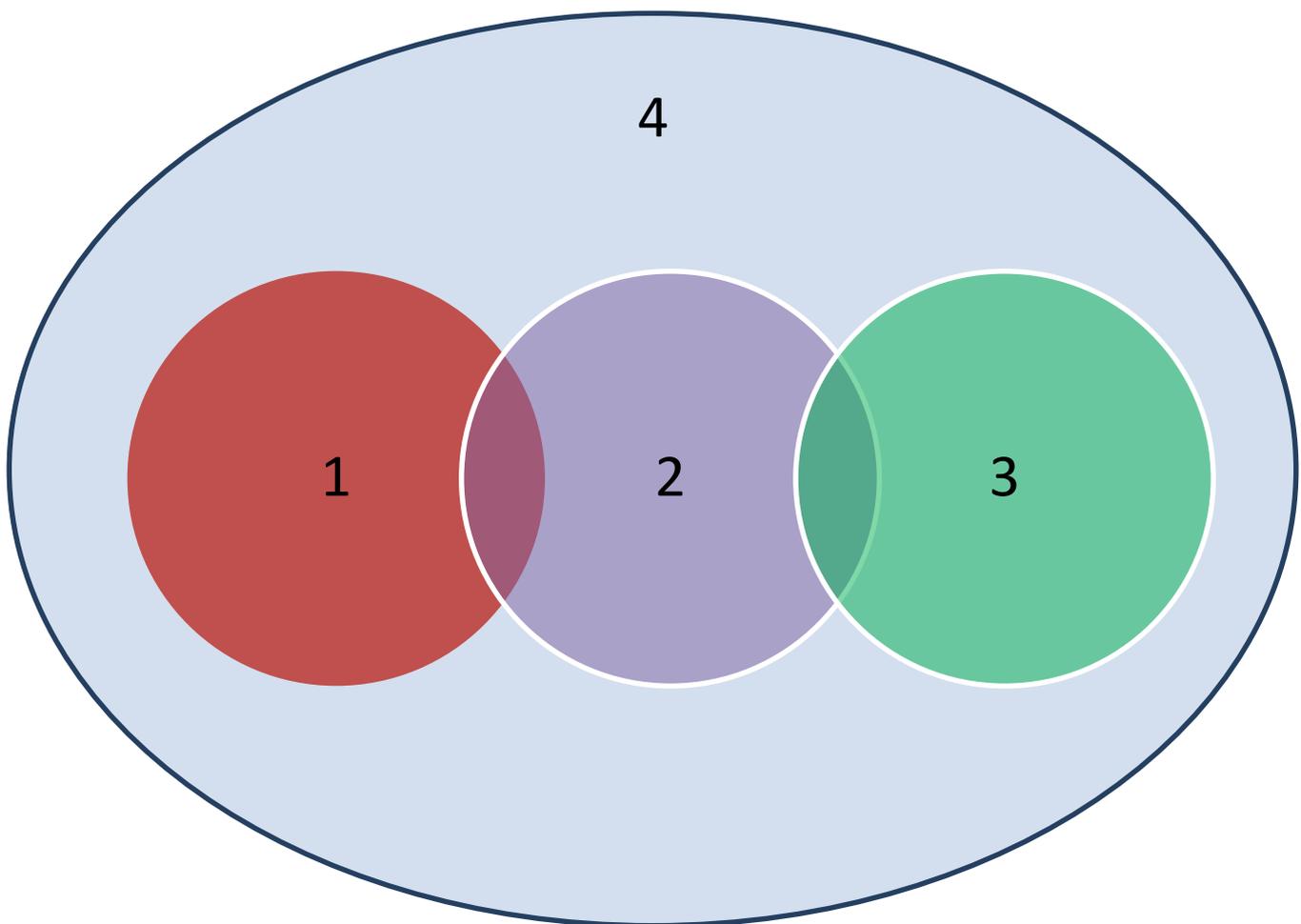
que recebe desqualificações. Assim, necessidades vitais se manifestam em um forte compromisso emocional com a abordagem.

A integração disciplinada como ação vital (representada pela elipse 04 do diagrama 01) refere-se à adoção de regras que legitimam os intercâmbios que são vistos como elementos essenciais para a desobstrução de impasses das teorias e como instrumentos efetivos para formar identidades profissionais sólidas que lidam com realidades complexas. O diálogo é o oxigênio do campo. Como não é possível viver isolado, as trocas podem ser vitais. Com uma visão mais global do campo, cada abordagem é percebida como capaz de retratar somente pequenos fragmentos da realidade. Assim, para alcançar olhares mais amplos, o trânsito entre várias conceitualizações requer flexibilidade e disciplina ao mesmo tempo.

A interação entre os “Aspectos filosóficos” e a “Integração disciplinada como ação vital” possibilita o vislumbre de etapas do processo de integração. Examinar reflexivamente e contextualmente a si mesmo e ao outro prepara o terreno para o diálogo, contribuindo para a quebra de barreiras. A categoria 04 representa um processo mais avançado em direção aos diálogos, com reflexões mais apuradas sobre o processo integrativo, suas vantagens e regras necessárias. A categoria 01 que retrata o olhar reflexivo dirigido à abordagem em função do campo representa uma etapa pré-integração. Primeiramente, são necessárias atitudes de abertura do campo para, então, as trocas serem realizadas. No diagrama 01 (próximo item) a elipse 01 está contida dentro da elipse 04, demonstrando que os processos envolvidos na integração são mais amplos do que as suas condições de abertura. Estas são apenas uma parte do campo envolvido nas questões da integração. Estes estágios do processo de integração entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama podem balizar também a compreensão de diálogos entre outras abordagens.

### *Pessoa e campo*

Conforme o diagrama 01, a identidade e as vivências do psicoterapeuta facilitam ou dificultam a integração, em interação com as condições do campo profissional, que inclui as exigências do mercado e as agendas dos atores sociais. Juntos, as vivências e as necessidades individuais do clínico e as condições do campo organizam as dinâmicas da integração. Estas dinâmicas podem ser representadas por uma interação entre as quatro categorias conceituais, em função do campo profissional e das vivências individuais.



*Diagrama 01.* Aspectos pessoais e as características do campo profissional correlacionadas à integração (1-Aspectos filosóficos; 2- Aspectos psicológicos; 3- Aspectos materiais; 4 - A integração disciplinada como ação vital)

Na elipse 01, o espaço que não mantém interseção com a elipse 02 (vermelho) refere-se às condições de abertura para a integração do campo. O espaço de interseção entre as elipses 01 e 02 (violeta) são os aspectos pessoais como condições de abertura. O espaço de interseção entre as elipses 02 e 03 (verde escuro) são os aspectos pessoais que representam obstáculos à integração. O espaço da elipse 03 que não mantém interseção com a elipse 02 (verde claro) são as condições do campo como entraves. Por fim, a elipse 04 (azul claro) está englobando todos os outros porque entende-se que a adoção da integração como exercício criterioso representa uma etapa mais avançada do processo integrativo, por isso, depende das condições de abertura, dos entraves e das vivências dos profissionais.

A pessoa do psicoterapeuta com suas simpatias, antipatias, necessidades, faltas e idiosincrasias representa um fator muito relevante para as possibilidades de integração. Há as condições do campo que direcionam, propulsionam, influenciam ou inibem a integração. Há uma influência marcante entre identidade e abordagem e as condições do campo. As condições do campo, incluindo a cultura clínica, o clima ideológico na classe profissional, nas universidades e nas instituições de formação, influenciam diretamente na relação entre identidade e abordagem. Essas condições do campo representam a matriz na qual são moldadas a identidade profissional e a afiliação à abordagem.

Na área de contato entre fatores pessoais e do campo, que inibem ou facilitam os intercâmbios, são reconhecidas perspectivas coletivas que bloqueiam a diversidade, e caminhos individuais que buscam essa mesma diversidade. A facilidade em estabelecer pontes entre teorias, a curiosidade intelectual, a busca pelo aprimoramento representam perspectivas individuais que incentivam o contato com outras escolas, relação representada no espaço de cor violeta. As vivências que enclausuram os profissionais dentro da abordagem de filiação se vinculam às questões de pertencimento grupal, através das pressões institucionais para a

expressa fidelidade à abordagem, aspecto representado no espaço de cor verde claro. Este cenário aponta para uma contradição do campo. Os profissionais anseiam pela diversidade, mas são constrangidos por estruturas coletivas. Como consequência, se o profissional deseja estudar mais de uma abordagem, deve ter consciência de que precisa seguir um caminho pessoal sem incentivo ou até mesmo com a reprovação dos espaços institucionais competitivos.

### *Teoria, Ação e Reflexão*

A prática profissional e os aspectos epistemológicos das abordagens são dois significativos eixos compreensivos que emergiram dos dados. Pode-se tomar como perspectiva para se pensar a integração, seus limites e desafios, ora a prática profissional, ora os aspectos teóricos. Estas dimensões permitiram outro reagrupamento e outra leitura dos dados.

O tema da integração encontra-se bastante presente quando coloca-se relevo na prática profissional. Os imperativos da prática requerem o estudo de outras abordagens para capacitar o profissional em face da diversidade de experiências. Os psicodramatistas e gestalt-terapeutas construíram sua identidade profissional a partir do estudo de diversas teorias, aspecto que refinou o olhar clínico, ampliou as possibilidades de intervenção de cada um, mantendo a afiliação à abordagem escolhida. Estes benefícios decorrem do exercício da integração disciplinada e vitalizadora e estão representados na elipse 04, que engloba as outras elipses. Isto demonstra que a vivência pessoal na diversidade epistemológica depende da reflexão contextual do perfil das abordagens e do manejo do cenário de disputa por recursos. O pertencimento dos profissionais às comunidades científicas é um importante aspecto da prática profissional que interfere nas possibilidades de exercício integrativo. Na afiliação com uma abordagem, há uma relação de fidelidade e compromisso com os valores e preconceitos do grupo. Além dos compromissos emocionais, há uma delimitação de temas científicos dignos de interesse, com o descarte de vários temas marginais. O profissional participa de um campo

que condiciona suas reações perante teorias externas. Geralmente esta estrutura coletiva e institucional, motivada pela disputa de mercado, inibe mais do que estimula o estudo de outras escolas, o que conduz ao espaço de cor verde da elipse.

Os aspectos teóricos das abordagens também é um eixo compreensivo importante. A abertura integrativa das escolas encoraja a busca por novas integrações. Pode-se tomar como perspectiva a pertinência da integração entre duas abordagens em relação aos aspectos epistemológicos. As similaridades facilitam o diálogo, excetuando-se quando há falhas em comum que desestimulam o interesse pela integração. A coerência epistemológica é vista como um critério que autoriza as integrações. Além da prática profissional ser ampliada, os aspectos conceituais das abordagens podem ser melhor desenvolvidos quando as trocas se estabelecem. Estes aspectos são retratados na junção entre as elipses 01 e 04, demonstrando uma articulação entre as reflexões sobre as condições de abertura do campo e os exercícios integrativos balizados por critérios. Aqui, a reflexão e ação sobre a integração podem ser vistas como processos simultâneos. Os entrevistados valorizam a ponderação racional como operação fundamental nas trocas integrativas. Além da vitalidade potencial dos diálogos, há uma preocupação com as possibilidades de criação de produtos integrativos desorganizados, o que pode empobrecer as abordagens, levando-nos ao espaço de cor verde da elipse. As condições do campo que alimentam a rivalidade podem desencorajar ou frear o ímpeto para a integração, o que pode proteger a singularidade de cada escola.

Estes dois eixos compreensivos permitem diferentes tomadas de perspectivas sobre a integração que interferem na prática profissional, contribuindo para aprimorá-la ou encerrando os profissionais em grupos fechados. Os profissionais podem ficar conscientes do prejuízo decorrente do isolamento e dos benefícios para a prática em se estudar outras teorias. Os corpos teórico e metodológico das abordagens podem evoluir ou serem empobrecidos no processo integrativo. Estas duas dimensões podem direcionar novas pesquisas sobre o tema da

integração, seja para subsidiar a prática dos psicoterapeutas, seja para contribuir no aprimoramento das escolas e, por fim, para evitar processos integrativos incoerentes.

No que diz respeito ao aprimoramento das abordagens, as ponderações sobre os intercâmbios suscitaram reflexões nos participantes sobre os limites e as potencialidades da escola de filiação. Examinar outro sistema e possíveis interseções possibilitou um olhar analítico voltado para a abordagem de filiação. A constituição da abordagem através da assimilação de conceitos, suas limitações atuais, pensar nas similaridades com outras teorias, refletir sobre os benefícios da integração, são operações que facilitam um olhar crítico para a escola de filiação. Estas operações que levam à reflexividade estão contidas nas elipses 01 e 04, demonstrando que a abertura para a integração potencializa um melhor olhar para si. As principais virtudes teóricas e metodológicas e as lacunas ficam mais claras no processo dialógico entre as teorias. Ensimesmar-se pode obscurecer a visão. Olhar as outras abordagens funciona como um exercício especular no qual a abordagem de filiação pode ser problematizada. Os compromissos ideológicos e as linhas de investigação podem ser revistos. Na reflexão da relação entre subjetividade e abordagem, em alguns momentos, porém, esta visão crítica não se sustenta. Através da fidelidade e forte identificação com os pressupostos, os profissionais idealizam a própria abordagem e depreciam as demais, o que nos conduz à elipse 03. O processo de disputa por recursos materiais e simbólicos promove uma intensa afiliação fundamentada nos compromissos emocionais e ideológicos da comunidade, dificultando, assim, um exame realista da própria escola. Portanto, no campo da integração encontram-se presentes processos nos quais os profissionais oscilam: ora examinam criticamente a abordagem de filiação, ora reconhecem a existência de processos sociais de depreciação da alteridade entre as abordagens. Em outros momentos, ainda, uma reflexão ponderada sucumbe e os profissionais são capturados por estes processos. A admiração pela abordagem transforma-se em um motivo de isolamento.

## **Discussão**

As abordagens psicológicas possuem uma abertura integrativa, pois são constituídas por meio da assimilação de conceitos de outras escolas. Os participantes percebem esta condição como uma abertura que caracteriza o campo das psicoterapias e que convida para a realização de novas integrações. Eles constatam a vitalidade potencial dos diálogos, pois tanto a formação quanto o atual desenvolvimento das abordagens são possibilitados pela incorporação de conceitos externos. De acordo com Morin (2007), muitos progressos realizados nas ciências se deram graças à circulação de conceitos e a consequente desobstrução das disciplinas. Ter consciência de que as trocas de conceitos é uma realidade pode ajudar os pesquisadores a assimilarem criteriosamente recursos externos para o desenvolvimento de sua abordagem. Além do aprimoramento de cada escola, há a constatação de que o interesse em integração tem contribuído para o refinamento das teorias sobre o processo psicoterapêutico (Eubanks-Carter & Burckel, 2005).

A constatação de que a prática clínica pode ser ampliada representa uma vivência profissional pró-integração e abre caminho para o enaltecimento dos benefícios para a prática profissional. Para lidar com a complexidade da realidade clínica, os profissionais reconhecem que outros sistemas têm contribuições significativas. A reflexividade sobre as limitações da própria abordagem pode quebrar a atitude de autossuficiência e promover uma abertura para os diálogos entre escolas. Assim, há a vivência do estudo de diversas teorias como algo que fornece segurança e sensação de competência em face da complexidade da realidade. Alguns outros estudos sugerem que os terapeutas concentram-se primariamente em uma ou duas abordagens e, ao mesmo tempo, tentam extrair de outras escolas, em menor grau, aspectos úteis para sua prática (Norcross & Halgin, 2005). Os participantes da pesquisa se sentem confortáveis ao pautarem sua identidade em uma abordagem e alimentarem sua curiosidade intelectual com outros conhecimentos ao mesmo tempo.

Em contraste, há uma corrente de pensamento entre os participantes de que as abordagens devem tentar resolver por si mesmas suas limitações sem assimilar os recursos das outras escolas. Recorrer à ajuda externa seria uma demonstração de fraqueza. Alguns participantes reconhecem a influência de processos sociais que influenciam no enclausuramento em guetos teóricos. Os valores pessoais coincidem com os pressupostos filosóficos da escola, produzindo uma forte identificação do profissional. Há uma idealização da própria escola que leva ao desinteresse em buscar recursos externos. Esta relação de pertencimento pode originar obstáculos à integração. Na disputa por recursos, os membros das comunidades rivalizam entre si na reivindicação de superioridade. A hostilidade é dirigida para as outras abordagens que se tornam alvo de desqualificações. Nesse discurso, observa-se a questão do confronto com o “outro”. Como ocorre nos casos de discriminações étnicas e raciais, cada abordagem procura se definir em comparação com um “outro” desprezado. A alteridade é massacrada para consagrar a superioridade da própria escola (Safran & Messer, 1997).

Apesar da aparente contradição, os obstáculos contidos nas narrativas dos participantes também podem nortear os caminhos para a integração. As possibilidades de empobrecimento das abordagens, através da integração, podem servir de alerta para a construção dos caminhos integrativos enriquecedores. A atenção pela distância epistemológica entre duas escolas, a preservação das especificidades valiosas do próprio sistema, o exame cuidadoso das possibilidades e dos objetivos de diálogos são diretrizes pertinentes para a integração.

A percepção de pontos em comum entre as abordagens é outra condição promotora que também pode indicar um caminho para as integrações. Similaridades na visão de homem podem facilitar o estabelecimento de pontes. Por outro lado, ao adotar esse princípio, constrói-se um obstáculo para as integrações. Ou seja, ficam impedidas as trocas entre abordagens epistemologicamente distantes. A busca de similaridades pode, ainda, contribuir para melhorar

a cooperação entre escolas rivais ao diminuir a ênfase nas divergências (Norcross, 1997). No caso do Psicodrama e da Gestalt-terapia, os pontos de unidade – uso de recursos dramáticos, influência de pressupostos fenomenológico-existenciais, ênfase nos processos criativos - facilitam os diálogos (Almeida, 2006; Sá-Júnior, 2009). As duas abordagens dão ênfase ao crescimento humano através da ativação de suas potencialidades, ao invés da busca de cura de sintomas (Frazão & Fukumitsu, 2013; Moreno, 1975). Para Ribeiro (1985, p. 29), “a Gestalt-terapia se coloca ao lado das psicoterapias humanísticas, o que significa que contém e promove a ideia do homem como centro, como valor positivo, como capaz de autogerir e regular-se”.

Portanto, a partir das narrativas de gestalt-terapeutas e psicodramatistas, é possível perceber as forças que estimulam as integrações, os entraves e as contra-indicações para as trocas entre escolas no cenário da integração. Para a análise destas forças é preciso levar em consideração os aspectos pessoais do terapeuta, os aspectos epistemológicos das abordagens, a intensa competição por recursos materiais e simbólicos no campo das psicoterapias, as características grupais e institucionais das escolas, bem como os contornos complexos da prática profissional.

Como o diagrama 01 demonstra, a integração disciplinada como ação vital para o campo engloba todos os outros aspectos – filosóficos, psicológicos e materiais. As reflexões sobre cada escola em função do campo, a humildade em recorrer ao outro, os caminhos pessoais percorridos na diversidade teórica são forças que impulsionam para a integração. As disputas de mercado e o forte compromisso emocional dos membros de cada comunidade científica desestimulam as trocas. A vitalidade das trocas fica impedida de ser atualizada neste cenário competitivo. Será que é possível abandonar as atitudes de rivalidade e abrir mão das disputas por recursos? É possível que as abordagens floresçam e os profissionais conquistem espaço a partir de uma lógica não competitiva? Por outro lado, os entraves para a integração podem moderar o ímpeto dos integracionistas, estimulando ponderações sobre diretrizes para a

realização de diálogos bem sucedidos. O que se pode deduzir da prescrição central dos participantes é que a integração seja realizada de forma sistematizada, como condição necessária para o enriquecimento profissional e teórico. O campo das psicoterapias precisa ser menos competitivo para o incremento de uma maior comunicação entre as abordagens.

### **Considerações finais**

A unidade entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia pode preparar o terreno para que os membros de cada abordagem procurem conhecer de que forma as similaridades são desenvolvidas na outra escola. Este exercício especular pode fornecer subsídios para a prática clínica dos terapeutas e pode, ainda, colaborar para refinar os aspectos teóricos da abordagem de filiação. A análise das divergências pode contribuir para a complementaridade entre as disciplinas, ao evidenciar as lacunas e as necessidades de cada sistema que podem ser superadas com a ajuda do outro.

O contato entre as ciências, semelhante ao contato entre civilizações, possibilita a manifestação das disposições implícitas, dos compromissos ideológicos dos grupos, das omissões epistemológicas (Bordieu, 2008). Nos diálogos sistematizados, ao invés de se cumprir o receio comum de geração de produtos desorganizados e práticas incoerentes, a integração em psicoterapia pode instaurar um processo de reflexividade de cada escola. O intercâmbio de conceitos e atitudes clínicas pode colaborar para desobstruir entraves causadores de impasse no desenvolvimento de cada abordagem e para empoderar o profissional perante a diversidade da prática. A presente pesquisa indica que é considerável o desafio para a dissolução dos preconceitos e barreiras em relação à integração, pois as disputas de mercado entre as abordagens alimentam um clima de forte competição. Se o campo das psicoterapias conseguir superar esta lógica, os profissionais tornar-se-ão mais livres para sondar mais de uma forma de pensar.

## Referências

- Almeida, W. C. (2006). *Psicoterapia aberta. O método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise*. São Paulo: Àgora.
- Blatner, Adam. (1996) *Uma visão global do psicodrama: fundamentos históricos, teóricos e práticos*. São Paulo: Àgora.
- Bourdieu, P. (2008). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Eubanks-Carter, C & Burckel, L. A. (2005). Future directions in Psychotherapy Integration. In M. R. Goldfried, J. C. Norcross (Eds.), *Handbook of psychotherapy integration* (pp. 503-521). New York: Oxford University Press.
- Figueiredo, L. C. M. (2009). *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. (2013). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. São Paulo: Summus.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Norcross, J. C. (1997). Emerging breakthroughs in psychotherapy integration : three predictions and one fantasy, *Psychotherapy*, 34(1), 86-90.
- Norcross, J. & Halgin, R. (2005). Training in Psychotherapy Integration. In J. C. Norcross, M. R. Goldfried (Eds.), *Handbook of psychotherapy integration* (pp. 439-458). New York: Oxford University Press.
- Norcross, J. C. (2005). A Primer on Psychotherapy Integration. In J. C. Norcross, M. R. Goldfried (Eds.), *Handbook of psychotherapy integration* (pp. 03-23). New York: Oxford University Press.

- Paris, J. (2013). How the history of psychotherapy interferes with integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23(2), 99–106.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Safran, J. D., & Messer, S. B. (1997). Psychotherapy Integration: A Postmodern Critique. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 4(2), 140–152.
- Sá-Júnior, L. F. C. (2009). Gestalt, literatura e “literatura gestáltica”: expressionismo, contracultura e narrativas autobiográficas. *Revista IGT na Rede*, 6(10), 29-46.
- Stricker, G., & Gold, J. R. (1996). Psychotherapy Integration: An Assimilative, Psychodynamic Approach. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 3(1), 47-58.
- Vieira, E. D. & Vandenberghe, L. (2011). Reflexões sobre Gestalt-terapia e Psicodrama a partir do Movimento de Integração em Psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 75-84.
- Wachtel, P. L. (2010). Psychotherapy integration and integrative psychotherapy: Process or product? *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 406–416.
- Wulf, R. (1998). The Historical roots of Gestalt Therapy Theory. *The Gestalt Journal*, 21(1), 81-96.

## 5 DISCUSSÃO

A presente pesquisa se propôs investigar as perspectivas de gestalt-terapeutas e psicodramatistas a respeito das possibilidades de integração entre as suas abordagens. Também procurou compreender as percepções dos participantes sobre semelhanças, afinidades e aproximações teóricas e filosóficas entre o Psicodrama e a Gestal-Terapia. Além disso, buscou mapear os pontos de afastamento e diferenças entre as duas abordagens na ótica dos entrevistados. Finalmente, a partir das reflexões dos participantes, a pesquisa procurou investigar o espaço potencial de trocas e complementações entre o Psicodrama e a Gestal-Terapia.

Nesta seção, foram traçados os raciocínios realizados para responder às questões iniciais da pesquisa. A investigação das possibilidades de integração do ponto de vista dos terapeutas foi a questão central. Os demais questionamentos a respeito das aproximações, das divergências e do espaço de trocas entre as abordagens, se aprofundaram no decorrer da pesquisa e subsidiaram a busca da pergunta central.

### **5.1 A questão central de pesquisa e a tese desenvolvida**

Primeiramente, as percepções dos participantes sobre as possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestal-terapia serão aqui discutidas, estabelecendo-se contrapontos com outros trabalhos acadêmicos de nível de mestrado e doutorado. As comparações com outros estudos serão feitas com a finalidade de demonstrar as possíveis contribuições originais desta pesquisa para o campo da integração em psicoterapia.

Uma busca de trabalhos acadêmicos de mestrado e doutorado foi feita a fim de se comparar a presente pesquisa com trabalhos existentes. Foram realizadas buscas sobre o tema em bases de dados de teses e dissertações brasileiras, a saber: Biblioteca Virtual de Saúde – Psicologia no sítio [www.bvs-psi.org.br](http://www.bvs-psi.org.br), Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), disponível no sítio [www.ibict.br](http://www.ibict.br)

e Banco de teses da CAPES no sítio [www.bancodeteses.capes.gov.br](http://www.bancodeteses.capes.gov.br). Os unitermos utilizados para a busca foram Gestalt, Gestalt-terapia, Psicodrama, Integração, Integração entre psicoterapias, Integração entre abordagens psicológicas, Diálogos entre abordagens psicológicas, Interfaces entre abordagens psicológicas. Na medida em que somente um trabalho que envolve Psicodrama e Gestalt-terapia foi encontrado, foram considerados outros quatro trabalhos que estudam o Psicodrama ou a Gestalt-terapia com outras abordagens. Foram encontradas 05 (cinco) dissertações de mestrado e nenhuma tese de doutorado. A tabela 05 sumariza estas pesquisas:

**Tabela 05. Panorama de pesquisas de mestrado sobre integração**

Título	Tipo de estudo	Abordagens estudadas	Problema ou objetivo	Resultado
A prática da psicoterapia infantil a partir do referencial teórico do Psicodrama, da Gestalt-terapia e da Abordagem Centrada na Pessoa, sob as óticas de Bermúdez, Ferrari, Oaklander e Axline	Qualitativo – entrevistas com profissionais	Psicodrama, Gestalt-terapia e Abordagem Centrada na Pessoa	Como está sendo a experiência dos psicoterapeutas infantis?	Reflexões dos psicoterapeutas sobre os desafios e realizações na prática da psicoterapia infantil
Moreno e Winnicott: aproximações	Pesquisa Bibliográfica	Psicodrama e Psicanálise Winnicottiana	Estabelecer aproximações entre as concepções de desenvolvimento de Moreno e Winnicott	Moreno e Winnicott convergem na valorização da dimensão do jogo e da criatividade, além da ênfase na perspectiva relacional
Um estudo crítico das psicoterapias fenomenológico-existenciais: Terapia Centrada na Pessoa e Gestalt-terapia	Pesquisa Bibliográfica	Gestalt-terapia e Abordagem Centrada na Pessoa	Desenvolver reflexões críticas sobre as bases epistemológicas da Terapia Centrada na Pessoa e da Gestalt-terapia	Aponta a necessidade de revisão dos conceitos das duas abordagens para romper com concepções essencialistas e universais de sujeito.
Compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss na Prática Psicoterapêutica	Pesquisa Bibliográfica	Psicodrama e Daseinsanalyse	Identificar compatibilidades entre o Psicodrama e a Daseinsanalyse	As duas abordagens partilham de um enfoque fenomenológico e podem ser combinadas para alargar as possibilidades clínicas
Co-construindo pontes entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas Construtivistas Construcionistas Sociais: subjetividade e intersubjetividade em questão	Pesquisa Bibliográfica	Gestalt-terapia e Terapias Sistêmicas	Estabelecer diálogos entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas tendo como foco o conceito de subjetividade	As duas abordagens se aproximam no enfoque da intersubjetividade e ao considerar a imprevisibilidade e criatividade sistemas humanos.

A dissertação intitulada *A prática da psicoterapia infantil a partir do referencial teórico do Psicodrama, da Gestalt-terapia e da Abordagem Centrada na Pessoa, sob as óticas de Bermúdez, Ferrari, Oaklander e Axline*, Costa (2003) relata a pesquisa realizada com psicoterapeutas infantis das três abordagens mencionadas no título. A pesquisa buscou compreender as experiências de seis profissionais – dois de cada abordagem - quanto aos sentimentos vivenciados, necessidades e obstáculos vividos e sentidos no exercício da psicoterapia infantil. O estudo empreendeu um enfoque nas experiências e nos desafios da prática dos terapeutas infantis, sem explorar analiticamente a questão da integração. As divergências e convergências entre as três abordagens não foram desenvolvidas e uma possível prática integrativa dos profissionais não foi questionada. Apesar do enfoque em três abordagens, a questão central foi a psicoterapia infantil, seus desafios e realizações. Não era objetivo da pesquisa o alcance de uma interdisciplinaridade, entendida aqui como exercício de interação e trocas entre saberes. Do ponto de vista da relação entre abordagens, esta pesquisa pode se situar em uma perspectiva multidisciplinar, na qual as contribuições de alguns saberes são consideradas para a superação de práticas fragmentadas (Osório, 2003).

Milanello (2005), na dissertação denominada *Moreno e Winnicott: aproximações*, busca traçar paralelos entre conceitos teóricos de Jacob Levy Moreno e do psicanalista Donald Woods Winnicott. De natureza teórica, o estudo procura ampliar a compreensão dos mecanismos envolvidos no amadurecimento psicológico com vistas a contribuir para o aprimoramento teórico e prático da atividade clínica. Desde o início, o autor privilegiou mais as convergências do que as divergências e contradições entre as abordagens. A afinidade sentida pelas duas teorias e a ideia de que o conhecimento se dá em perspectiva, com cada saber contribuindo para a compreensão da multiplicidade do ser humano, foram os pontos de partida da pesquisa. O autor

se baseia no significado da palavra aproximar como a operação de comparar e estabelecer relações entre. Coloca como meta “aproximar o vigor do psicodrama com a delicadeza da psicanálise winnicottiana como ferramentas para a clínica” (Milanlello, 2005, p. 21). Na comparação de conceitos e visões de mundo sobressaem a criatividade e a perspectiva relacional como importantes marcas do ser humano e a valorização da dimensão do jogo e da brincadeira. O autor enfatiza mais as semelhanças dos enfoques e tece algumas possibilidades de complementações a partir do vigor teórico da proposta winnicottiana e das potencialidades técnicas do Psicodrama.

Bezerra (2007) investiga as bases epistemológicas da Gestalt-terapia e da Abordagem Centrada na Pessoa na pesquisa *Um estudo crítico das psicoterapias fenomenológico-existenciais: terapia centrada na pessoa e gestalt-terapia*. A autora tem afinidade por estas abordagens, mas critica o enfoque essencialista e descontextualizado historicamente de muitos autores e procura mapear os estudiosos que buscam reconfigurações destas teorias. Estas abordagens são comparadas nas suas insuficiências e na conseqüente necessidade de reformulações. Destaca-se o imperativo de atualização das abordagens para responder às novas demandas psicológicas atuais. Além disso, o terapeuta precisa considerar o contexto social do cliente e ser guiado mais pela ética do que por uma teoria. A Gestalt-terapia e a Abordagem Centrada na Pessoa já sofreram reformulações pelos seus fundadores, Fritz Perls e Carl Rogers. A necessidade atual de revisão impulsiona articulações com outras teorias para o alcance de novos subsídios. A evolução e transformação dos conceitos são aspectos constitutivos das abordagens entendidas como sistemas em movimento.

A pesquisa *Compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss na Prática Psicoterapêutica* de Calderoni (2010) objetivou identificar convergências entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Medard Boss. A pesquisadora partiu do pressuposto de que estas abordagens podem coexistir e serem combinadas sem oposição ou

conflito. Além disso, a autora construiu seu próprio enfoque clínico com base nestas duas teorias. Após realizar um estudo teórico das obras, através de citações e ideias de Moreno e de Boss, conclui que eles trabalhavam de maneira fenomenológica, acolhendo o material que se apresentava e com uma postura aberta que prescindia da categorização do ser humano em categorias *a priori*. Neste sentido, o estudo demonstra que as duas abordagens partilham de pressupostos filosóficos semelhantes e que os psicoterapeutas podem ampliar suas possibilidades através do vislumbre das compatibilidades entre Moreno e Boss. Como o estudo foi direcionado para a busca de unidade, os possíveis pontos divergentes não foram analisados.

Por fim, na dissertação cujo título é *Co-construindo pontes entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas Construtivistas Construcionistas Sociais: subjetividade e intersubjetividade em questão*, Philippi (2004) realiza estudo teórico sobre possíveis diálogos entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas. A pesquisadora percebe semelhanças entre estas abordagens no conceito de subjetividade e na adesão ao paradigma emergente de ciência. A autora também pondera que estas teorias adotaram caminhos diferentes de produção de conhecimento, mas que se aproximam em alguns pontos. Assim como em outros estudos, existe a perspectiva de que as abordagens estão em constante construção e de que o diálogo entre teorias pode potencializar uma prática psicoterapêutica mais rica. As duas abordagens não buscam uma pureza teórica porque elas surgiram a partir da articulação de muitas teorias, fato que produz uma abertura para escutar o novo. A autora buscou textos que promovessem a construção de relações entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas a partir da questão da subjetividade. No decorrer da pesquisa houve uma ampliação de perspectiva, emergindo a dimensão da intersubjetividade, posto que são abordagens relacionais. A autora menciona que buscou também compreender as discordâncias entre as teorias, inclusive utilizando-as para enriquecer o diálogo. No entanto, é dado um maior destaque às convergências. A autora pondera que estas abordagens possuem a virtude de considerar a imprevisibilidade, o novo e a criatividade dos sistemas

humanos. Por fim, aponta que os psicoterapeutas atuais exercem o fazer clínico de forma diferente dos fundadores das teorias.

Através do exame das dissertações apresentadas, é possível perceber que a maior parte dos estudos sobre integração é de natureza teórica, o que prioriza o ponto de vista do pesquisador e não o ponto de vista dos psicoterapeutas sobre o tema. Somente uma dissertação aborda as perspectivas dos profissionais, no caso as experiências dos psicoterapeutas infantis de três abordagens. Todavia, esta pesquisa é direcionada para a compreensão dos desafios compartilhados na psicoterapia infantil e a questão da integração entre abordagens não alcança visibilidade. As pesquisas bibliográficas contemplam as interseções entre as abordagens estudadas, procurando semelhanças nas visões de mundo e nos aspectos conceituais, e possíveis complementações entre teoria e técnica. O intuito compartilhado pelos estudos é ampliar as possibilidades de atuação do psicoterapeuta. No entanto, ao buscar aproximações, estas pesquisas priorizaram as convergências e não deixaram um espaço aberto para a emergência das divergências e dos obstáculos para a integração.

A presente pesquisa, por sua vez, buscou investigar as aproximações, afastamentos, obstáculos e as possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia. As categorias construídas foram resultado da pesquisa sem nenhuma adoção de hipótese ou *a priori*. A intenção era conhecer algo novo, desvelando de que maneira os profissionais destas abordagens percebem a integração com suas possibilidades e impossibilidades. Se fosse realizada uma pesquisa bibliográfica, os achados se limitariam somente ao ponto de vista do pesquisador, que selecionaria conceitos para serem comparados, e aos pontos de vistas dos pensadores, autores dos trabalhos pesquisados. Uma noção da Teoria Fundamentada consiste no princípio da vantagem epistêmica, que afirma que a pessoa que vive a realidade na base, em nosso caso, os profissionais que estão na prática clínica, da supervisão e do ensino, são mais bem posicionados para compreender a situação do que os pesquisadores acadêmicos.

As entrevistas com 22 profissionais experientes e com perfil de liderança embasaram a construção de categorias analíticas que expressam muitas vozes significativas das comunidades gestáltica e psicodramática. Sem a adoção de hipóteses nem o direcionamento somente para o exame das aproximações, foi adotada uma postura de abertura para compreender os significados emergentes das narrativas dos profissionais. A partir desta amostra, foi possível vislumbrar para além de questões teóricas investigadas, geralmente em estudos sobre diálogos entre abordagens. Aspectos subjetivos, sociais e institucionais envolvidos na relação do profissional com saberes psicológicos foram dimensões construídas que não eram esperadas no início da pesquisa.

Portanto, a presente pesquisa adotou um desenho de investigação diferente dos trabalhos até então existentes para entender o tema da integração entre duas abordagens humanistas. Além disso, o modelo das dinâmicas de integração elaborado aponta para caminhos antes não delineados. As forças presentes no campo profissional, a relação subjetiva dos profissionais com a abordagem de pertencimento e a articulação entre teoria e prática são três grandes eixos que agrupam os resultados e retratam a dinâmica observada na fronteira entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia. Os dados construídos, a partir das narrativas dos participantes, não são circunscritos somente à questão das convergências ou divergências entre as duas abordagens como era esperado no início da pesquisa. Outras questões importantes surgiram no decorrer da investigação, como a relação pessoal do profissional com os saberes psicológicos, a articulação entre teoria e prática que o psicoterapeuta precisa realizar para encarar os desafios da clínica contemporânea e as dinâmicas grupais, sociais e institucionais, envolvendo as comunidades científicas, o mercado de trabalho e o ambiente acadêmico. Geralmente o sentido subjetivo e sua interação com as forças sociais não se encontram presentes em outros estudos que envolvem diálogos entre abordagens.

Os conhecimentos novos construídos foram resumidos num modelo que constitui a tese que, de forma retrospectiva, é sustentada pelas diferentes categorias, apresentadas separadamente nos artigos. No exame da fronteira entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, foram mapeadas relações dinâmicas entre duas forças e três eixos. Existem forças que aproximam as escolas e forças que distanciam ou bloqueiam as possibilidades integrativas. Estas forças divergentes e convergentes incidem sob três eixos: (1) as comunidades científicas, (2) a subjetividade do psicoterapeuta e (3) a articulação entre teoria e prática. De forma diferente das pesquisas tradicionais, em que a discussão é pautada nos autores da literatura especializada, a presente pesquisa segue as diretrizes de Charmaz (2009), da Teoria Fundamentada nos dados, que propõe que o argumento principal e as ideias construídas sejam colocados em destaque. Por isso, será dado mais relevo às construções teóricas da pesquisa do que às ideias de outros autores já consagrados.

A questão das comunidades científicas envolve as dimensões sociais, institucionais e mercadológicas, relacionadas ao pertencimento dos profissionais com a abordagem de filiação e aos outros saberes psicológicos. Os membros de cada abordagem extraem suportes identitário, existencial e profissional através da sensação de pertencimento a uma comunidade científica que partilha crenças e valores. Para enaltecer a própria abordagem, as condutas clínicas inapropriadas são atribuídas aos profissionais da outra abordagem. O pertencimento a um grupo de pensadores afins fornece um suporte social que dificulta ao profissional estar ciente de que participa de um processo que limita sua visão das outras abordagens (Watchel, 2010).

Além destes aspectos emocionais derivados de uma identidade grupal, o forte compromisso com a abordagem é alimentado pela disputa simbólica no ambiente acadêmico por maior prestígio e reconhecimento e pela competição material no mercado por clientes e alunos. Para a construção da reputação profissional, geralmente ressalta-se o que é novo ou diferente (Norcross, 2005). Os obstáculos para a integração construídos com argumentos epistemológicos,

como as críticas às insuficiências metodológicas e teóricas da outra abordagem, por exemplo, possuem raízes mais profundas ligadas às questões de identidade grupal e disputa por recursos. O impedimento da apreciação das contribuições do outro com a construção dos mitos de superioridade e singularidade é regido mais pelas necessidades pragmáticas e emocionais do que por razões puramente epistemológicas. Portanto, o debate sobre os diálogos entre abordagens centrado somente em aspectos racionais ou teóricos mostra-se insuficiente para a compreensão da integração entre abordagens e da relação dos psicoterapeutas com os saberes psicológicos.

Dentre os fatores do campo que são entraves ou que desestimulam a integração temos obstáculos culturais como a falta de reconhecimento coletivo de profissionais que já realizam integrações. Existe um clima ideológico nas universidades e institutos de formação que alimenta uma forte reprovação dos profissionais que buscam estudar mais de uma abordagem. A realidade que permeia a relação com a diversidade dos saberes psicológicos no Brasil é diferente da realidade estadunidense, onde cerca de metade dos profissionais se denominam como ecléticos ou integrativos e desaprovam a identificação com uma única escola (Norcross, 2005). No Brasil, a conduta do profissional que estuda outras teorias pode ser vista como pouco séria ou desorganizada pelos seus pares. Além de promover um enclausuramento dos profissionais dentro de cada escola, esta cultura resulta na falta de espaços institucionais como revistas, associações, congressos nos quais se possa discutir e desenvolver o tema da integração. A relação de competição entre as comunidades clínicas é alimentada por estas regras institucionalizadas, pelas pressões exercidas pelo pertencimento grupal e pelas disputas de espaço no mercado. Neste processo com forte tonalidade emocional, psicodramatistas e gestalt-terapeutas desqualificam uns aos outros e reivindicam a superioridade da própria abordagem.

Os participantes percebem, por outro lado, condições do campo que podem facilitar os diálogos e contrapor as forças acima descritas. Os tabus podem dificultar a visualização das trocas entre abordagens que já ocorrem. A incorporação de conceitos é uma realidade intrínseca

envolvida na construção e no desenvolvimento de cada abordagem. Geralmente, a desobstrução das disciplinas se faz através da circulação de conceitos (Morin, 2007). A força dos obstáculos sociais para a integração contribui para eclipsar os pontos em comum e os intercâmbios realizados entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia. Realidades profissionais dinâmicas e complexas em conjunção com as limitações de qualquer abordagem são outras condições do campo que impulsionam a integração.

Existe uma interação significativa entre as condições do campo profissional em interação com os significados pessoais dos participantes a respeito da integração. Apesar de separarmos as duas dimensões, os significados subjetivos sobre a integração não podem ser compreendidos sem a consideração das condições sociais e institucionais do campo. As condições sociais vividas no pertencimento a uma comunidade profissional se somam à trajetória individual com a história pessoal, os acidentes de percurso e os acontecimentos significativos de cada sujeito.

As condições do campo profissional referem-se a dimensões já estabelecidas estruturalmente que interferem nas possibilidades de integração. Os aspectos estruturais são dimensões cristalizadas do campo que constroem ou estimulam a liberdade dos profissionais para se aventurarem em outros domínios teóricos. Os profissionais gradativamente percebem características preexistentes e solidificadas que influenciam as vivências da abordagem de filiação em sua interrelação com as demais teorias. O iniciante que ingressa em cada abordagem é absorvido por regras e normas da cultura clínica e de sua própria escola que moldam percepções sobre a relação entre saberes.

A literatura especializada sobre integração menciona superficialmente a influência de traços de personalidade e experiências de vida no pertencimento a alguma abordagem (Norcross & Halgin, 2005). Na presente pesquisa, a relação entre aspectos subjetivos e orientação teórica emergiu de maneira significativa, com importantes nuances.

O sentido subjetivo à relação da dimensão pessoal com a abordagem de filiação está ligado à questão de pertencimento grupal. A escolha e a permanência na abordagem não se dão unicamente devido a critérios pragmáticos. Foi possível constatar que existe uma relação pessoal com a abordagem que preenche necessidades pessoais e profissionais. Ferreira Neto (2004) argumenta que as psicologias não representam somente teorias sobre o psicológico, mas formas de constituição dos sujeitos. Na presente pesquisa, a constituição do mundo subjetivo do psicoterapeuta, a partir da vivência na abordagem de filiação, demonstra que os sistemas teóricos são mais do que um conjunto de diretrizes para a prática. A conexão entre anseios e valores pessoais com aspectos conceituais e filosóficos da abordagem é vivida como um fator de apoio existencial e identitário e como um suporte para a atuação profissional. Os pressupostos filosóficos e os conceitos da abordagem são incorporados como parte da identidade do psicoterapeuta e servem como diretrizes para a vida. As metáforas da abordagem como “segunda pele” e o “sapato que cabe no pé” (G22), bem como as ponderações que constatarem que a abordagem foi importante para superar a timidez (P17) ou para ajudar o profissional a continuar acreditando no ser humano (G6) demonstram a articulação entre teoria e identidade.

A pureza de cada abordagem é um forte ideal que emergiu nas conversações. O isolamento e a autossuficiência da própria abordagem são promovidos pela admiração e gratidão sentidas no pertencimento a um grupo e a uma teoria que ampara profissional e existencialmente. Na pureza ideológica, os profissionais julgam que não precisam estudar outras teorias e cada abordagem deve prosseguir seu desenvolvimento, sem estabelecer contato com o mundo externo. Alguns psicoterapeutas preferem confinar a atenção somente para o que a própria abordagem engloba, o que está fora do campo restrito é tratado como se não existisse (Watchel, 2010).

Enquanto estes aspectos subjetivos promovem um forte enraizamento com a abordagem de pertencimento e dificultam a integração, existem outros aspectos pessoais que facilitam a

abertura para os diálogos. Por que o psicoterapeuta deve cultivar uma atitude de abertura para a pluralidade teórica? A integração entre abordagens geralmente é proposta como via para se alcançar intervenções mais eficazes (Gold & Stricker, 2006; Lemmens, Ridder & Lieshout, 1994; Norcross, 2005; Stricker & Gold, 1996). No presente estudo, as vivências pessoais do psicoterapeuta enriquecem a compreensão do processo de integração com outros elementos. A busca constante do aperfeiçoamento profissional, a curiosidade intelectual, a percepção da limitação de uma única abordagem para dar conta da realidade, a influência de uma pessoa de referência que transita entre várias teorias são aspectos ligados à vivência subjetiva que colocam o psicoterapeuta em contato com a diversidade teórica. Existe um desejo de uma maior liberdade para transitar entre vários saberes que vislumbra benefícios para a prática profissional. Além disso, é desejável uma maior fluidez no interrelacionamento entre as abordagens para o aprimoramento das escolas. Portanto, em relação aos significados subjetivos, a pureza que resulta em rigidez e fechamento, e a abertura para as trocas fluidas constituem o campo de forças contraditório que permeia a atuação individual dos profissionais.

Por fim, a problematização da relação entre teoria e a prática foi objeto de reflexão entre os participantes. A competição entre abordagens ocultou um aspecto constitutivo do campo das psicoterapias. A criação e a constante evolução das abordagens somente foram possíveis graças à integração. A assimilação e a incorporação de conceitos de outras teorias permitiram o advento de novas abordagens em psicoterapia. O espírito de fundação do Psicodrama e da Gestalt-terapia era permeado pela integração. A Gestalt-terapia é uma integração bem sucedida de conceitos oriundos de trabalhos experimentais como a Psicologia da Gestalt, a Teoria de Campo e a Teoria Organísmica trazidos para o contexto da psicoterapia (Frazão & Fukumitsu, 2013; Lima, 2013; Ribeiro, 1985; Rodrigues, 2013). O Psicodrama representa a busca de Moreno em adaptar ideias e conceitos do teatro visando à descristalização de indivíduos, grupos e instituições, tendo a espontaneidade como diretriz (Contro, 2011; Moreno, 1975).

Além da percepção da integração como realidade inerente, a adoção da intradisciplinaridade entre as psicoterapias é enaltecida entre os participantes como condição vital para a geração de novos conhecimentos teóricos e metodológicos. A densidade de pensamento integrativo que emergiu durante a pesquisa também não era um fator esperado. A diversidade epistemológica dos saberes psicológicos pode trazer contribuições aos aspectos teóricos e metodológicos das abordagens e benefícios para a prática da psicoterapia. O contato com outras abordagens pode ser enriquecedor. Geralmente, a inovação nas ciências ocorre nas interseções (Bourdieu, 2008). A cuidadosa observação de critérios e regras foi um importante pressuposto traçado para se extrair os benefícios desta diversidade.

Ainda na relação entre teoria e prática, os participantes ressaltam a importância da oferta de atendimentos de qualidade. A necessidade de uma prática profissional mais fundamentada pela teoria aponta um receio de um pragmatismo reducionista que prejudica os clientes e deprecia a abordagem. Os participantes enfatizaram a forte necessidade de ajuste entre os aspectos epistemológicos da abordagem e as necessidades atuais dos seus membros e da clientela. Para responder aos desafios da psicoterapia são requeridas novas formas de atuação no espaço clínico. O lugar da técnica na psicoterapia é problematizado: as práticas teoricamente orientadas geram melhores intervenções. Em suas origens, a Gestalt-terapia e o Psicodrama foram abordagens que enfatizaram pragmaticamente o desenvolvimento de intervenções eficazes voltadas para a *práxis*, permanecendo a teoria em segundo plano (Frazão & Fukumitsu, 2013; Merengué, 2001). Através dos dados da presente pesquisa, destaca-se atualmente um conjunto de vozes destas comunidades reivindicando um maior enraizamento e aprofundamento na teoria e a subordinação da técnica aos conceitos teóricos.

As reformulações realizadas na Gestalt-terapia no distanciamento em relação às intervenções vivenciais e em direção a uma maior fundamentação teórica e metodológica são propostas de diferenciação em relação ao espírito contido na fundação. Esta mudança coloca uma

divergência em relação ao Psicodrama, pois a ênfase vivencial era uma influência que Perls absorveu de Moreno e um ponto de unidade entre as duas abordagens. Por outro lado, a busca recente de psicodramatistas em desenvolver propostas de atendimento individual aponta a Gestalt-terapia como importante influência atual no meio psicodramático. Enquanto existe uma corrente na Gestalt-terapia que se opõe ao Psicodrama, existe no Psicodrama um crescente interesse nas formulações da Gestalt-terapia. Portanto, na fronteira entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, há uma via obstruída e outra com fluxo livre. Este achado demonstra que uma análise que avaliasse de antemão uma unidade harmônica entre estas abordagens por serem perspectivas humanistas poderia desconsiderar nuances como esta. Perceber que existe uma força de repulsa em certos gestalt-terapeutas em relação ao Psicodrama contesta algumas preceções de proximidade. Por exemplo, a asserção de Almeida (2006), de que o Psicodrama e a Gestalt-terapia são propostas co-irmãs que buscam a compreensão das vivências, pode ser contestada por esta fonte de afastamento mapeada pelo presente estudo.

Na fronteira entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, portanto, emergiram correntes de aproximação e afastamento que regulam três importantes dimensões: as comunidades científicas e o campo profissional, os aspectos subjetivos do psicoterapeuta e a articulação teoria e prática.

## **5.2 Fatores que aproximam o Psicodrama e a Gestalt-terapia**

Posteriormente à discussão da questão central da pesquisa, neste momento serão abordadas as afinidades e as condições que aproximam a Gestalt-terapia e o Psicodrama que emergiram durante as conversações. Este aspecto era um objetivo específico formulado no início da pesquisa. Através dos dados, foi possível evidenciar um canal já existente de influências mútuas entre as duas abordagens. Gestalt-terapeutas e psicodramatistas entendem que Fritz Perls

foi fortemente influenciado pelas contribuições de Moreno. Perls buscava uma forma de psicoterapia, na qual os indivíduos pudessem se libertar dos bloqueios emocionais impostos pelos ideais culturais de perfeição (Perls, 1977). Desta forma, Perls valorizava o manejo do material terapêutico através da experiência que complementasse o relato verbal e intelectual. A partir da convivência com Moreno, Perls incorporou na sua prática gestáltica o desempenho de papéis e a técnica da cadeira vazia. Esta técnica ganhou bastante notoriedade nos workshops dirigidos por Perls e tornou-se parte integrante da Gestalt-terapia. Ao invés de outra pessoa ou ego auxiliar representar o papel complementar ao do cliente ou protagonista, a cadeira vazia o representa. Esta técnica permite a expressão de sentimentos ternos ou agressivos e pode ser de grande contribuição em um contexto individual de psicoterapia (Blatner & Blatner, 1996).

A convivência entre Moreno e Perls foi problemática. Alguns psicodramatistas e gestalt-terapeutas entrevistados entendem que Perls incorporou aspectos técnicos do Psicodrama deixando de mencionar a fonte (G3, G5, G8, G19, P14, P21). Além disso, P14 relata que quando fez formação em Psicodrama e Gestalt-terapia nos EUA, teve acesso a histórias sobre desentendimentos entre Perls e Moreno na época em que conviveram.

Adaptações foram feitas na transposição das técnicas vivenciais nos trabalhos de Perls. A maneira assumida pelas dramatizações na Gestalt-terapia se aproxima do monodrama, que consiste no desempenho pelo cliente ou protagonista de todos os personagens na dramatização, prescindindo dos egos auxiliares e de todo o aparato teatral (Blatner & Blatner, 1996). Esta espécie de “psicodrama minimalista” foi adotada nos workshops de Gestalt-terapia de Perls. É notável que este mesmo “psicodrama minimalista”, desenvolvido pelos gestalt-terapeutas, é atualmente assimilado pelos psicodramatistas que procuram desenvolver formas de trabalho em psicoterapia individual (Cukier, 1998; Fonseca, 2000). Tradicionalmente, o Psicodrama foi elaborado totalmente voltado para os grupos. Alguns psicodramatistas criaram exercícios e for-

mas de desempenho de papéis sem egos auxiliares, inspirados pelos exercícios da Gestalt-terapia (P13 e P14). O entrevistado P14, inclusive, criou uma metodologia de psicoterapia psicodramática individual no qual foi influenciado pelos recursos de ação da Gestalt-terapia. Desta forma, a Gestalt-terapia ajudou os psicodramatistas a adaptarem os recursos de ação do Psicodrama para demandas e objetivos atuais que eram diferentes das buscas originais de Moreno.

Ainda analisando os aspectos convergentes do ponto de vista histórico, no cenário brasileiro, o florescimento do Psicodrama na década de 1970 rompeu com a hegemonia da Psicanálise e abriu caminho para o surgimento de outras psicoterapias, dentre elas a Gestalt-terapia, segundo a ótica do entrevistado P16. As influências obtidas do Psicodrama ao longo dos anos foram assumindo duas formas que dividem os gestalt-terapeutas. Atualmente, os gestalt-terapeutas que apreciam a utilização de experimentos, que são formas de concretizar ou reconstituir situações mobilizando outros recursos além da fala, possuem interesse nas contribuições do Psicodrama (Rodrigues, 2000). O grupo dos chamados gestalt-terapeutas relacionais, influenciados pelas ideias de Martin Buber, abandonaram o modelo no qual o terapeuta propõe exercícios de ação para o cliente porque acreditam que cliente e terapeuta formam um campo relacional (Frazão & Fukumitsu, 2013). Este grupo tende a aprovar a ruptura com a influência do Psicodrama. Esta divisão emergiu também entre os gestalt-terapeutas entrevistados.

As afinidades se revelam mais facilmente quando as duas abordagens são percebidas, contextualmente, dentro do quadro global, contendo todas as psicoterapias. O espírito contido na origem de cada escola é semelhante e pode ajudar a explicar a proximidade filosófica entre elas e a diferença em relação a outras abordagens com fundações diferentes. Antes do surgimento das abordagens, Perls foi ator de teatro expressionista em Berlim e Moreno teve o teatro como base para a construção do Psicodrama (Moreno, 1975; Perls, 1979).

Além disso, as críticas com relação à Psicanálise inserem o Psicodrama e a Gestalt-terapia entre as psicoterapias que buscaram uma diferenciação de aspectos psicanalíticos considerados contraproducentes do ponto de vista terapêutico. O desejo de criar uma nova abordagem terapêutica que rompesse com as psicoterapias estritamente verbais e que enfatizasse a expressão intelectual é algo que demonstra a semelhança das ideias contidas na origem das duas abordagens (G2, G3, G5 e P13). Outro aspecto no qual as duas abordagens buscaram se diferenciar da Psicanálise é a ruptura com a ideia de ser humano isolado e o cultivo de uma concepção de sujeito sempre inserido em um contexto social de relações (G3, G8, P11, P13 e P21).

A Fenomenologia e o Existencialismo são percebidos como filosofias de base do Psicodrama e da Gestalt-terapia (P1, G2, G3, G7, P10, P14 e P17). A influência da Fenomenologia traduz-se na busca do significado das experiências do sujeito com a concomitante tentativa de abstenção de julgamento ou interpretação do terapeuta. O Existencialismo manifesta-se na apreciação da utilização de recursos de ação, no trabalho com a experiência presente e nas reflexões sobre a liberdade, presentes na Gestalt-terapia e no Psicodrama (Almeida, 2006; Cardoso, 2013).

Semelhanças no âmbito pessoal dos criadores das duas abordagens podem explicar algumas motivações em comum. Moreno e Perls tinham algumas semelhanças em relação a algumas experiências de vida; eram de origem judaica e carregavam marcas disto. Os ancestrais de Moreno - os chamados judeus sefarditas - foram expulsos da Espanha no século XV. Ele viveu em seu grupo familiar e social os reflexos da experiência de exclusão social. Moreno nasceu em 1889 na Romênia e, quando jovem, morando em Viena, participou ativamente do movimento seïnista conhecido como o existencialismo vienense. Além disso, era editor de uma revista expressionista chamada *Daimon*, juntamente com Martin Buber (Moreno, 1975; Marieau, 1992; Milanello, 2005).

Fritz Perls nasceu em Berlim, em 1893, filho de pais judeus. Ele participou de grupos de artistas, poetas, filósofos berlinenses, identificados com a chamada contracultura berlinense, além de ter sido ator de teatro amador. Em 1935 precisou fugir da Alemanha por causa das perseguições do Nazismo, indo com sua esposa, Laura Perls, para a África do Sul (Prestelo, 2001; Wulf, 1998).

Tanto Moreno quanto Perls fizeram parte de movimentos de contracultura, unindo-os numa necessidade de ampla reforma e revitalização dos valores sociais. Há um mútuo entendimento de que os arranjos sociais oprimem a livre expressão e colocam obstáculos ao desenvolvimento individual. Moreno e Perls viveram em contextos sociais desfavoráveis. As duas abordagens se constituíram fundamentadas pela motivação de buscar formas de superação dos bloqueios impostos pela cultura. Para conseguir este intento, as bases filosóficas do Psicodrama e da Gestalt-terapia foram formuladas no sentido de uma valorização do crescimento e da autorrealização, o que as insere no campo das psicologias humanistas (DeRobertis, 2013). Outro fator que coloca as duas abordagens no grupo da chamada Terceira Força em Psicologia é o rompimento com pressupostos considerados por elas demasiadamente mecanicistas, reducionistas e deterministas do Behaviorismo e da Psicanálise (Rosa & Kahhale, 2011). As motivações e ideias contidas nas origens construíram concepções de mudança e visões do ser humano com muitos pontos de encontro entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia.

Os participantes perceberam aproximações importantes no âmbito das estratégias metodológicas ou da maneira como a psicoterapia é conduzida. As formas adotadas para facilitar a mudança, mobilizar os recursos saudáveis e aumentar a capacidade de expressão dos sentimentos revelam concepções semelhantes do processo terapêutico: a ênfase na experiência presente do cliente, a valorização do trabalho com grupos, a busca da vivência que mobilize outros recursos além do material verbal e a procura de uma simetria na relação entre terapeuta e cliente (G2, G3, G4, G5, G6, G7, P9, P13, P15, P21). Estas aproximações fornecem uma visão mais

refinada e detalhada da unidade entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia do que aquelas descritas por Almeida (2006) e Blatner e Blatner (1996).

A horizontalidade na relação terapêutica é uma condição assumida por psicodramatistas e gestalt-terapeutas na qual o terapeuta deve estar presente como uma pessoa e não somente como um técnico distante. Para que a mudança ocorra, o terapeuta não deve se colocar como uma autoridade que sabe mais do cliente do que ele mesmo. Se o terapeuta é não-diretivo é porque existe uma crença nos recursos saudáveis do cliente que impulsionam a mudança. Está no cerne desta concepção a dignidade do cliente e a busca nestas abordagens em dividir mais o poder no processo terapêutico. A noção de espontaneidade do Psicodrama e o conceito de ajustamento criativo da Gestalt-terapia são exemplos da ênfase nos aspectos saudáveis da personalidade contidos como alguém capaz de tornar-se progressivamente uma pessoa menos misteriosa para si mesmo ao longo do processo (Moreno, 1975; Naffah-Neto, 1997; Perls, Hefferline & Goodman, 1997). Na análise destas diretrizes metodológicas é possível perceber que a Gestalt-terapia e o Psicodrama possuem algumas concepções semelhantes sobre os mecanismos de mudança, o papel do terapeuta e a visão de ser humano. Desta forma, é interessante notar que as ideias em comum que nortearam as fundações das abordagens ainda repercutem atualmente em concepções filosóficas e estratégias metodológicas afins entre as duas abordagens.

Mesmo com teorias diferentes, os participantes percebem que os profissionais de ambas as abordagens têm atuações práticas parecidas. Alguns gestalt-terapeutas têm a percepção de que os psicodramatistas realizam em suas práticas aspectos que são centrais para a Gestalt-terapia como a promoção do contato com os sentimentos, a concretização da experiência, a presentificação da experiência e o trabalho com uma visão contextual ou sistêmica (G2, G3, G5 e G19). Os gestalt-terapeutas utilizam recursos de ação semelhantes aos do Psicodrama, mas com terminologias diferentes. P21 cita o trabalho com polaridades da Gestalt-terapia, que

consiste na representação que o cliente faz de duas partes conflitantes. No Psicodrama também o terapeuta pode pedir para que o cliente desempenhe dois aspectos de si mesmo, sem o uso do nome “trabalho com polaridades”.

As aproximações filosóficas e metodológicas são as mais notadas pelos entrevistados. No entanto, algumas semelhanças teóricas também foram cogitadas. A noção de figura e fundo da Gestalt-terapia foi comparada como semelhante à noção de temas protagônicos e temas correlatos do Psicodrama (P10). O conceito gestáltico de awareness é visto como semelhante ao conceito psicodramático de espontaneidade (P21).

### **5.3 Obstáculos à integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia**

As condições que afastam, dificultam ou impedem as integrações entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia também foram objeto de reflexões dos participantes. Esta questão foi outro objetivo específico formulado no início da investigação. Dificuldades de ordem institucional, obstáculos conceituais, aspectos falhos em comum e a rivalidade entre as duas comunidades são as barreiras mais significativas. Os obstáculos institucionais referem-se à falta de espaços organizados que possam congregar os profissionais que buscam a integração, dificultando a socialização de experiências (P9, P12, P13, P15). A escassez de espaços se deve a entraves de natureza cultural. Os profissionais que apreciam as integrações ficam isolados, além de serem reprovados por seus pares quando buscam outras teorias (P15). A integração como prática é uma realidade, pois muitos profissionais circulam entre várias teorias. No entanto, não há um reconhecimento disso e a integração como tema científico legítimo permanece marginalizada (P9, P13). Os próprios fundadores e autores importantes das abordagens omitem suas influências ou desqualificam outras teorias, contribuindo para o encerramento dos profissionais em guetos acadêmicos (G2, G8, P16). Nos escritos de Moreno e Perls é possível perceber inúmeras críticas à Psicanálise, por exemplo (Moreno, 1975; Perls, 1979).

Algumas contra indicações para as integrações podem servir de obstáculos. A integração pode ser um sinal de fraqueza. Ao invés de recorrer à outra abordagem, deve-se esforçar para que a própria abordagem solucione os problemas da realidade que se apresentam a partir de seu próprio referencial (P10, G22). G22 tem como proposta que sua abordagem dialogue com o fenômeno e não com outras teorias. Desta maneira, os membros forçam o desenvolvimento e a ampliação de cada escola. A integração é vista aqui como uma ameaça que impede o crescimento das teorias e que pode até descaracterizar as abordagens (P10, P14, G22). Outra ameaça é a geração de resultados negativos na combinação de teorias. A integração entre abordagens carrega uma conotação de desorganização e falta de seriedade (P10, P14). No caso brasileiro ainda persistem representações negativas sobre a integração como, por exemplo, a possibilidade apontada por Figueiredo (2009, p. 181) da criação de “monstros ecléticos” através do diálogo entre abordagens. No caso específico do Psicodrama e da Gestalt-terapia, suas teorias muito diferentes podem dificultar as aproximações (G6).

Determinados tipos de afinidades podem se constituir como fatores de repulsa ou desinteresse. Na reflexão sobre as falhas em comum entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama, os participantes ponderam sobre as insuficiências na outra abordagem que a própria abordagem também possui. Em alguns momentos, percebem, com incômodo, os defeitos da própria abordagem de que menos gostam também presentes na outra. Os entrevistados sentem que faltam alguns fundamentos teóricos para apoiar as intervenções (P12, P14, P15). As duas abordagens não possuem uma teoria de personalidade (P14). Na literatura especializada de cada abordagem é possível perceber um clamor na direção de um maior fortalecimento teórico (Fonseca, 2000; Frazão & Fukumistu, 2013; Merengué 2001). As técnicas de ação propostas por gestalt-terapeutas e psicodramatistas desconsideram o possível constrangimento dos clientes que podem executar os exercícios somente para satisfazer a expectativa do terapeuta (P17, G18, G19). Alguns psicodramatistas e gestalt-terapeutas querem “dar show” (P17) com as técnicas de ação.

Estas são ensinadas para os estudantes que passam a reproduzi-las mecanicamente como se fossem receitas (P15, P17).

A valorização excessiva das duas abordagens na expressão das emoções pode prejudicar o cliente (P12, P15). O cliente é desrespeitado com a falta de foco e objetivos claros da psicoterapia conduzida nas duas abordagens (P12). Para alguns gestalt-terapeutas, a influência do Psicodrama com seus métodos de ação deve ser erradicada na Gestalt-terapia (G2, G18, G19, G20). Este é o caso mencionado anteriormente do grupo dos gestalt-terapeutas que preferem um modelo que valorize a relação terapêutica em detrimento do aspecto vivencial (Fração & Fukumitsu, 2013). Estes defeitos refletidos no espelho da semelhança desestimulam aproximações entre as duas abordagens, pois a outra abordagem tem o que a própria abordagem gostaria de superar.

A rivalidade e a disputa de mercado são fatores que provocam divergências e distanciamentos entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama. As semelhanças filosóficas e metodológicas podem conduzir a uma competição pelo mesmo nicho de mercado, ampliando o clima de rivalidade já existente entre as psicoterapias. Como consequência, fortes desqualificações são dirigidas à outra abordagem que passa a ser depositária de condutas inadequadas. Como as fronteiras são próximas, as virtudes são atribuídas à própria abordagem e os defeitos são projetados para o outro lado da fronteira. Esta dinâmica se assemelha ao processo descrito por Freud (1930) denominado de narcisismo das pequenas diferenças. Comunidades que vivem em territórios adjacentes e que partilham certos aspectos se envolvem em disputas constantes, além de ridicularizarem umas às outras. Portanto, esta proximidade facilita o escoamento da agressividade para a outra abordagem, o que promove uma unidade na própria comunidade.

A superioridade da própria abordagem é construída com a desvalorização da outra abordagem. Ao contrário do que ocorre na própria abordagem, a outra abordagem é percebida como tecnicista; o terapeuta não se envolve como pessoa e permanece em uma posição distante (G2,

G5, G8, P17, G18). A outra abordagem é superficial, prescreve técnicas sedutoras de fácil aplicação sem fundamentos filosóficos profundos de análise (G2, G8, P17).

Alguns gestalt-terapeutas percebem que a atuação dos psicodramatistas é mais diretiva e rígida e reprovam as dramatizações que podem confundir, constranger e ter caráter invasivo (G2, G5, G8, G18, G19). As técnicas impostas pela autoridade do terapeuta podem piorar o estado do cliente por desconsiderar sua capacidade em lidar com algo que pode mobilizar muito suas emoções (G2, G18, G19). Os gestalt-terapeutas são criticados pelos psicodramatistas por não terem aparato metodológico para lidar com o material emergente nas sessões (P1, P12, P15). A Gestalt-terapia não trabalha com a movimentação corporal e espacial e carece de recursos para o trabalho com grupos, que são aspectos fortemente desenvolvidos no Psicodrama (P1, P9, P13, P21). A Gestalt-terapia é “acusada” de não conseguir trabalhar com os grupos, mas com o indivíduo dentro do grupo. No relacionamento entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama a rivalidade constitutiva da história das psicoterapias se manifesta. As controvérsias entre abordagens não são de natureza teórica e empírica como era de se esperar em um debate intelectual e científico. A competição entre abordagens se aproxima mais de uma guerra cultural, na qual o outro é desqualificado, hostilizado e estereotipado (Gold & Stricker, 2006; Norcross, 2005; Paris, 2013; Stricker & Gold, 1996; Watchel, 2010).

Estas desqualificações podem ser estimuladas pelas disputas de mercado que sinalizam aspectos relativos à “sobrevivência” das comunidades psicodramática e gestáltica. Os donos de institutos e professores sentem que precisam promover sua abordagem e desvalorizar a outra para conquistarem alunos para os cursos de formação e clientela. Nesta competição, subjaz a construção do prestígio da própria escola através da desconstrução do outro. As diferenças são cultivadas para a promoção da originalidade, singularidade e superioridade (Paris, 2013). O público externo deve ser seduzido a consumir conceitos e serviços da própria abordagem com a sensação de que procederam bem em não escolher a outra.

#### **5.4 Obstáculos para a integração: competição e cooperação entre abordagens**

Neste ponto, serão feitas algumas ponderações sobre barreiras para a integração em um contexto mais global, para além da interface entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia. Apesar de reconhecermos o lado prejudicial da competição, reflexões críticas sobre a dicotomia competição *versus* cooperação entre escolas merecem um espaço. A literatura especializada aponta a rivalidade histórica entre abordagens como característica do campo e como grande obstáculo a ser superado para as integrações. Os terapeutas desenvolveram atitudes de cegueira e desinteresse em relação às contribuições externas às suas estruturas teóricas (Norcross, 2005). Nos dados da pesquisa encontra-se presente a desqualificação da outra abordagem sem a demonstração de conhecimento profundo sobre ela. Este achado demonstra que fortes aspectos emocionais estão envolvidos na relação com as teorias.

O espaço de convivência entre abordagens é retratado como um campo de hostilidades e rejeições em relação ao outro. Alguns autores utilizam a convivência entre culturas adjacentes como metáfora para a compreensão da relação entre as psicoterapias. Safran e Messer (1997) apontam que o outro desprezado e caricaturado é utilizado para definir o próprio eu. Neste sentido, cada abordagem constrói um sentimento de superioridade em relação a outras abordagens consideradas aversivas (Gold & Stricker, 2006). Semelhantes a guerras culturais ou conflitos étnicos, as divergências científicas e intelectuais estruturam-se a partir da ampliação das diferenças e da estereotipia do outro (Watchel, 2010).

Todos os esforços para descrever os obstáculos para a integração parecem pretender impulsionar o campo para uma maior cooperação entre abordagens. Apesar de ser louvável a busca do diálogo e das contribuições recíprocas, duas ressalvas merecem ser tecidas. Um quadro de cooperação sem competição entre escolas talvez seja uma ilusão difícil de ser alcançada.

A história de qualquer disciplina é perpassada por lutas e disputas quanto ao estatuto da verdade. O campo científico é um mundo de conflitos e um espaço para a manutenção ou transformação da relação de forças em vigência (Bourdieu, 2008). Uma comunidade científica não é uma comunidade harmônica, unificada ou homogênea, mas um grupo de concorrentes (Bourdieu, 2004). Como o campo das psicoterapias compartilha as regras de qualquer campo científico, os esforços para a cooperação devem considerar o conflito e o dissenso como suas características intrínsecas.

Além disso, a competição histórica entre abordagens não teve somente um aspecto deletério. A excitação de concorrer com os outros pode ter estimulado esforços para a realização de cada abordagem (Heidbreder, 1993). As escolas corrigem-se através do confronto, dos debates e dos atritos (Safran & Messer, 1997). No surgimento de algumas abordagens, a busca da diferenciação em relação à outra escola de referência pode ter representado um potente impulso competitivo (Goldfried, 1980). Mendonça e Videira (2007), analisando a perspectiva kuhniana de ciência, demonstram que a especialização facilita o avanço científico. Na ciência, o desenvolvimento de linhas especializadas de pesquisas fomentou o progresso científico pelo desenvolvimento de novas maneiras de abordagem dos problemas. Apesar da perda de visão do todo e do decorrente isolamento entre os vários domínios científicos, a fragmentação disciplinar ampliou a diversidade de explicações da realidade.

O florescimento de muitas propostas em psicoterapia parece ter seguido este caminho, culminando na rica diversidade de visões disponíveis atualmente (Figueiredo, 2009). Portanto, ao almejar a melhoria da cooperação entre abordagens, deve-se levar em conta a competição como característica constituinte do campo e como agente impulsionador de criatividade teórica. A permanência da tensão entre competição e cooperação representa um quadro que traz uma visão mais realista do campo.

Além da questão da competição, reflexões sobre as barreiras de natureza epistemológica para a integração foram recorrentes nos dados e na literatura pesquisada. Nos artigos da pesquisa foi demonstrado que a organização do conhecimento disciplinar fragmentou os saberes e estimulou a construção de fronteiras entre teorias (Morin, 2007). A fragmentação separou e dispersou as diversas psicologias, bloqueando a comunicação entre elas (Morin, 2005).

No entanto, existem outras dimensões importantes na tentativa de fazer as abordagens se comunicarem. A linguagem especializada das diferentes comunidades científicas parece ser um obstáculo importante. Para a integração entre psicoterapias, Lemmens, Ridder e Lieshout (1994) trazem a proposta de utilização de uma linguagem neutra para melhorar os diálogos que são impedidos pelos jargões tradicionais de cada escola. Esta solução parece um tanto simplista. É preciso pensar em alguns aspectos para realizar comparações válidas entre teorias.

A partir de uma perspectiva kuhniana, pode-se pensar se as diferentes psicoterapias são ou não incomensuráveis (Kuhn, 1970/2011). A incomensurabilidade representa um nível elevado de divergência no qual as teorias não são somente diferentes, mas possuem métodos de experimentação diferentes e formas diferentes de compreender os resultados, operando em mundos diferentes. Na concepção da incomensurabilidade deduz-se que duas teorias percebem diferentemente o mesmo fenômeno. A diversidade presente entre as comunidades das abordagens psicológicas talvez não contemple radicalmente a tese da incomensurabilidade. Todos os clínicos e pesquisadores possuem uma visão global do campo contendo todas as escolas e, muitas vezes, os conceitos de outras abordagens soam como familiares. Não há uma completa fragmentação. Alguns participantes gestalt-terapeutas desejam que a Gestalt-terapia se distancie de um modelo vivencial mais próximo do Psicodrama em direção a um modelo relacional (G6, G18, G19, G20 e G22). Neste caso, percebem as duas abordagens como incomensuráveis, pois a mudança na forma de intervenção com o cliente propiciou mudanças na visão de ser humano e do processo terapêutico que estes participantes julgaram ter distanciado sua abordagem

do Psicodrama. Um número maior de participantes, por outro lado, relata que o Psicodrama e a Gestalt-terapia possuem formas muito semelhantes de interpretar os fenômenos, baseadas em alguns aspectos como: pressupostos filosóficos comuns, valorização da horizontalidade na relação terapêutica, ênfase no crescimento pessoal e foco na experiência presente (P1, G2, G3, G5, G7, P9, P10, P13, P14, P17 e P21).

Dado que as teorias não são totalmente incomensuráveis, se houver a intenção de melhorar os diálogos, pode-se adotar a proposta kuhniana de mapear os termos que são obstáculos para discussões intergrupais para, então, ter início o processo de tradução. Pode haver, entre duas ou mais abordagens, comparações e debates sobre alguns de seus enunciados, permitindo o conhecimento das lacunas e virtudes recíprocas (Kuhn, 1970/2011). Esta ideia se aproxima de uma diretriz presente nos dados, que compreende que cada abordagem possui pontos fechados e pontos abertos para a integração. Ainda, pode-se pensar que determinadas abordagens, em comparação, possuem algumas áreas de concordância e outros pontos sem possibilidade de tradução.

Em relação ao espaço de interseção entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, o entendimento é de que existem áreas de concordância quanto aos aspectos filosóficos, metodológicos e técnicos e pontos divergentes quanto às teorias. Goldfried (1980) argumenta que cada escola terapêutica tem três níveis de abstração. No nível mais alto, encontram-se as teorias que buscam explicar como ocorre a mudança. No nível intermediário, os pressupostos filosóficos sobre o funcionamento humano. No nível mais básico, os procedimentos clínicos elaborados para as intervenções. Lemmens, Ridder e Lieshout (1994) defendem que a integração deveria ocorrer somente no nível mais básico envolvendo os métodos e técnicas, e não em um nível abstrato de estruturas compreensivas.

Os dados da pesquisa e o estudo da literatura sobre o Psicodrama e a Gestalt-terapia demonstram que existem dimensões teóricas divergentes significativas entre as duas. Fritz

Perls fez a transposição da Teoria Organísmica de Kurt Goldstein para a Psicologia, utilizando-a como base para seu novo método de psicoterapia (Frazão & Fukumitsu, 2013; Lima, 2013). Os conceitos gestálticos derivados da Psicologia da Gestalt e da Teoria Organísmica parecem ser bastante peculiares à Gestalt-terapia. O Psicodrama, por sua vez, tem como singularidade a utilização de elementos advindos do teatro com o intuito de representar através da dramatização os conflitos de indivíduos, grupos e instituições (Contro, 2011). Mesmo com estas divergências teóricas, o Psicodrama e a Gestalt-terapia apresentam muitas similaridades nas suas descrições sobre o funcionamento humano e na forma de entender a mudança terapêutica, como já foi apontado.

### **5.5 Fronteira produtiva: intercâmbios entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia**

Enquanto a literatura é escassa em abordar as trocas entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, esta pesquisa identificou significativos intercâmbios atuais entre as duas abordagens. Estas são percebidas pelos profissionais como dois irmãos que tiveram uma base em comum, mas que cresceram separados. No encontro depois de adultos, os aspectos em comum podem ser inspiradores porque existem variações nestas semelhanças. Além disso, o crescimento em separado possibilitou o desenvolvimento de recursos singulares que são atraentes quando se examina a outra abordagem. As convergências produzem uma proximidade que estimula as trocas, mas há também o desejo de ser inspirado pelas riquezas diferentes da abordagem irmã.

Existem poucos exemplos na literatura sobre trocas ou influências mútuas entre as duas abordagens. Blatner e Blatner (1996), psicodramatistas, mencionam que a Gestalt-terapia incorporou do Psicodrama a técnica da cadeira vazia e o desempenho de papéis. As técnicas assimiladas por Fritz Perls, após assistir a sessões de Psicodrama dirigidas por Moreno, ganharam contornos e finalidades diferentes a partir das próprias concepções de Perls. Em uma de suas obras, Perls (1988) explicou que solicitava ao cliente que conversasse como se alguém

significativo estivesse presente. Ele utilizava o desempenho de papéis com o objetivo de ajudar o cliente a tornar-se mais consciente dos próprios bloqueios.

Rodrigues (2000), gestalt-terapeuta, aponta a utilização atual de técnicas psicodramáticas na Gestalt-terapia. Alguns recursos do Psicodrama são integrados de forma coerente com a proposta gestáltica de ampliar a percepção do cliente para que este compreenda melhor a própria situação existencial. A explicação do autor ilustra este aspecto:

A Gestalt-terapia é bastante conhecida pela utilização de suas técnicas terapêuticas de influência psicodramática. Estas técnicas, porém, pelo que estamos construindo até aqui, não são apenas uma transposição de ferramentas de uma abordagem psicoterápica - o próprio Psicodrama, elaborado por Moreno - para outra, mas a utilização coerente de instrumentos que auxiliarão na clarificação do que é o campo vivencial no qual a pessoa está inserida e dele faz parte, de modo a ampliar, saltar às vistas, as forças em jogo (Rodrigues, 2000, p. 106).

Almeida (2006), psicodramatista, aponta a unidade entre a Gestalt-terapia e o Psicodrama, argumentando que elas se aproximam no objetivo de compreensão da experiência vivida. Fonseca (2000) e Cukier (1988), psicodramatistas, mencionam que são influenciados pelos recursos da Gestalt-terapia para desenvolver formas de trabalho individual em psicoterapia. No presente estudo, existe a expectativa de avançar no sentido de se explorar mais as possibilidades de trocas entre as duas abordagens. A partir da perspectiva dos participantes, pretende-se traçar um quadro mais amplo, quando comparado com a literatura existente, de possibilidades de fertilizações mútuas.

As convergências percebidas pelos participantes estimulam desejos de trocas entre as duas abordagens. A admiração do profissional pela outra abordagem estimula a assimilação de

alguns aspectos considerados vantajosos. Nas conversações encontram-se presentes integrações que já são feitas e vislumbres de novas integrações. P21 pensa que se os psicodramatistas examinassem os escritos da Gestalt-terapia sobre criatividade, a compreensão do processo criativo na teoria psicodramática poderia se ampliar. P15 admira a valorização da perspectiva do cliente que a Gestalt-terapia possui. Entre os entrevistados, três gestalt-terapeutas apreciam recursos de ação e utilizam ativamente elementos vindos do Psicodrama (G3, G4 e G5). Por exemplo, a entrevistada G5 utiliza dramatizações e recursos de trabalhos com grupos do Psicodrama. Além disso, ela afirma que recursos do Psicodrama são essenciais para a realização de um aspecto importante da Gestalt-terapia: a presentificação da experiência. O trabalho que estimula o contato com os sentimentos, meta da Gestalt-terapia, pode ser otimizado com a utilização da dramatização (G5). P13 utiliza a noção de presentificação da experiência da Gestalt-terapia em sua atuação como psicodramatista. G5 absorve influências do Psicodrama, embora permanecendo fortemente enraizada na Gestalt-terapia. A criatividade constantemente exigida no trabalho com grupos conduz G5 a sempre pegar emprestada alguma ferramenta do Psicodrama.

Alguns entrevistados demonstraram uma espécie de encantamento, uma atração afetiva que sinaliza possíveis riquezas a serem encontradas na outra abordagem (P1, G5, P13, P15). A forma diferente com que a outra escola trabalha algum fator importante da própria alimenta uma vontade em conhecer mais a outra. Os aspectos similares da outra abordagem exercem bastante atração como: recursos de ação (P1, G5, P13 e P15), trabalhos que envolvem a concretização da experiência (G5 e P14), estratégias de trabalhos com grupos (G3 e G5). Portanto, as estratégias terapêuticas do Psicodrama e da Gestalt-terapia representam um canal de possíveis intercâmbios, sinalizados pelos dados da pesquisa, e que pode ser mais explorado pelas comunidades psicodramática e gestáltica.

Os aspectos que faltam na abordagem de filiação e que são desenvolvidos na outra abordagem são objeto de admiração e interesse. As falas de G3 e P15 ilustram o desejo de estabelecer combinações: “*É preciso pensar gestalticamente e agir psicodramaticamente ou o oposto (G3)*”; “*A Gestalt tem o que o Psicodrama não tem e o Psicodrama tem o que a Gestalt não tem (P15)*”. Alguns psicodramatistas notam algumas estratégias terapêuticas valiosas da Gestalt-terapia que poderiam ser importadas pelo Psicodrama. O trabalho com a ampliação da consciência, a presentificação da experiência, o contato com os sentimentos e a busca dos significados da experiência do cliente poderiam fortalecer a prática psicodramática (P1, P11, P14, P15 e P21).

A busca pela ampliação da consciência, recurso típico da Gestalt-terapia, poderia ser um potente aliado no alcance dos estados espontâneos (P21). Enquanto a Gestalt-terapia busca a recuperação do contato consciente consigo mesmo, o Psicodrama busca o resgate da espontaneidade (Moreno, 1975; Perls, Hefferline & Goodman, 1997). A Gestalt-terapia possui elementos que facilitam um contato profundo do sujeito consigo mesmo, através do seu trabalho com a consciência ampliada, o que pode colaborar para o alcance de respostas espontâneas e autênticas nas sessões de Psicodrama.

A Gestalt-terapia possui mais recursos do que o Psicodrama para o trabalho com o corpo como canal para focalizar, através da atenção e da concentração, o que está acontecendo no momento com o cliente (P11, P15 e P21). Desta forma, a Gestalt-terapia tem contribuições que ajudam o sujeito a tornar-se mais presente e mais autônomo. De acordo com P14, a clareza didática contida nos escritos da Gestalt-terapia deveria inspirar os psicodramatistas a serem mais didáticos em suas teorias. Este participante considera a escrita de Moreno de difícil entendimento. Outra complementação mais ampla sugerida é combinar as forças das duas abordagens: a teoria e a filosofia da Gestalt-terapia poderiam ser combinadas com as técnicas

do Psicodrama (P1 e P15). Porém, não foram mencionados quais aspectos poderiam ser combinados exatamente.

Os gestalt-terapeutas também gostariam de importar determinados aspectos do Psicodrama. Os conceitos de personagem e de tele seriam importantes contribuições teóricas (G2 e G5). O trabalho utilizando o palco, o desempenho de papéis, o *role play* para treinar papéis e a estruturação da sessão dividida em etapas são percebidos como importantes ferramentas metodológicas do Psicodrama que o gestalt-terapeuta poderia empregar (G2, G3, G5 e G6). O *role play* do Psicodrama pode ajudar no treinamento de psicoterapeutas em formação na Gestalt-terapia (G6). Como a Gestalt-terapia é não-diretiva, as etapas de uma sessão de Psicodrama podem fornecer uma estrutura que falta (G2).

Ainda no espírito da integração, houve também uma vertente em que os participantes refletiram sobre as contribuições que a própria abordagem pode ofertar para a outra. Enquanto nas complementações anteriores foi necessário admitir os pontos pouco desenvolvidos da própria abordagem e constatar as riquezas da outra abordagem, neste segmento ocorre o contrário. Os aspectos virtuosos da própria abordagem são oferecidos para corrigir as insuficiências da outra abordagem em uma atmosfera de cooperação.

A conjugação das bases em comum, que garantem um parentesco epistemológico com os desenvolvimentos singulares de cada abordagem fomenta o jogo de dar e receber algo do outro. Safran e Messer (1997) argumentam que a proximidade epistemológica pode abrir caminho para a cooperação entre abordagens, pois promove uma familiaridade e diminui a sensação de estranheza da alteridade. No exercício de oferecer algo para o outro subjazem ao mesmo tempo uma vontade de ajudar, uma visão compreensiva do aspecto pouco desenvolvido na outra escola e uma confiança no potencial da própria abordagem. Os fundamentos em comum podem contribuir para a crença de que a outra abordagem pode se aprimorar através da influência da própria.

Os dados da pesquisa revelam exemplos concretos das ofertas de contribuições. A principal recomendação dos gestalt-terapeutas é a de que sua abordagem pode ajudar os psicodramatistas a serem menos diretivos (G2, G3, G5, G7, G18, G19, G20). Para que o terapeuta mude sua postura, é necessária uma mudança na visão de homem. O terapeuta psicodramatista deveria cultivar uma atitude de respeito em relação ao saber do cliente que se traduz em alguns aspectos da visão de ser humano da Gestalt-terapia: o homem como um ser de possibilidades que pode fazer novas escolhas, a confiança na capacidade do cliente de se organizar e sua tendência ao crescimento (G18, G20). O terapeuta precisa admitir que possui uma grande área de não saber sobre o cliente para permitir que a sabedoria e a autonomia do cliente se manifestem na psicoterapia. O terapeuta deve evitar as interpretações, buscar uma relação horizontal, comportar-se como uma pessoa e não como um técnico. O cliente deve se dizer por si mesmo, a psicoterapia deve ser guiada pelos recursos saudáveis do cliente (G2, G5, G18, G19, G20).

Os psicodramatistas sugerem aos gestalt-terapeutas aproveitarem a noção psicodramática da universalidade do ser humano, oriunda dos trabalhos com grupos (P10, P13, P16). A ruptura com a terapia de confessionário (P16) coloca os membros dos grupos em contato com os sofrimentos uns dos outros, culminando na conclusão de que existem muitas fragilidades semelhantes entre as pessoas. O conceito moreniano de papel traz uma ideia de fusão da singularidade com a universalidade, da interação entre cultura e identidade: “o papel pode ser definido como uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais (Moreno, 1975, p. 238)”.

Alguns psicodramatistas também ponderam que a Gestalt-terapia pode aproveitar a noção de encontro humano, mais especificamente das possibilidades de se colocar no lugar do outro e acessar sua experiência a partir de sua perspectiva (P1, P10, P11, P13, P16). O exercício no qual o terapeuta pode compartilhar algumas experiências próprias e a construção de uma

relação terapêutica forte e espontânea com o cliente são outras contribuições psicodramáticas ofertadas (P10, P13).

Na literatura especializada, geralmente constata-se a busca de algum recurso vantajoso de outra abordagem para a construção de tratamentos mais eficazes (Goldfried, 1980; Norcross, 2005; Stricker, 1996; Stricker & Gold, 2005; Watchel, 2010). O oferecimento de recursos da própria abordagem foi algo construído na presente pesquisa e representa uma reflexão pouco usual nos escritos sobre integração.

## **5.6 Significados da integração na literatura e nos dados de pesquisa**

Após o exame das aproximações, afastamentos e possibilidades de integrações entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia, impõe-se como tarefa importante tecer algumas reflexões sobre a palavra integração e seu uso entre os participantes e na literatura especializada. A elucidação do termo é importante porque a palavra tem um destaque na pergunta de pesquisa, além de ser um conceito muito utilizado na literatura com vários significados. Ademais, a discussão do termo tem a intenção de demonstrar as ponderações mais gerais dos participantes sobre integrações entre abordagens e não somente entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia.

O significado da palavra integração no dicionário<sup>2</sup> é “processo de adaptação, combinação, inclusão de novos elementos num sistema”. A palavra encerra uma ideia de relacionamento entre partes e a conseqüente ampliação de algo através do acréscimo ou combinação de elementos. É um termo utilizado no relacionamento entre abordagens psicológicas que ganha grande polissemia neste uso. Pretende-se tecer algumas considerações sobre os significados do termo integração, presentes na literatura especializada e nos dados da pesquisa.

---

<sup>2</sup>Integração. In: Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. [Internet]. [Acesso em 2014 Jul 24]. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=integracao>

Existem diversos sentidos presentes na literatura do chamado Movimento de Integração em Psicoterapia - congregação de pesquisadores e clínicos interessados em experimentar formas de se trabalhar com mais de uma abordagem (Norcross, 1997). Os significados são difusos sem haver um consenso para uma definição unívoca. Um dos sentidos prevalentes está contemplado no princípio pragmático de aumentar a eficiência do terapeuta, viabilizado pela constatação da insuficiência da utilização de uma única abordagem e pela valorização potencial das técnicas de várias abordagens (Gold & Stricker, 2006). Os partidários da integração lutam para introduzir no campo das psicoterapias as ideias de uma livre comunicação entre abordagens psicológicas e de um livre trânsito na utilização de aspectos vantajosos de cada escola (Norcross, 2005; Norcross & Halgin, 2005; Paris, 2013; Watchel, 2010).

Conforme já mencionado anteriormente, alguns caminhos sistematizados para a integração foram formulados como os fatores em comum, o ecletismo técnico, a integração teórica e a integração assimilativa. Existem os integracionistas que combinam métodos, os que buscam semelhanças, os que tentam combinar teorias, demonstrando a heterogeneidade do campo (Norcross, 1997). Apesar da diversidade, todos se norteiam para o aumento da eficácia da psicoterapia. A integração teórica é a via mais ambiciosa, pois trata da tentativa de criar sistemas de psicoterapia resultantes de combinações ou sínteses de duas ou mais abordagens (Norcross, 2005). O ecletismo técnico, os fatores em comum e a integração assimilativa têm em comum a busca pelo aumento do poder de intervenção do psicoterapeuta através do aproveitamento de virtudes de várias abordagens. Ainda existem discussões na literatura questionando se deve haver uma ênfase mais teórica ou mais aplicada nos esforços de integração (Safran & Messer, 1997). Norcross (1997) argumenta que o primeiro passo da integração é aumentar o repertório de técnicas e estratégias do terapeuta. Depois, dar subsídios para que o terapeuta saiba como e quando utilizar as técnicas com um cliente específico com a finalidade de aumentar a eficiência da psicoterapia.

Outros autores defendem a integração como uma perspectiva ou jeito de pensar para a formação de melhores terapeutas e não de melhores psicoterapias (Eubanks-Carter & Burckel, 2005; Norcross & Halgin, 2005; Watchel, 2010). A integração aqui tem um sentido de processo e não de um produto a ser alcançado. Neste sentido, todos os terapeutas deveriam ser estimulados a estudarem várias abordagens e analisá-las em termos de similaridades, divergências, complementaridade e suas possibilidades de combinação. Se a integração for uma perspectiva permanente, pode haver uma expansão do olhar compreensivo e um aumento do repertório de intervenção dos terapeutas. A formação dos terapeutas deveria torná-los fluentes em mais de uma maneira de praticar a psicoterapia (Safran & Messer, 1997). Além disso, a integração como processo pode auxiliar na suavização da rivalidade histórica entre sistemas (Paris, 2013). Vale ressaltar que mesmo quando se coloca em pauta a melhoria da cooperação e da comunicação entre as escolas, o objetivo sempre presente é aumentar a eficácia e a eficiência da psicoterapia (Norcross, 1997).

Assim como na literatura científica, os dados da pesquisa também apontaram vários sentidos para o termo integração. O primeiro significado encontrado consiste na reflexão dos participantes sobre a diversidade epistemológica do campo das psicoterapias e a consequente recomendação da adoção de uma postura não dogmática com a valorização das várias teorias sobre o ser humano. O dogmatismo bloqueia a curiosidade intelectual manifestada no desejo de saber mais sobre o humano. Outro sentido do termo expressa-se na busca que os profissionais devem empreender em estudar mais de uma abordagem. Em alguns pontos, os participantes são explícitos na descrição da maneira como utilizam recursos de outra abordagem e, em outros, simplesmente refletem sobre a importância da incursão na diversidade para as suas identidades profissionais.

Os informantes entendem que a realidade é desafiadora e que cada escola consegue abarcar apenas fragmentos do real. Esta ideia revela uma concepção de realidade sempre mais

ampla do que as teorias que tentam explicá-la. Trata-se de uma noção pós-moderna denominada de pluralismo, que entende que há múltiplas percepções da verdade e mais de uma teoria válida para a compreensão de qualquer fenômeno (Safran & Messer, 1997). Além disso, a visão atual dos terapeutas abrange uma compreensão da realidade mais ampla nos termos que Morin (2007) denomina de complexidade. Aleatoriedade, imprevisibilidade e desordem dos acontecimentos indicam uma realidade dinâmica e instável que requer o uso da criatividade no contexto profissional. A integração pode ser uma boa saída para o terapeuta contemporâneo alcançar condutas criativas. No sentido descrito aqui, a integração tem como referência o profissional diante de uma realidade desafiadora.

Os participantes também compreendem a integração como diversos tipos de transações entre abordagens. Há transações envolvendo a quebra de isolamento de cada abordagem e a busca da comunicação entre as escolas. Nos diálogos, comunicações e contatos entre as abordagens, podem surgir sugestões para novas direções de pesquisas, auxílio para corrigir defeitos e até ajuda para melhorar o entendimento da própria escola pela visão de conceitos externos. De acordo com Eubanks-Carter e Burckel (2005), a integração trouxe uma perspectiva de transcender as fronteiras das orientações teóricas separadas e vem contribuindo para refinar as teorias sobre o processo terapêutico.

Além dos diálogos que se buscam, existem outros tipos de transações descritas. Seria a constatação de que, na constituição de cada escola e no seu desenvolvimento atual, encontram-se presentes influências de outros sistemas ou abordagens. Aqui, os participantes entendem que as abordagens são sistemas dinâmicos, abertos e em constante transformação. Diferentemente do diálogo que é buscado ativamente, neste caso talvez as influências ocorram imperceptivelmente e são notadas em reflexões posteriores. As abordagens em psicoterapia são sistemas em movimento que são reformulados diante das necessidades atuais dos seus membros e clientela (Bezerra, 2007; Philippi, 2004).

Ainda sobre os sentidos da integração encontrados na pesquisa, os participantes retrataram nas suas narrativas uma interessante distinção entre duas dimensões: necessidade *versus* benefício em relação à integração. Existem as necessidades sentidas como impostas para a integração e os atrativos com promessas de ganhos ao integrar. Existem condições como as deficiências de cada abordagem, as dificuldades em se entender a complexidade humana e os desafios em lidar com a prática que funcionam como demandas fortes para as integrações. De outro lado, temos os fatores que convidam à integração, chamando a atenção para seus benefícios. A perspectiva de ganhos adicionais é vislumbrada, com a espera da adesão dos profissionais que pode ou não ocorrer. No caso das necessidades, os participantes apontam para imperativos que dificilmente deveriam ser desconsiderados, sob a ameaça de atuações profissionais empobrecidas. Por outro lado, os benefícios assinalados parecem conter uma ideia de convite que, se aceito, pode fornecer ganhos suplementares. A distinção entre estas duas dimensões pode fornecer uma diferenciação entre as ações essenciais e ações opcionais em termos de integração.

Existem algumas diferenças importantes entre as reflexões sobre a integração presentes na literatura e os significados da integração nos achados da pesquisa. No Movimento de Integração em Psicoterapia, forte principalmente no meio estadunidense, percebe-se uma conotação bastante pragmática do conceito de integração. As combinações entre abordagens e a exposição do terapeuta a mais de uma forma de pensar a psicoterapia parecem servir a um propósito funcionalista de aumento de desempenho. Lyotard (1979/2013) apontou transformações no saber acadêmico que podem ter ocorrido também na área das psicoterapias. Segundo o autor, a relação entre produtores e usuários do conhecimento tende a assumir formato semelhante ao que os fornecedores e consumidores de mercadorias têm com estas últimas. O ensino superior é agora solicitado a formar competências e não ideais. O conhecimento não serve mais à emancipação humana ou é um fim em si mesmo, mas torna-se regulado pelo critério de desempenho

ou eficiência. A técnica é utilizada para otimizar as performances e para que os objetos oriundos destas performances sejam vendidos. Lyotard (1979/2013), portanto, aponta a subordinação da ciência ao capital. Bourdieu (2004) também alerta para os usos não científicos e econômicos que os homens políticos e os dirigentes financeiros fazem da ciência para legitimar suas ações políticas.

A psicoterapia passou a ser tratada como uma mercadoria talvez devido a pressões socioeconômicas externas como políticas governamentais reguladoras, planos de saúde requerendo respostas sobre efetividade dos tratamentos e consumidores mais informados (Norcross, 2005). O cliente em psicoterapia é descrito como um consumidor que deve ter voz ativa. Na proposta de Miller, Duncan e Hubble (2005), por exemplo, o terapeuta norteia suas ações pelos *feedbacks* do cliente sobre o andamento do processo e os resultados da psicoterapia. Stilles, Shapiro e Elliot (1986) advogam que a percepção do cliente sobre a aliança terapêutica é o fator de maior predição do sucesso da psicoterapia. Lyotard (1979/2013) adverte que os setores de pesquisa que não puderem demonstrar que contribuem para a otimização das performances do sistema capitalista serão fadados a serem abandonados pelos fluxos de financiamento e podem cair na obsolescência.

Na literatura sobre integração encontra-se onipresente a preocupação em aumentar a eficiência do terapeuta como o principal apelo para a busca de legitimação das integrações. O princípio que norteia os adeptos da integração é a busca da otimização da relação entre a seleção de intervenções terapêuticas e os efeitos nas queixas dos clientes (Lemmens, Ridder & Lishout, 1994). Portanto, pode-se concluir que o Movimento de Integração está fortemente regulado pelo critério de desempenho.

A integração pode ser uma saída formulada pelos psicólogos clínicos estadunidenses para lutar contra "as grandes narrativas" a respeito da superioridade de uma ideologia ou uma teoria sobre as outras. Pode ser uma tentativa de profissionais com diversas identidades para

somar forças contra as escolas consagradas com suas instituições e credenciamentos e uma tentativa de fugir do controle da ideologia dominante e dos interesses financeiros estabelecidos.

Dito isto, é importante ressaltar que há um cenário maior em relação à integração. Estas pressões externas podem representar apenas um dos aspectos que fomentaram o desenvolvimento dos esforços integrativos. Entretanto, um risco que se nota aqui é que através da regulação por pressões externas, o campo das psicoterapias pode perder sua capacidade de autonomia. Bourdieu (2004) define campo com um universo que contém os agentes que produzem e reproduzem a arte, literatura ou ciência. No caso do campo científico, trata-se de um mundo social como os outros, mas com regras específicas. Para ter autonomia, o campo das psicoterapias necessita retraduzir e regular as imposições externas de forma que as regras do jogo científico submetam-se à coerência lógica e à verificação experimental (Bourdieu, 2004). A busca incessante da eficiência pode deixar o campo suscetível às demandas externas, reduzindo o domínio das investigações somente pelo critério do desempenho.

Os participantes, por sua vez, relatam dimensões presentes no processo de integração que são novidades em relação à literatura especializada. Necessidades de estudar várias abordagens para contemplar a diversidade pessoal e para satisfazer a curiosidade intelectual são critérios que fogem do pragmatismo e que consideram a valorização do conhecimento como um fim em si mesmo. É sabido que existem também competições e lutas por espaço no mercado no meio brasileiro, como demonstrou o artigo 03. Mesmo com esta ressalva, a concepção do cliente como uma pessoa que merece respeito e consideração é mais presente do que a concepção do cliente como um consumidor exigente.

Alguns informantes que são gestalt-terapeutas (G2, G8, G18, G19, G20 e G22) formularam uma norma paradoxal: a busca de se aprimorar na Gestalt-terapia para superar a Gestalt-terapia. O terapeuta deve se aprimorar cada vez mais para se libertar dos seus conceitos apriorísticos para que a realidade fenomenológica do cliente possa se mostrar. O terapeuta deve ser

não-diretivo, respeitar a singularidade e o ritmo do cliente. Para isto, precisa entender profundamente as bases filosóficas e metodológicas da Gestalt-terapia para compreender a sua prática e seu papel na relação terapêutica. Quando ele entender de uma maneira profunda, poderá superar a própria abordagem, pois a meta é a conexão íntima com o cliente e não a observância e obediência ao método. Cabe ressaltar que é necessário muito aprimoramento para entender que é preciso “nada fazer” para que o cliente se torne figura. Portanto, este exemplo ilustra a busca de uma relação terapêutica sólida que traz em seu bojo a ideia do cliente como uma pessoa e não como um consumidor. Neste caso, a relação com o conhecimento parece ser regulada por critérios como o saber como um fim em si mesmo ou como um caminho para a emancipação humana (Lyotard, 1979/2013). Os psicólogos clínicos brasileiros talvez ainda se encontrem um pouco mais preservados de algumas pressões externas em comparação com o que ocorre no meio estadunidense.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo central a investigação das possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia tendo, como base, as perspectivas de profissionais representantes destas comunidades com perfil de liderança e papel de pioneirismo. Além das convergências e divergências entre as escolas, muitos outros aspectos significativos emergiram no exame da fronteira entre as duas abordagens.

A metodologia adotada, a Teoria Fundamentada nos dados, foi adequada aos propósitos da investigação. A coleta de dados detalhados, em contextos situacionais e sociais relevantes, constituiu uma significativa estratégia da pesquisa (Charmaz, 2009). O modo como os participantes compreendem a abordagem de filiação e a fronteira com a outra escola considerada foi uma diretriz que permitiu a construção de aspectos teóricos desde o início. A Teoria Fundamentada representa uma metodologia de pesquisa qualitativa que fornece caminhos para que se produza análises abstratas dos dados desde o início da pesquisa. Novos dados foram coletados com o objetivo de refinar ou aprofundar questões apontadas pelos dados iniciais.

Desta forma, compreende-se que esta metodologia que busca construir compreensões teóricas novas a partir de situações sociais relevantes, proporcionou a emergência de questões relativas à integração entre abordagens ainda pouco exploradas na literatura. A investigação foi gradativamente ganhando direções analíticas diferentes das questões esperadas inicialmente. Geralmente, os estudos que abordam diálogos entre escolas centram suas análises em aspectos epistemológicos ou técnicos convergentes e divergentes. Na presente pesquisa, por sua vez, a questão inicial da integração entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia foi paulatinamente sendo ampliada para o exame de vários aspectos contidos na fronteira entre estas escolas, a partir das vozes das suas comunidades profissionais. Questões subjetivas, emocionais, sociais, políticas e institucionais emergiram como importantes realidades da relação dos profissionais com os saberes psicológicos.

As reflexões sobre a integração levaram a uma ampliação da compreensão da abordagem de filiação. O espaço da entrevista estimulou a comparação entre o Psicodrama e a Gestalt-terapia e a exploração dos pontos similares e das divergências. O contexto global das psicoterapias envolvendo as outras abordagens foi também considerado. No decorrer das entrevistas, alguns aspectos da abordagem de filiação foram ganhando visibilidade: lacunas teóricas, contradições dos seus membros, algumas disposições implícitas. Safran & Messer (1997) concordam que a exploração refinada de dois ou mais sistemas pode levar a uma melhor compreensão das teorias em diálogo. Bourdieu (2008) também aponta a reflexividade resultante do contato entre ciências. Portanto, a possibilidade de ampliação da compreensão de aspectos das abordagens, que permaneceriam encobertos sem os diálogos epistemológicos, é uma contribuição da presente pesquisa para o campo das psicoterapias. Espera-se que outros estudos sobre a integração como forma de promoção da reflexividade das psicoterapias sejam realizados especificamente com este fim. Apesar dos resultados, o objetivo inicial da pesquisa não foi este.

Diversas vantagens e benefícios decorrentes da integração foram delineados: a viabilidade da construção e consolidação das abordagens através da assimilação de conceitos; o estímulo para o desenvolvimento de novas frentes de pesquisa através de influências externas; a integração como elemento de apoio e segurança do terapeuta diante de realidades complexas e a possibilidade de ofertar atendimentos mais qualificados para a clientela. Todos os ganhos convidam o campo para uma maior abertura para os diálogos entre as abordagens. Além do convite, a integração como operação vital para o campo das psicoterapias foi uma concepção que emergiu gradualmente. Viver isolado é impossível, as trocas são o oxigênio do campo. A constatação de que as abordagens foram elaboradas através de outros conceitos pode estimular futuras pesquisas que objetivem detectar influências de correntes de pensamentos em determinadas abordagens.

A possibilidade de abertura de novas frentes de pesquisa quando duas ou mais abordagens estão sendo comparadas aponta a integração como operação vital para a evolução dos sistemas. O fomento da sensação de empoderamento do profissional que se abre para estudar mais de uma abordagem é uma questão que não deve ser desconsiderada. Por fim, uma clientela melhor atendida através de profissionais com formação mais diversificada pode ajudar na solidificação do ofício da psicoterapia. Ainda, através dos benefícios visualizados, espera-se contribuir para estimular um movimento de integração em psicoterapia no Brasil, tendo em vista que este tema ainda é muito incipiente na comunidade de psicólogos clínicos brasileiros. Por outro lado, o movimento de integração é uma concepção que nasceu no meio estadunidense, que é um contexto profissional e cultural diferente do brasileiro. Talvez, entre os psicólogos brasileiros, a pesquisa aponte a necessidade de se criar um espaço de intradisciplinaridade entre as abordagens, como sugeriu o artigo 04. A adoção da intradisciplinaridade em Psicologia não priorizaria a eficácia do tratamento, como ocorre no movimento de integração, mas estimularia uma livre circulação de estudos e pesquisas entre os profissionais de várias abordagens. Além disso, através do diálogo intradisciplinar, as abordagens poderiam influenciar umas às outras em prol do refinamento teórico e metodológico.

O descompasso entre as integrações individuais realizadas pelos profissionais e as poucas pesquisas sobre o tema na literatura nacional são endereçados aos pesquisadores do campo soando como um convite para reflexões e ações. Uma das razões para a pouca comunicação entre abordagens pode se dar devido ao cenário de forte competição por recursos materiais e simbólicos detectado na pesquisa. Existe uma forte disputa por clientela e alunos nos cursos de formação que se manifesta na desqualificação do outro e enaltecimento da abordagem promovida.

Além dos ganhos potenciais da integração, os dados apontam para algumas regras, critérios e direções que podem nortear a realização de novos intercursos. Existem estágios no processo de integração. Primeiro, é necessário um espaço reflexivo sobre as abordagens em questão: suas semelhanças, divergências e inserção no contexto mais amplo das psicoterapias. Esta etapa prepara o terreno para a integração propriamente dita com trocas efetivas, fertilização por contribuições externas, incorporação de conceitos e estratégias clínicas, tudo balizado por critérios. Para a realização de diálogos bem sucedidos é necessário que exista uma certa unidade ou semelhanças entre as abordagens, que se mantenha a singularidade de cada abordagem, que se observe a transformação do conceito incorporado no novo contexto e que as integrações sejam fundamentadas nas características pessoais do profissional. Assim, foram formulados critérios de natureza epistemológica e outros de natureza pessoal.

Existe, ainda, a diretriz epistemológica de que não é desejável a realização de trocas entre abordagens, mas que outras teorias sejam examinadas para inspirar novos desenvolvimentos na abordagem de filiação. Nos aspectos pessoais, o terapeuta deve estudar teorias que são significativas para ele e tentar fazer uma junção entre o “seu jeito de ser” e os conceitos e técnicas estudados. A integração depende, também, dos contextos de atuação do profissional. Em determinados papéis há maior ou menor adequação para a realização de integrações. Geralmente, nas situações em que o profissional está representando a abordagem - em um curso de formação, por exemplo - é aconselhável ser mais conservador e não proceder à integração.

As questões envolvendo a identidade e o estilo pessoal do terapeuta foram achados significativos. Os aspectos pessoais do terapeuta envolvidos na integração são pouco abordados na literatura. Goldfried (1980) argumenta que as dificuldades dos clientes em construir uma nova visão de mundo são semelhantes às dificuldades dos terapeutas em adotarem a integração como uma nova forma de pensar a psicoterapia. Eubanks-Carter e Burckel (2005) dizem que,

embora a psicoterapia seja um ofício de escuta, os terapeutas não escutam uns aos outros e ignoram o que as outras orientações têm a dizer. Norcross e Halgin (2005) percebem uma tendência do psicoterapeuta iniciante ficar mais preso a uma única abordagem como forma de solidificar sua identidade e manejar sua ansiedade. Estas observações da literatura apontam de maneira esparsa como os aspectos pessoais podem interferir na integração.

Sem a expectativa inicial de investigar este tema, houve a emergência de dados significativos sobre a interação da pessoa do terapeuta com as várias teorias. Experiências de vida, traços de personalidade e acidentes no percurso profissional podem determinar a abertura ou o fechamento para as integrações. A admiração e a identificação com os conceitos produzem um forte enraizamento com a abordagem de filiação, que é vivida como algo que preenche necessidades profissionais e até mesmo existenciais. A relação pessoal com os conhecimentos psicológicos revela que a escolha e a permanência na abordagem tem ligação com questões de preferência pessoal ou de identidade, o que pode tirar o foco da busca de superioridade entre abordagens e melhorar os espaços de interface.

Além disso, existem processos sociais que se interrelacionam com os processos pessoais como a rivalidade presente no relacionamento entre comunidades, por exemplo. A partir destes achados, posteriores pesquisas podem ser realizadas no intuito de aprofundar mais a relação entre as questões pessoais e sociais envolvidas na integração. Seria interessante entender melhor o processo de desqualificação do outro que, de acordo com os dados da pesquisa, é alimentado pela forte conexão com a abordagem de filiação e com disputas acadêmicas e de mercado.

As distinções entre algumas dimensões envolvidas na integração proporcionaram um refinamento compreensivo do processo integrativo. Isso possibilita a visualização separada de alguns aspectos, permitindo incursões analíticas em algumas partes do processo. Reflexões parciais podem ser mescladas com reflexões globais, ampliando níveis de análise e

enriquecendo o alcance compreensivo do processo integrativo. Por exemplo, houve a emergência de uma nova organização dos dados a partir da distinção entre aspectos pessoais – mencionados acima – e aspectos do campo. As condições do campo referem-se aos aspectos estruturais como a cultura clínica e o clima, contendo valores, regras explícitas e implícitas no interior das comunidades profissionais, universidades e institutos de formação. Estes dois domínios podem ser estudados separadamente para a investigação da maneira pela qual interferem nas possibilidades de integração entre duas ou mais abordagens. A ressalva de que existe uma interdependência entre eles pede uma concomitante análise desta interrelação. Outra distinção anteriormente mencionada - aspectos epistemológicos das abordagens *versus* aspectos pessoais do terapeuta – também pode privilegiar diferentes segmentos de análise.

Os achados da pesquisa devem ser compreendidos como sendo específicos ao grupo de psicodramatistas e gestalt-terapeutas entrevistados. Conforme já mencionado, a amostra é formada por profissionais experientes, donos de institutos de formação, com percurso reconhecido em suas comunidades; alguns com papel de pioneirismo, muitos exercendo atividades de docência e produção intelectual. Perspectivas diferentes poderiam ter sido abertas caso fossem estudados diferentes perfis de profissionais como aqueles que exercem somente a psicoterapia, profissionais que atuam em áreas da Psicologia diferentes da clínica, recém-formados, dentre outros. Apesar da especificidade da amostra, o perfil de liderança exercido pelos participantes pode levar à conclusão de que os dados representam um segmento importante das ideias presentes nas comunidades psicodramática e gestáltica. Muitos aspectos podem ser úteis para nortear posteriores investigações sobre integrações entre outras abordagens.

A partir das reflexões suscitadas no presente trabalho, uma agenda de sugestões de novas pesquisas é endereçada aos pesquisadores do campo das psicoterapias com os seguintes objetivos:

- ✓ Investigar as fronteiras entre outras abordagens ou entre abordagens epistemologicamente distantes;
- ✓ Pesquisar as possíveis transformações de determinada abordagem desde a fundação até o momento atual;
- ✓ Investigar influências de correntes de pensamentos ou teorias em determinada (s) abordagem (ns);
- ✓ Estudar a integração como possibilidade de ampliar a reflexividade sobre determinada abordagem;
- ✓ Investigar de que maneira o tema da integração está sendo trabalhado na formação dos psicólogos nos níveis de graduação e pós-graduação;
- ✓ Buscar refinar a compreensão dos processos subjetivos e sociais implicadas na relação dos profissionais com as teorias psicológicas.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, W. C. (2006). *Psicoterapia aberta. O método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise*. São Paulo: Àgora.
- Almeida, W. C. (2012). *Rodapés psicodramáticos: subsídios para ampliar a leitura de J.L. Moreno*. São Paulo: Àgora.
- Bezerra, M. E. S. (2007). *Um estudo crítico das terapias fenomenológico-existenciais: Terapia Centrada na Pessoa e Gestalt-terapia*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Social, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Blatner, A & Blatner, A. (1996). *Uma visão global do Psicodrama. Fundamentos históricos, teóricos e práticos*. São Paulo: Àgora.
- Bourdieu, P. (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora Unesp.
- Bourdieu, P. (2008). *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70.
- Calderoni, C. R. (2010). *Compatibilidades entre o Psicodrama de Moreno e a Daseinsanalyse de Boss na Prática Psicoterapêutica*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Cardoso, C. L. (1999). Aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos da Gestalt-Terapia. *Revista Psique*. Belo Horizonte: Revista Unicentro Newton Paiva.
- Cardoso, C. L. (2013). A face existencial da Gestalt-terapia. In M. M. Frazão & K. O. Fukumitsu, *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosófica* (pp. 59-75). São Paulo: Summus.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Contro, L. (2011). *Psicossociologia crítica: a intervenção psicodramática*. Curitiba, Editora CRV.

- Costa, M. I. M. (2003). *A prática da psicoterapia infantil a partir do referencial teórico do Psicodrama, Gestalt-terapia e Centrada na Pessoa, sob a ótica de Bermúdez, Ferrari, Oaklander e Axline*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- Costa, W.G. (1996). *Socionomia como expressão de vida: um modelo de sistematização da teoria de Moreno*. Fortaleza: Fundação de Estudos e Pesquisas Socionômicas do Brasil.
- Costa, W. G. (1999). A socionomia como tecnologia de gestão: metodologia de trabalho com vínculos nas organizações. *Linhas Críticas*, 4 (7-8), 57-70.
- Cukier, R. (1998). *Sobrevivência emocional: as dores da infância revividas no drama adulto*. São Paulo: Àgora.
- D'Acri, G, Lima, P. & Orgler, S. (2007). *Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus.
- DeRobertis. E. M. (2013). Humanistic Psychology: Alive in the 21st Century? *Journal of Humanistic Psychology*.53(4), 419-437.
- Eubanks-Carter, C & Burckel, L. A. (2005). Future directions in Psychotherapy Integration. In M. R. Goldfried and J. C. Norcross (Eds.), *Handbook of psychotherapy integration* (2nd ed.) (pp. 503–521). New York: Oxford University Press.
- Ferreira Neto, J. L. F. (2004). *A formação do psicólogo. Clínica, social e mercado*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. M. (2009). *Revisitando as psicologias. Da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fonseca, J. (2000). *Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo*. São Paulo : Àgora.

- Frazão, L. M. & Fukumitsu, K. O. (2013). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. São Paulo: Summus.
- Freud, S. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 21, p. 75-171.
- Ginger, S. & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus.
- Glaser, B. & Strauss, A. L. (1967). *The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research*. Chicago: Aldine Publishing Company.
- Gold, J. e Stricker, G. (2006). Introduction: an overview of psychotherapy integration. IN: G. Stricker & J. Gold, (eds), *A Casebook of Psychotherapy Integration* (pp. 03-16). Washington, DC: American Psychological Association.
- Goldfried, M. R. (1980). Toward the delineation of therapeutic change principles. *American Psychologist*, 35 (11), 991-999.
- Goldfried, M. R. (1982). On the History of Therapeutic Integration. *Behavior Therapy*. 13 (1), 572-593.
- Hawkins, P.J. & Nestoros, J. N. (1997). Beyond the dogmas of conventional psychotherapy: the integration movement. In P. J. Hawkins & J. N. Nestoros, *Psychotherapy: New Perspectives on Theory, Practice, and Research* (pp.01-68). Athens: Ellinika Grammata.
- Heath, H. & Cowley, S. (2004). Developing a grounded theory approach: a comparison of Glaser and Strauss. *International Journal of Nursing Studies*.41 (1), 141-150.
- Heidbreder, E. (1993). *Psicologias do Século XX*. São Paulo: Mestre Jou.
- Hickman, E. E., Arnkoff, D. B., Glass, C. R., & Schottenbauer, M. A. (2009). Psychotherapy integration as practiced by experts. *Psychotherapy (Chicago, Ill.)*, 46(4), 486–91.
- Kuhn, T. S. (1970/2011). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Lemmens, F., Ridder, D. De, & Lieshout, P. Van. (1994). The Integration of Psychotherapy : Goal or Utopia ?, *Journal of Contemporary Psychotherapy*24(4), 245–257.

- Lima, P. V. A. (2013). A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. In M. M. Frazão & K. O. Fukumitsu, *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*(pp. 145-156). São Paulo: Summus.
- Lyn, R. & Morse, J. M. (2013). *Readme First for a user's guide to Qualitative Methods*. Los Angeles, EUA, Sage Publications.
- Lyotard, J.F. (1979/2013). *A condição pós-moderna*. (15a ed.). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Malaguth, M. (2013). A Psicologia Humanista e a Abordagem Gestáltica. In M. M. Frazão & K. O. Fukumitsu, *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*(pp. 76-98). São Paulo: Summus.
- Marineau, R. F. (1992). *Jacob Levy Moreno, 1889-1974. Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo*. São Paulo: Ágora.
- Marquis, A., & Wilber, K. (2008). Unification beyond eclecticism and integration: Integral psychotherapy. *Journal of Psychotherapy Integration*, 18(3), 350–358.
- Mendonça, A. L. O. & Videira, A. A. P. (2007). Progresso científico e incomensurabilidade em Thomas Kuhn. *Scientiae studia*. 5(2), 169-183.
- Merengué, D. (2001). *Inventário de afetos: inquietações, teorias, psicodramas*. São Paulo: Ágora.
- Milanello, M. (2005). *Moreno e Winnicott: aproximações*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Miller, S. D., Duncan, B. L., & Hubble, M. A. (2005). Outcome-informed clinical work. In: J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds.). *Handbook of psychotherapy integration* (pp. 84-102). New York: Oxford University Press.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (1983). *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus.

- Morin, E. (2005). *O método 3: conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Motta, J. C. M. (2008). *Psicodrama brasileiro: histórias e memórias*. São Paulo: Àgora, 2008.
- Naffah-Neto, A. (1997). *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus Editora.
- Norcross, J. C. (Ed.) (1995). A roundtable on Psychotherapy Integration. Common Factors, Technical Eclecticism and Psychotherapy Research. *Journal of Psychotherapy, Practice and Research*, 4 (5), 248-271.
- Norcross, J. C. (1997). Emerging breakthroughs in psychotherapy integration : three predictions and one fantasy. *Psychotherapy*, 34(1), 86-90.
- Norcross, J. C. (2005). A Primer on Psychotherapy Integration. In J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds), *Handbook of psychotherapy integration* (2nd ed.) (pp. 3-23). Oxford series in clinical psychology, New York, NY, US: Oxford University Press.
- Norcross, J. C. & Halgin, R. P. Training in Psychotherapy Integration. In J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds), *Handbook of psychotherapy integration* (2nd ed.) (pp. 439-458). Oxford series in clinical psychology, New York, NY, US: Oxford University Press.
- Osório, L. C. (2003). *Psicologia grupal: uma nova disciplina para o advent de uma nova era*. Porto Alegre: Artmed.
- Paris, J. (2013). How the history of psychotherapy interferes with integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23(2), 99–106.
- Perls, F.S. (1977). *Isto é Gestalt*. São Paulo: Summus.
- Perls, F.S. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus.
- Perls, F.S. (1988). Ir e vir, psicodrama e confusão. Em F.S. Perls, *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* (pp. 98-113). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Perls, F., Hefferline, R. & Goodman, P. (1997). *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.

- Philippi, M.M. (2004). *Co-construindo Pontes entre a Gestalt-terapia e as Terapias Sistêmicas Construtivistas Construcionistas Sociais: Subjetividade e Intersubjetividade em Questão*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília, Brasília.
- Pidgeon, N. & Henwood, K. (2009). Grounded Theory. In: Bryman, A. & Hardy, M. A. *Handbook of data analysis* (pp.625-648). London, England. Sage Publications.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus.
- Rodrigues, H. E. (2000). *Introdução à Gestalt-Terapia. Conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica*. Petrópolis: Vozes.
- Rodrigues, H. E. (2013). Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt-terapia. In M. M. Frazão & K. O. Fukumitsu, *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*(pp. 114-144). São Paulo: Summus.
- Rosa, E. Z. & Kahhale, E. M. P. (2011). Psicologia Humanista: uma tentativa de sistematização da denominada terceira força em Psicologia. In E. M. P Kahhale (org.), *A diversidade da Psicologia: uma construção teórica* (pp. 235-258). São Paulo: Cortez.
- Rubini, C. J. (1995). O conceito de papel no Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 03 (1), 45-62.
- Safran, J. D. & Messer, S. B. (1997). Psychotherapy Integration: A Postmodern Critique. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 4(2), 140–152.
- Stiles, W. B., Shapiro, D. & Elliott, R. (1986). Are all psychotherapies equivalent? *The American psychologist*, 41(2), 165–80.
- Stricker, G. (1996), Psychotherapy Integration: An Assimilative, Psychodynamic Approach. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 3: 47–58.

- Stricker, G. & Gold, J. (2005). Assimilative Psychodynamic Psychotherapy. In J. C. Norcross & M. R. Goldfried (Eds), *Handbook of psychotherapy integration* (2nd ed.) (pp. 221-240). Oxford series in clinical psychology, New York, NY, US: Oxford University Press.
- Stricker, G. (2010). A second look at psychotherapy integration. *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 397–405.
- Vieira, É. D. (2009). Psicodrama: Introdução à Teoria, Prática e Pesquisa. *Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro*, 13 (1), 88-93.
- Wachtel, P. L. (2010). Psychotherapy integration and integrative psychotherapy: Process or product? *Journal of Psychotherapy Integration*, 20(4), 406–416.
- Wulf, R. (1998). The Historical roots of Gestalt Therapy Theory. *The Gestalt Journal*, 21 (1), 81-96.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1069 ● Sator Universitário  
Caixa Postal 06 ● CEP 74605-010  
Goiânia ● Goiás ● Brasil  
Fone: (62) 3946.1070 ● Fax: (62) 3946.1070  
www.pucgoias.edu.br ● prope@pucgoias.edu.br

Registro CEP 1724/2011

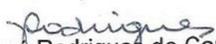
### DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que o Projeto **Investigando possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-Terapia**, coordenado pelo (a) pesquisador (a) **Érico Douglas Vieira** foi cadastrado no Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (CEP-SGC/PUC Goiás) sob o **CAAE 0033.0.168.000-11**, em 23/03/2011 e **aprovado** em 01/06/2011.

- CEP-SGC/PUC Goiás pode, a qualquer momento, fazer escolha aleatória de estudo em desenvolvimento para avaliação e verificação do cumprimento das normas da Resolução 196/96 (Manual Operacional Para Comitês de Ética em Pesquisa – item 13).
- Informamos que é obrigatória a entrega do relatório de acompanhamento da pesquisa, conforme a categoria de pesquisa realizada, em cumprimento da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.
- Modelo do relatório de acompanhamento da pesquisa se encontra no site do Comitê de Ética <http://www.pucgoias.edu.br/cep> - modelos documentos.

#### Categorias de pesquisa

TCC: Final da pesquisa  
Especialização: Final da pesquisa  
Mestrado: Relatório anual e final  
Doutorado: Relatório anual e final  
Outros: Relatório anual e final

  
Prof. Dr. José Rodrigues do Carmo Filho  
Coordenador do CEP-SGC/PUC Goiás

Goiânia, 01 de junho 2011.

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Érico Douglas Vieira, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é a Psicologia.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o(s) pesquisador(es) responsável(is) Érico Douglas Vieira nos telefones: (64) 8111-7051 e (64) 3606-8127.

Em casos de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC GOIÁS, nos telefones: (62) 3946-1000/3946-1005.

### INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

-**Pesquisa:** Investigando as possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Gestalt-Terapia.

- **Objetivo geral:** Investigar as possibilidades de integração entre o Psicodrama e a Abordagem Gestáltica a partir do olhar dos profissionais das abordagens.

Esta pesquisa pretende investigar as possibilidades de integração entre conceitos, técnicas e práticas do Psicodrama e da Gestalt-Terapia, a partir da experiência dos profissionais que atuam nestas abordagens. Para participar deste estudo será solicitada a você uma especial colaboração em responder uma entrevista gravada sobre questões pertinentes às possibilidades de integração entre as duas abordagens.

Pode haver algum desconforto em expor alguns aspectos de sua vida profissional. Os riscos serão minimizados com os devidos cuidados necessários na condução da entrevista por parte do pesquisador. É importante assinalar que haverá a oportunidade de interromper a entrevista a qualquer momento, caso sinta algum desconforto. Caso aconteçam riscos imprevistos, como ansiedade experimentada durante o relato, o próprio pesquisador pode realizar um atendimento de acolhimento ao participante. O pesquisador tem uma formação clínica que possibilita esta assistência.

Existe a possibilidade, após a participação no estudo, de que você possa alcançar uma melhor compreensão de aspectos relacionados à sua trajetória profissional. Importante salientar que tal fato pode não ocorrer. A entrevista pode ser um espaço de alívio e prazer em relatar experiências pessoais e profissionais bem como de reflexão sobre o futuro.

Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e também não receberá pagamento pelo mesmo. A sua identidade será mantida em sigilo. Os resultados do estudo serão sempre apresentados como o retrato de um grupo e não de uma pessoa. Dessa forma, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de

publicação científica ou educativa. O pesquisador protegerá e assegurará a privacidade das informações arquivando as gravações das entrevistas e conservando-as em local de acesso restrito ao pesquisador.

Caso se sinta prejudicado ou lesado, você terá direito a pleitear uma indenização recorrendo aos meios jurídicos necessários. Há a garantia expressa de sua recusa a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Nome e Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

Local e data: \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura do sujeito: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – Roteiro de entrevista

- 1) Você pode contar sobre suas primeiras experiências de atuação na sua abordagem?
- 2) Sua forma de compreensão da sua abordagem foi amadurecendo? Houve mudanças na sua visão? Quais foram?
- 3) Como foi seu primeiro contato com esta abordagem?
- 4) Você teve outros contatos com a outra abordagem? Como foram?
- 5) Você convive com profissionais desta outra abordagem?
- 6) Qual a sua visão desta outra abordagem? Fale sobre aspectos que você admira e aspectos que não te agradam.
- 7) Você percebe semelhanças entre a sua abordagem e a outra? Quais.
- 8) E quais são as diferenças mais importantes entre as duas?
- 9) A outra abordagem possui alguma atitude, algum conceito, alguma estratégia clínica ou alguma técnica que poderia enriquecer sua abordagem?
- 10) Você enxerga alguma atitude, algum conceito, alguma estratégia clínica ou alguma técnica típica da sua abordagem que na sua opinião poderia enriquecer a outra abordagem?

APÊNDICE C – Tabela completa com categorias, subcategorias e códigos

*Tabela 06. Categorias, subcategorias e códigos*

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	CÓDIGOS
CONDIÇÕES FACILITADORAS DE INTEGRAÇÃO	A própria abordagem possui uma abertura integrativa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A própria abordagem é construída pela integração de conceitos e realizou integrações desde então</li> <li>-A própria abordagem (Gestalt-terapia) foi fruto de uma dissidência da Psicanálise</li> <li>- Percebe a influência do teatro nas ideias de Perls</li> <li>-A própria abordagem permite integrações com outras propostas terapêuticas</li> <li>-A própria abordagem possui abertura para as integrações pessoais do terapeuta</li> <li>-A própria abordagem absorveu influências de outras</li> </ul>
	As duas abordagens possuem pontos em comum	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os experimentos utilizados na Gestalt são uma variação das dramatizações no psicodrama</li> <li>-O Psicodrama e a Gestalt se encontram nas suas bases filosóficas</li> <li>- O Psicodrama e a Gestalt se encontram ao valorizar a vivência e a experiência</li> <li>- A vertente original da Gestalt-terapia se encontra com o Psicodrama ao valorizar a vivência e a experiência</li> <li>- O Psicodrama e a Gestalt se desenvolveram em oposição à tendência intelectualista em psicoterapia</li> <li>- O trabalho de grupos como fator em comum</li> <li>- O Psicodrama e a Gestalt se encontram ao valorizar a intersubjetividade</li> <li>- O Psicodrama e a Gestalt oferecem uma relação mais horizontal entre terapeuta e cliente</li> <li>- O psicodrama e a Gestalt se encontram ao valorizar a experiência presente</li> <li>- O Psicodrama e a Gestalt se encontram nos aspectos pragmáticos</li> <li>- Fator em comum que encontrei primeiro na outra abordagem facilitou o caminho para a minha</li> <li>- Aspecto em comum encontrado primeiro na própria abordagem, atraiu profissional para outra</li> <li>-Paralelos entre conceitos das duas abordagens</li> <li>-A Gestalt utiliza recurso técnico semelhante, mas com terminologia diferente</li> <li>-Afinamento da própria abordagem (Psicodrama) conduz à semelhança com a outra</li> <li>- O Psicodrama e a Gestalt se encontram no clima de contracultura, desta forma perdem espaço na atualidade</li> <li>-O Psicodrama e a Gestalt se encontram ao enfatizarem a tendência ao crescimento pessoal</li> <li>-O Psicodrama e a Gestalt têm bases filosóficas semelhantes, mas caminhos teóricos diferentes</li> <li>- A outra abordagem realiza aspecto essencial da própria –Profissional percebe semelhanças entre os precursores das duas abordagens</li> <li>-Valorização do trabalho com grupos</li> <li>- Entende que a concretização e a ação promovem a ressignificação</li> </ul>

<p>CONDIÇÕES FACILITADORAS DE INTEGRAÇÃO (continuação)</p>	<p>Percepção de falhas da própria abordagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A própria abordagem prioriza o indivíduo e a outra prioriza o grupo</li> <li>- Crítica vertente determinista da própria abordagem</li> <li>-A própria abordagem pode ser traumática e invasiva</li> <li>-Crítica a emotividade da própria abordagem</li> <li>-Preocupação com eficácia e com foco no consumidor exige a reformulação da própria abordagem</li> <li>-Própria abordagem tinha limitações nos trabalhos iniciais com grupos</li> <li>-Própria abordagem hermética teoricamente</li> <li>-Incomoda a falta de fundamentação filosófica da própria abordagem</li> <li>-Concretização da experiência pode ser contra terapêutica</li> <li>-Percebe a própria abordagem como tecnicista</li> <li>-Percebe a própria abordagem como contra terapeuticamente rígida, mais diretiva, fechada</li> <li>-Própria abordagem frágil teoricamente</li> <li>-O Psicodrama perde espaço na atualidade devido ao excesso de pragmatismo</li> <li>- A própria abordagem perde seu potencial ao se distanciar da maneira original</li> <li>-A essência da própria abordagem está no cultivo dos fundamentos filosóficos, o excesso atual de pragmatismo é prejudicial</li> <li>- Tensão entre prática autoritária e filosofia libertária na Gestalt</li> <li>- Os profissionais da própria abordagem deveriam se aprimorar mais</li> <li>-Outra vertente da própria abordagem é traumática e invasiva</li> <li>-Outra vertente da própria abordagem é pobre teoricamente</li> <li>-Aspectos pessoais do precursor determinam face invasiva da própria abordagem</li> </ul>
	<p>-Ampliação da prática clínica através da integração</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Todos os sistemas têm contribuições importantes para o entendimento da complexidade humana</li> <li>-A complexidade da prática estimula abertura para conhecer outro(s) sistema(s)</li> <li>-A complexidade da realidade facilita a percepção de pontes entre abordagens</li> <li>-A complexidade da prática demandou diálogos entre abordagens</li> <li>-Deficiências na própria abordagem estimulam buscas pessoais de integração</li> <li>-Complexidade humana demanda costurar diferentes abordagens</li> <li>-Conexão com o cliente exige a transcendência dos modelos teóricos</li> </ul>

RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE E ABORDAGEM	-Vivências profissionais pró-integração	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encantamento pela outra abordagem</li> <li>-Necessidade de cultivo de humildade intelectual facilita a integração</li> <li>-Diversidade da experiência interior demanda costurar diferentes abordagens</li> <li>-Entrou em contato com diversidade desde cedo na carreira</li> <li>-Início da trajetória profissional na outra abordagem</li> <li>- Percebe a retomada de contato com a outra abordagem como fator positivo</li> <li>-Primeira incursão na própria abordagem foi insatisfatória</li> <li>-Influência de alguém importante que mostrou a possibilidade de integração</li> <li>-Identidade profissional construída a partir de incursão em vários sistemas</li> <li>-Incursão em vários sistemas que sintonizam com a identidade</li> <li>-Deficiências na formação profissional estimulam buscas por outras abordagens</li> <li>-Integração permite continuar fiel ao modelo de preferência emocional, sem sofrer pelas limitações deste modelo</li> <li>-Crescimento na própria abordagem demandou investimento</li> <li>-Atividade acadêmica estimula abertura para conhecer outro(s) sistema(s)</li> <li>-Busca de aperfeiçoamento facilita a percepção de pontes entre abordagens</li> <li>- A vivência concreta foi determinante na escolha da abordagem</li> <li>- O trabalho com grupos foi determinante na escolha da abordagem</li> <li>-Necessidade de cultivo de aspectos pessoais transcende as abordagens</li> </ul>
	-Vivências profissionais anti-integração	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escolha determinada pelo respeito que a abordagem mostra ao cliente</li> <li>- Admiração pela própria abordagem</li> <li>-A própria abordagem rompe com o indivíduo isolado</li> <li>-A minha abordagem contribui para ampliar a prática do psicólogo</li> <li>-Escolha determinada pelos pressupostos filosóficos</li> <li>-Escolheu a abordagem por sentir maior espontaneidade</li> <li>-Amparo metodológico atrai o profissional</li> <li>-A trajetória na abordagem preenche necessidades pessoais e profissionais</li> <li>-Formação profissional embasa o afinamento da própria abordagem</li> <li>-Percepção de maior aprofundamento na própria abordagem possibilitou a reconciliação</li> <li>-Persistência pessoal ajuda no aprofundamento na abordagem</li> <li>-Sente necessidade de coerência entre a pessoa e os aspectos filosóficos da própria abordagem</li> </ul>
OBSTÁCULOS À INTEGRAÇÃO	-A outra abordagem não pode complementar a minha	<ul style="list-style-type: none"> <li>-A vertente original da Gestalt-terapia se encontra com o psicodrama ao valorizar a vivência e a experiência</li> <li>-Influência da outra abordagem produziu uma vertente invasiva da própria</li> <li>-Psicodrama e a Gestalt se encontram na insuficiência teórica quanto a uma teoria de personalidade</li> <li>-Ambas as abordagens são demasiadamente emotivas</li> <li>-Os profissionais das duas abordagens são superficiais</li> <li>-A falta de foco das abordagens desrespeita o cliente</li> </ul>
	-Integração empobreceria ambas as abordagens	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Percebe riscos de integrações mal sucedidas</li> <li>-As duas abordagens não se encontram em seus conceitos teóricos</li> <li>-Falta de possibilidades de conexões impedem a integração</li> <li>- Integração com outra abordagem descaracteriza a própria abordagem</li> <li>-Considera ecletismo técnico como algo indesejável</li> <li>-Enfraquecimento da própria abordagem em recorrer às outras para superar desafios</li> </ul>

OBSTÁCULOS À INTEGRAÇÃO (continuação)	-As exigências da profissão promovem o desenvolvimento em isolamento	-Não há movimento organizado de integração no Brasil -Pertencimento institucional dificulta a integração -Fechamento dentro das abordagens limita oportunidades de integração no Brasil - Condições de poder acadêmico impedem o intercâmbio -Os profissionais são integrativos na prática, mas falta um reconhecimento disto
	-A identificação com a própria abordagem implica depreciação da outra	- A outra abordagem é mais rápida e superficial. a própria é mais profunda e demorada, mas isto incomoda aos clientes -Percebe a outra abordagem como superficial - A Gestalt supera o Psicodrama na liberação do indivíduo dos condicionamentos sociais -A própria abordagem pode deixar de ser diretiva no resgate de alguns pressupostos filosóficos, a outra abordagem carece de recursos para tal - A própria abordagem trabalha o processo e a outra trabalha o conteúdo - Percebe a outra abordagem como insuficientemente pragmática - Percebe a outra abordagem como contra terapêuticamente rígida, mais diretiva, fechada -A outra abordagem não favorece o contato experiencial - Considera que a outra abordagem confunde o cliente -Considera que a outra abordagem alimenta psicopatologia - Profissional se identifica com afastamento da própria abordagem da outra - A própria abordagem construiu conceitos mais amplos no trabalho com grupos -A própria abordagem utiliza-se da dimensão espacial e do corpo e a outra, não -A concretização da experiência pode ser contra terapêutica - Desvaloriza falta de estrutura da outra abordagem -A própria abordagem se adapta mais às características pessoais do profissional em comparação à outra - Na própria abordagem o terapeuta se envolve e a outra é tecnicista - O fator terapêutico em comum é trabalhado melhor na própria abordagem
CAMINHOS E HORIZONTES DA INTEGRAÇÃO	-Benefícios de integrações para a prática profissional	-Incurso em outro sistema teórico amplia visão do profissional -Integração com outra cultura pode ampliar atuação do terapeuta -A minha prática pode integrar aspectos da outra abordagem -Diálogo entre abordagens amplia a prática do profissional
	-Caminhos para a integração	-Cada abordagem tem pontos de conexões e pontos fechados -Avaliar os pontos pertinentes para a integração -Interfaces e sinergias de concepções como critério de possibilidades de integração -Busca de um conceito em comum -Necessidade de personalizar as amarrações entre teorias -Profissional seleciona contextos apropriados para a integração -As integrações devem ter como ponto de partida as experiências práticas -Integração entre abordagens acontece espontaneamente no trabalho prático -Característica pessoal como aspecto facilitador para integração - Integração não exclui visão crítica -Integração deve ser feita respeitando e incluindo as teorias e pressupostos filosóficos das abordagens) -A dinâmica de assimilação e acomodação (conceitos importados podem sofrer uma radical transformação) -Recomenda diálogos e não integrações entre abordagens

<p>CAMINHOS E HORIZONTES DA INTEGRAÇÃO (continuação)</p>	<p>-Benefícios de integrações para as abordagens</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Afinamento da própria abordagem a partir do contato com outros sistemas</li> <li>-A outra abordagem tem contribuições a oferecer</li> <li>-Outras abordagens contribuem para a própria apontando direções de pesquisas</li> <li>-A prática da outra abordagem pode complementar a teoria da minha</li> <li>-A estrutura da outra pode corrigir a falta de diretividade da minha</li> <li>-A teoria da outra abordagem pode complementar a prática da minha</li> <li>-O manejo clínico menos diretivo pode corrigir a rigidez da outra abordagem</li> <li>-A própria abordagem pode contribuir com a outra através de uma atitude mais descritiva</li> <li>-As duas abordagens se complementam</li> <li>-A própria abordagem pode oferecer fundamentos filosóficos para a outra</li> <li>- A dramatização do Psicodrama realiza aspecto essencial da Gestalt</li> <li>-A Gestalt ajuda o Psicodrama a se adaptar ao trabalho clínico individual</li> <li>-A busca por uma fundamentação teórica oferece oportunidade de integração</li> <li>-A própria abordagem influencia as outras abordagens</li> <li>-Percebe abertura integrativa em outro sistema</li> <li>-Percebe a constante transformação das abordagens</li> <li>- As abordagens são internamente diversas</li> <li>- A própria abordagem influencia outras abordagens</li> <li>-A própria abordagem influencia e é influenciada por outras abordagens</li> <li>-A própria abordagem estimulou o florescimento de outras abordagens no Brasil</li> </ul>
--	--	---